

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

DE BAR EM BAR:
Identidade Masculina e Auto-segregação entre
Homens de Classes Populares.

DENISE FAGUNDES JARDIM

Dissertação submetida
como requisito parcial para
obtenção do grau de
MESTRE em Antropologia
Social da Universidade
Federal do Rio Grande do
Sul.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. ONDINA FACHEL LEAL
PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 1991.

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa etnográfica a respeito da construção social de identidade masculina em classes populares. O universo escolhido são os bares localizados no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre, os quais são denominados como butecos, locais onde a frequência é predominantemente masculina. Em um bairro ocupado por diferentes grupos sociais, estes homens encontram-se auto-segregados. São locais onde investem grande parte de seu tempo lúdico, nos intervalos do trabalho ou antes do retorno ao espaço doméstico. A partir de suas diferentes falas, busco compreender os dilemas e atitudes constituidores de sua identidade de gênero.

ABSTRACT

This work is the result of an ethnographic research about the social construction of male identity among working class people. The universe of research is the butecos or bares, shops that sell beverages, at a district of Porto Alegre called Cidade Baixa. These butecos are places of male reunion. In this socially heterogeneous district these men segregate themselves. These are places where the men spend most of their non-working time, away from their homes. I try to understand their dilemmas, attitudes, and their different speeches, which establish their gender identity.

Para

**Mário, Scylla
e Vinícius.**

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	06
<u>O Pós-fácio Possível (junho/2006).....</u>	<u>11</u>
Capítulo I - A CULTURA DO OUTRO.....	14
1.1. As Fronteiras Simbólicas.....	17
1.2. Entre os Vários Conceitos de Cultura.....	31
1.3. Cultura Masculina e Questões Relacionadas com a Construção de Gênero.....	40
Capítulo II - O BAIRRO, OS BARES, OS HOMENS.....	51
2.1. A Historiografia do Bairro.....	53
2.2. Uma Etnografia do Bairro.....	68
Capítulo III - OS HOMENS NOS <i>BUTECOS</i>	89
3.1. Uma Mesa, um Homem, uma Bebida.....	93
3.2. Estar entre Homens.....	102
3.2.1. O Riso e os Corpos.....	104
3.2.2. O Corpo Masculino.....	112
3.3. Atitudes de Homem entre Homens.....	115
3.3.1. Tornar-se Homem.....	119
3.3.2. Provar-se Homem.....	127
3.4. Os Jogos e Desafios Verbais.....	133

Capítulo IV - AS REPRESENTAÇÕES MASCULINAS SOBRE AS MULHERES.....	143
4.1. As Mulheres nos <i>Butecos</i>	148
4.2. A Ausência e Presença Simbólica da Mulher.....	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	167
ANEXO.....	177

DE BAR EM BAR:

Identidade Masculina e Auto-segregação entre Homens de Classes Populares.

INTRODUÇÃO:

Abro a gaveta e salta uma palavra:
dança sedutora sobre o meu cansaço,
veste-se de indefinições, retorce-se
no labirinto das ambigüidades.
Tento uma geometria que a contenha
no espaço entre dois silêncios quaisquer
mas ela inventa o que faço: peso de fruta
no sono da semente, assiste a minha luta,
belo enigma. Eu, mediação incompetente.

Lya Luft.

A presente dissertação consiste em um estudo sobre a construção social de identidade masculina entre homens de classes populares, tomando como universo de pesquisa um espaço onde os homens encontram-se auto-segregados: os bares situados no bairro Cidade Baixa na cidade de Porto Alegre.

Este trabalho visa contribuir para os estudos sobre a construção social de gênero em classes populares na medida em que busca um outro lado - os homens - que estão relativamente ausentes do espaço doméstico. O bairro em questão, congrega diferentes grupos sociais e detém uma formação histórica específica relacionada a expansão populacional da cidade, e a um processo de periferização de seus moradores. Neste local, marcado pela diversidade em sociedades complexas, local de encontro de vários grupos sociais e de construção de territorialidades, percebo nos chamados *butecos*, diferentes redes de relações em que homens de classes populares estão inseridos, construindo seu espaço social e produzindo significados.

Trabalho no sentido de uma etnografia da fala. A partir de diferentes falas produzidas neste espaço social busco entender os referenciais da construção social da masculinidade. Analiso as falas, atitudes e dilemas expressos entre homens, com relação a produção de sua auto-imagem. Diferente de uma gramática no sentido de uma estrutura de pensamento, as falas são o momento de atualização e negociação de um repertório que será, necessariamente, sempre mais vasto.

Desta forma, minha experiência de trabalho de campo - meu olhar posicionado e de estranhamento às situações vivenciadas em campo - é constituidor desta pesquisa. O trabalho etnográfico detém esta especificidade na medida em que é necessário ao pesquisador não só ir à campo, mas perceber as relações onde este se insere, e retornar a descrição daqueles que escolheu como pesquisados. Neste sentido, como pesquisadora este estudo baseia-se em um método clássico da antropologia - a observação participante - e diferentes técnicas de pesquisa, as entrevistas com roteiros abertos, relatórios e minhas impressões escritas em forma de diário de campo. São estes os produtos desta pesquisa, o que tratamos como "dados etnográficos". Estes procedimentos metodológicos detêm outra característica, são também produtores de significados, um processo de comunicação que instaura uma situação única entre pesquisadora e pesquisados. Este trabalho é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada de 1990 a 1991, compreendendo um ano de trabalho de campo e análise de dados.

Assim, a epígrafe de Lya Luft reflete minha compreensão do trabalho antropológico, como uma mediação que estará sempre aquém da realidade. Um trabalho que se baseia no rigor no trato com os "dados etnográficos" a fim de, não reduzi-los a uma ordem, ou razão suficiente, mas elaborar sim uma mediação, textualização, que pretende fazer emergir significados produzidos pelos pesquisados.

A atividade do antropólogo como aquele que constrói interpretações e produz textos é desenvolvida no primeiro capítulo desta dissertação. Em, "a Cultura do Outro", problematizo as fronteiras culturais do grupo pesquisado, como delimitá-lo enquanto um grupo social em meio a diversidade e fluidez de grupos neste bairro. Discuto os conceitos de cultura adequados a este estudo e as questões relativas a construção social de gênero e de identidade masculina.

O segundo capítulo - O Bairro, os Bares, Os Homens - é a delimitação de meu universo de pesquisa e grupo social. Neste capítulo parto da historiografia existente sobre a cidade para entender as transformações na vida urbana e das sociabilidades que integram este bairro. Busco visualizar e situar os bares da minha pesquisa, os *butecos*, entre outras atividades que tem lugar no bairro. Descrevo os *butecos* e seus gostos compartilhados pelos homens que os freqüentam, detalhando a constituição deste espaço social de homens de classes populares.

No terceiro capítulo, “os homens nos *butecos*”, destaco as falas que considero privilegiadas para entendermos a construção da masculinidade para o grupo investigado. Essas falas que incluem os gostos, expressões verbais e corporais, o riso, os usos das bebidas, as "queixas" masculinas e os desafios verbais. São falas que conformam uma performance e um repertório tomados aqui como especificamente masculinos, os quais compõem e demarcam um espaço e uma identidade masculina em classes populares.

No quarto e último capítulo - As Representações Masculinas sobre as Mulheres - descrevo os espaços destinados às mulheres nestes locais, o modo como estão situadas, e a relação dos homens com elas. Entendendo a construção social de gênero como relacional, analiso as imagens produzidas pelo grupo sobre o "outro" gênero e sobre a auto-imagem masculina. Neste capítulo, analiso a ausência e a presença simbólica da mulher como um dos níveis da construção social da identidade masculina.

A fim de que o texto fosse de fácil leitura, as traduções de citações de outros autores, sempre que necessárias, foram feitas por mim. Minha preocupação, por outro lado, foi de explicar ao máximo o "dado etnográfico" e situar o modo como este foi construído. Desta forma, os nomes dos *butecos*, dos auxiliares desta pesquisa, dos informantes e de outros entrevistados foram mudados a fim de preservar suas identidades, mas também para padronizar e propiciar uma melhor leitura do texto.

Uma outra característica do trabalho antropológico, e que entendo como comum a todo trabalho escrito, é que o isolamento necessário para produzi-lo é apenas momentâneo. Assim, agradeço a todos que de alguma forma se envolveram neste trabalho, aos professores e colegas do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS, pois muitas das questões que trouxe a esta dissertação puderam ser pensadas e

questionadas em nosso convívio intenso dentro e fora da sala de aula. Algumas pessoas leram partes do texto e contribuíram com preciosas sugestões entre elas, Rafael de Menezes Bastos e Paulo Reverbel de Souza.

Durante o período em que me dediquei ao trabalho de campo, várias trocas foram efetuadas, muitas eu só vim a perceber sua intensidade no momento da escrita do texto. Assim, agradeço aos meus assistentes de pesquisa, que comigo estiveram "de bar em bar", informantes e entrevistados que se propuseram a falar ou calar sobre si de um modo especial - por vezes, tomando as entrevistas, invertendo a situação e inquirindo-me sobre meus objetivos. Foram suas diferentes atitudes que viabilizaram este trabalho: a paciência e mesmo o "estranhamento" quanto a minha presença.

Durante a fase de elaboração desta dissertação, o convívio semanal e, por vezes diário com Bernardo Lewgoy, Ceres Victora e Daniela Knauth em reuniões de seminário de tese proporcionara vários aprendizados. Nossas discussões foram essenciais para que eu pudesse organizar e confrontar dados etnográficos. Agradeço a oportunidade de realizar aquilo que, durante o período de créditos nunca havia tempo - nos lermos mutuamente - propiciando um convívio produtivo com os diferentes temas e estilos de fazer antropologia. Agradeço a Guilherme Xavier Sobrinho por desempenhar diferentes funções nesta dissertação, primeiro como um dos meus assistentes de pesquisa em campo e depois, como revisor de texto, nas duas condições um trabalho minucioso e companheiro.

Meus agradecimentos à orientadora desta dissertação, Ondina Fachel Leal, pelo seu trabalho dedicado e intenso. Foram muito importantes, a afinidade de temas e sua experiência de campo - sobre identidade masculina. Acompanhando de perto minhas dúvidas e inquietações, a orientação foi marcada pelos afetos. De minha parte, também a admiração, pelo seu incentivo constante a criar, a aprender e a dividir descobertas e questionamentos, o que percebo como parte do seu dia-a-dia. Nestas trocas, os orientandos constantemente "invadem" sua casa, sem os mesmos cuidados que têm em trabalho de campo. Assim, estendo meus agradecimentos a sua família e a César Leal por me "salvar" textos e de situações difíceis quanto ao uso da tão necessária informática.

Entre as pessoas que contribuíram, de diferentes formas para a realização desta dissertação, que possibilitaram e compreenderam meu necessário isolamento, dedico este trabalho à Maria Regina Giffoni.

Para a viabilização desta dissertação foi decisiva a contribuição da CAPES e CNPq através da concessão de bolsa de estudos, assim como fundamental ao término desta pesquisa a dotação concedida pela Fundação Ford/ANPOCS, financiamentos que possibilitaram minha dedicação exclusiva a este trabalho.

O Pós-fácio Possível (junho de 2006):

Esta versão em “pdf” foi revisada em junho de 2006. Passaram-se quase 15 anos desde sua defesa como trabalho acadêmico, em dezembro de 1991, até a presente revisão.

Fiz apenas uma revisão de estilo na escrita, não introduzi comentários sobre o que refleti a respeito da experiência masculina em grupos populares ao longo desses anos. Outros trabalhos têm indicado que o que aqui foi registrado como etnografia, não é uma excepcionalidade em grupos populares para além de Porto Alegre. Na época, estava insatisfeita com uma percepção comum de que “os homens eram todos iguais”. Tal compreensão fora proferida explicitamente por um de meus colegas homens que me acompanhava a campo, mas compreensões mais sofisticadas me levavam a debater o tema no sentido de flexibilizar considerações sobre as relações de gênero e sobre uma psicologia masculina. Focava as nuances dessa experiência genericamente identificada como uma identidade masculina. Testava, portanto, o alcance dos aportes da antropologia para analisar como experiências sociais configuram as reflexões nativas sobre gênero e “pessoa” em situações muito diferenciadas. Ou seja, como uma cultura masculina era produzida e experimentada por homens de grupos populares.

De lá para cá, é impossível não deixar de comentar as mudanças de feições do bairro em que centrei minha pesquisa empírica. Cabe ressaltar que a Cidade Baixa de 2006 é, atualmente, um lugar de enorme concentração de bares e intensa vida noturna para uma juventude, não exclusivamente de camadas médias. O bairro mudou muito, mas na cidade de Porto Alegre ele continua sendo um grande corredor de passagem para muitos trabalhadores que retornam para bairros distantes. Atualmente, as mesas nas calçadas, bares e cafeterias, ou restaurantes de camadas médias são bem mais visíveis do que os botecos de 1991. Têm maior relevância e são também objeto de “discórdia” sobre os usos do espaço urbano revelando os conflitos entre moradores e os frequentadores que usufruem da intensa vida noturna.

O bairro mudou muito. O bar que concentrava taxistas ainda existe como prédio comercial, mas não funciona mais para os taxistas. O bar de esquina da Avenida Lima e Silva com a Rua Sarmiento Leite já havia sido adaptado, cerca de 5 anos depois dessa

dissertação, para funcionar como um bar noturno, o dono resolvera “se aposentar”. Alguns bares continuam no mesmo lugar, mas a frequência pode ter se alterado. Como de resto, o bairro mudou junto com os frequentadores. Entretanto, seguem existindo lugares de concentração de homens nos momentos de “folga”, que trabalham na rua, flanelinhas, taxistas, e outros. A diversidade continua uma característica marcante.

É quase inevitável considerar uma etnografia como uma peça “histórica” da vida do bairro e de lugares de sociabilidade. Antes de cair no risco de “extinguir” aquela Cidade Baixa de 1990/91 com um simples “canetaço”, tentada pela possibilidade de “corrigir” o texto anos depois, sugiro que examinemos a experiência de convívio entre homens. Eles se viam como diferentes e tinham nos *butecos* um espaço de negociação simbólica sobre uma possível similaridade, reiterando um repertório comum, uma similitude no que tange a valores tidos e vistos como masculinos.

Portanto, mesmo não existindo boa parte dos bares e o próprio bairro ter mudado suas feições, essa dissertação permanece sendo um registro, mesmo que histórico, da experiência masculina em grupos populares. Tal experiência não deveria ser encapsulada unicamente como uma vivência de classe. Talvez essa seja a única “tentação” que me assola de reescrever o texto. É compreensível a minha ênfase, à época, em debater um ethos de classes populares e deixasse opaca a percepção de que estava focando um lugar de encontro entre classes, entre “raças”, entre ocupações diversas. As diferenças eram um tema constante e exigia dos interlocutores um enorme esforço em perceber e encontrar “algo em comum”.

Quais são os lugares de expressão de um repertório masculino na atualidade? Ainda é uma questão a levantar, deveríamos pensar nas experiências “desterritorializadas”? Serviço militar obrigatório, viagens coletivas em busca de trabalho?

Não pretendo reescrever a dissertação na apresentação.

Quero registrar minha satisfação em ter usufruído dessa experiência de campo e de ter conhecido Jonson (in memoriam), cantor de Lupicínio Rodrigues, e que me acolhera em um dos bares do bairro medianeira junto a seu “regional”. No final de meu período de campo, usufruindo desse convívio, pude entender uma série de aspectos que até então estavam desconexos, fragmentados. Eram as conexões entre as “cenas” que até então

pareciam uma coleção de anedotas sem sentido. Com seu tom de ancião, respeitado pelo grupo de convívio no bar e na “noite”, imprimiu em nossas conversas um tom professoral “sobre o que um homem deve ser na vida”. Isso explica, em larga medida, o modo como organizei meus dados de campo, e a vigilância que tive de adotar durante a escritura da dissertação. Afinal, ele me “pregava algumas peças”, cantava fragmentos ou escolhia músicas de Lupicínio para me provocar porque já sabia mais da minha vida do que eu sabia da dele. Assim, meus “nativos” são, em verdade, os interlocutores que descobri ao longo dessa incursão em campo.

Foi em 1992, quando retornei para Porto Alegre para seu aniversário de 80 anos no Restaurante Copacabana, que nos encontramos pela última vez. Soube notícias de Jonson pelo jornal em 1994, quando eu residia no Rio de Janeiro. Lamentei muito e, principalmente, pela distância real que isso impôs. Hoje, esta dissertação é dedicada a ele. Afinal, são os entrevistados que nos fazem entender coisas relativamente simples, como dizia Raymond Firth, compreender as tais “fatias da vida”. Nesse caso, meu privilégio era o de ter esse aprendizado sobre a simplicidade em tom de boemia, pois para os acadêmicos, essa simplicidade é, quase sempre, um grande mistério.

CAPÍTULO I

A CULTURA DO OUTRO.

Existem lugares que estão fora de nossa rota cotidiana, por vezes, sendo locais desconhecidos ou pré-concebidos. São lugares que quando passamos os olhos, imaginamos como é possível que façam parte da realidade (tenha sentido) para outros segmentos sociais. Encontram-se "normalmente" fora de nosso dia-a-dia. Assim, os bares poderiam parecer lugares absurdos para servirem como o início de uma pesquisa, mas justificam-se, em primeiro lugar, por esta aproximação com o que é a princípio "estranho" e que se encontra relativamente distante. Este estudo empenha-se em "desnaturalizar" conceitos, e a própria distância, a fim de aproximar-se da diversidade de grupos sociais em sociedades complexas. Neste caso, o grupo social estudado é predominantemente masculino. Por isto, minha escolha centra-se em uma etnografia cujo universo de pesquisa são os bares, e cujo tema é identidade masculina. Busco os lugares onde se reúnem estes homens, para ter acesso às representações sociais produzidas por grupos masculinos de classes populares.

Minha escolha em trabalhar com homens no espaço dos bares pré-seleciona as questões que serão abordadas. O estudo não é centrado nos locais de trabalho, e dado o bairro escolhido, estão relativamente distantes da esfera doméstica. Desta forma, as diferentes esferas da vida social aparecem neste estudo na perspectiva dos entrevistados. Estes temas fazem parte de suas falas e tem um espaço característico constituído pelo grupo social. A estes temas somam-se outros, específicos do tempo lúdico entre homens.

Neste capítulo, minhas preocupações voltam-se a delimitação de grupos sociais, fronteiras simbólicas, a abrangência e problemas que envolvem o conceito de cultura vinculado à discussão da construção social de gênero relativo a minha experiência de trabalho de campo. Estas são questões que envolvem o tema identidade individual, social, e de gênero, circunscritas nos temas que a antropologia problematiza a partir de um referencial analítico de identidade cultural. As relações entre indivíduo e sociedade são aqui ressaltadas definindo identidade social como os valores (relativos de cultura a cultura) que tornam indivíduos em sujeitos sociais. Entendo que as relações com outros - sujeitos

ou grupos sociais - são essenciais para a construção social do sujeito. As relações com "outros" são entendidas aqui como outros homens (entre si), pois é assim que são referidas primeiramente e preferencialmente no espaço dos bares. Neste estudo, eu situo o "outro" também em termos de gênero - as mulheres - nos modos como é vivenciado neste espaço e construído simbolicamente. Há, então, diferentes níveis que dizem respeito aos diversos modos de expressão das falas masculinas. No meu entender, estas elaborações extrapolam a esfera lúdica do convívio do bar, embora seja este um dos espaços sociais adequados para a expressão e trocas simbólicas entre homens.

A relação indivíduo/sociedade é tema de constante reflexão nos estudos antropológicos assumindo uma grande mobilidade de temas e enfoques. Os estudos de Durkheim (1969) e Lévi-Strauss (1985) são fundamentais nesta perspectiva, através da análise em diferentes sociedades buscam as invariáveis do pensamento humano em diferentes construções culturais. Assim, mesmo que a dicotomia pressuposta entre indivíduo e sociedade permeie a análise destes autores, existe a busca da resolução teórica desta "oposição" através do reconhecimento de que construções simbólicas (coletivas) mediam a relação entre indivíduos. As noções, ou princípios, de identidade social se colocam como mediadoras são, portanto, uma espécie de fundo virtual desse jogo de espelhos. Há um distanciamento da busca de um fundo "universal", entre estes autores especialmente Lévi-Strauss (1977), como um definidor de identidades, e a adoção de uma postura crítica frente a possibilidade de "restituição" de um continuum. As identidades são situacionais contrapondo-se a perspectiva que busca uma "essência" a ser adjudicada.

O conceito de identidade social é definido por Duarte (1986) enfatizando diferentes níveis que se articulam (tríade hierárquica) - uma identidade emblemática, contrastiva e valorativa. São níveis que buscam apreender como determinados traços tem "efeito de substantividade", como são naturalizados pelos sujeitos. Um enfoque que pretende tanto repensar esta primeira noção, que relaciona identidade a uma essência nas quais os sujeitos seriam portadores, quanto inspecionar seus diferentes níveis de elaboração. A identidade emblemática se relaciona aos sentimentos e práticas de pertencimento a um grupo através de eixos como gênero, fases da vida, etc. A identidade contrastiva se definiria em termos dos limites entre "nós" e "eles" que os grupos acionam

em suas relações e que é exemplificado pelas distinções de classes sociais. E, por último, uma "identidade-valor" que se detém nos valores atualizados (sistema simbólico) que são mantidos pelo grupo e que mantém fronteiras simbólicas "para dentro".

Retenho como fundamental para este estudo a noção de que o sentimento de pertencimento a um grupo social se conforma nas relações cotidianas, onde a imagem que os outros tem sobre o sujeito são fundamentais para a produção de significados, formação e ação social deste, bem como da elaboração de sua auto-imagem. Os bares deste estudo são locais onde há grande parte do tempo lúdico investido entre homens em partilhar valores, experiências, e confrontar diferenças. As noções de pertencimento expresso nos bares são fundamentais na construção dos sujeitos sociais, pois revelam universos simbólicos partilhados. As conversas entre homens são locais privilegiados para a produção de significados, no que se refere ao conteúdo e a dinâmica destas. Mesmo as lacunas (os silêncios) são motivos de risos ou outras reações corporais assim, os jogos verbais e corporais expressam um universo de significados que se refere a expressão masculina e a apropriação do espaço dos bares pelos homens.

Busco, então, os parâmetros pelos quais sujeitos e grupos identificam-se e posicionam-se entre si nos bares. Penso que o sujeito constrói e reconhece a si na medida em que reconhece a existência de outros, interage simbolicamente demarcando - semelhantes ou diferentes - e situações a solucionar próprias do cotidiano.

Início debatendo os problemas envolvidos na delimitação de fronteiras simbólicas que definem o universo do objeto de estudo considerando sua relativa fluidez. Fluidez específica do bairro Cidade Baixa na cidade de Porto Alegre, onde destaco os bares de meu trabalho de campo e que tratarei especificamente no segundo capítulo. Um bairro nas proximidades do centro da cidade e, portanto, local simultaneamente de moradia, trabalho e passagem de diferentes grupos sociais. Fluidez também, no que se refere a permanência do próprio grupo que escolhe e retorna constantemente a estes bares. Analiso, em seguida, sobre quais conceitos de cultura delimito o objeto de estudo e o que busca abranger dentro da problemática dos estudos antropológicos em espaços urbanos. Por último, lanço algumas questões sobre cultura masculina. Ou seja, quando o "outro" - as mulheres - é referência para a construção de sujeitos sociais sendo parte do cotidiano

(ou de parte dele), no caso dos bares, relativamente segregadas dos espaços sociais que delimito. No caso destes espaços de convívio público, a característica da auto-segregação espacial dos homens é recorrente colocando questões importantes nas elaborações simbólicas de gênero masculino.

1.1. As Fronteiras Simbólicas.

O estudo de manifestações culturais em sociedades complexas, ou o estudo sobre grupos localizados nas cidades, tem uma história recente na antropologia. São estudos sobre grupos sociais e não especificamente sobre o espaço urbano e sua configuração. O trabalho de Velho (1981) desenvolve esta preocupação, detém-se em problemas relativos a delimitação de grupos sociais a partir de seus projetos de vida onde os grupos sociais criam suas fronteiras simbólicas. Nos trabalhos antropológicos esta diferença é marcante. Embora a diversidade das (e nas) cidades fascine o pesquisador, é na delimitação de fronteiras simbólicas entre grupos que se torna inteligível como as diferenças se relacionam ou entram em conflito, oferecendo uma descrição sobre diferentes repertórios que dão sentido ao mundo social e, também, as várias versões construídas sobre o espaço urbano¹.

Delimitar grupos sociais percebendo a diversidade do universo urbano e as fronteiras segmentadas que o constituem nas manifestações e práticas cotidianas são temas importantes relacionados à discussão dos conceitos de fronteiras culturais e de cultura. Para Barth (1969), estamos lidando com conjuntos de símbolos que assumem significados para os sujeitos nas opções cotidianas e nas relações que estabelece com outros, e que não se diluem quando estes mantêm relações com outros grupos, ou entre diferentes grupos étnicos (no caso por ele analisado). Seria isto, primeiro, pressupor um conceito de cultura pouco dinâmico. Assim, as mudanças culturais são incorporadas como constituidoras do conceito de cultura, ou seja, as mudanças culturais não são traduzidas como "perdas" ou

¹ Ver também Oliven (1982) especialmente o capítulo I onde trata dos diferentes abordagens sociológicas sobre a cidade.

"descharacterização" de uma determinada cultura². Do contrário, é pressuposto que diferentes grupos estabelecem vivências de natureza diversas em nossa sociedade, e que estão constantemente incorporando outros eventos, ou seja, a mudança cultural é parte constituinte do problema a ser analisado.

As fronteiras simbólicas estão sujeitas às distintas influências, um exemplo marcante são as informações que são veiculadas através da Indústria Cultural e as transformações que ocorrem cotidianamente e que tem de ser equacionadas por diferentes grupos sociais³. No universo dos bares esta é uma questão evidente. A primeira impressão é de um ambiente saturado por propagandas de diferentes produtos, em geral, alimentos. São propagandas de bebidas alcoólicas ou refrigerantes, de alimentos industrializados, cigarros, dos próprios produtos que estão postos à venda e compõem a estética dos bares. Em parte, são elementos que estão expostos para serem vendidos: engradados de refrigerantes empilhados até o teto junto às portas, latas ou conservas, aparelhos de barba, isqueiros descartáveis, aspirinas, sal de fruta, etc.

Por outro lado, estes produtos fazem parte da organização e embelezamento do espaço: os objetos encontram-se alinhados, pendurados em todos os cantos visíveis aos fregueses. Fazem parte destes objetos as garrafas empoeiradas alinhadas em prateleiras no alto das paredes, copos sujos junto à pia, conservas de ovos cozidos em vidros com líquido escuro agrupados em cima dos balcões, a gordura das mesas de fórmica ou metal e chapas de gordura. Os móveis e o chão escurecidos de laje ou cimento formam um ambiente freqüentemente escuro e sombrio, fresco no verão e aquecido pelas chapas de fritar e prensar alimentos e pela grande concentração de homens nos espaços pequenos durante o inverno. Um ambiente colorido pelas propagandas e inúmeros detalhes dispostos em cada canto dos bares, locais muitas vezes pequenos para o número de homens que se concentram nos finais de tarde.

² O autor tem como questão principal a manutenção de diferenças étnicas, de fronteiras simbólicas, onde a diversidade cultural persiste. Ou seja, incorpora questões relativas à dinâmica cultural e descontinuidades entre culturas.

³ Sobre esta questão ver Eco (1974), Miceli (1972), Ortiz (1988) e Leal (1986), neste último, especialmente sobre o espaço destinado cotidianamente a televisão entre outros objetos e seu valor simbólico.

Há uma diversidade de formatos dos bares quanto ao tamanho de cada bar. Em geral são pequenos do tamanho de uma garagem para um ou dois carros (muitos deles garagens adaptadas). Há os sobrados, com portas altas, projetados para funcionarem como armazéns, prédios antigos que mantêm inscrita na fachada a data das construções (do início do século XX). O espaço dos bares é pequeno ficando menor ainda em algumas horas do dia, especialmente quando há transmissão de algum jogo de futebol pela televisão e, então se aglomeram homens. Quase sempre há uma televisão voltada para os fregueses.

Os objetos dispostos nos bares contribuem para que sejam espaços atraentes aos homens que os procuram compondo um sistema simbólico onde se articulam elementos da Indústria Cultural. Desta forma, reconhecê-los unicamente como locais onde os produtos da Indústria Cultural estão dispostos significaria eliminar a ambigüidade existente de que estes objetos se encontram reunidos de modo nada aleatório, formando a estética de um espaço social masculino. Assim, como enfatiza Bourdieu (1979), o espaço geográfico e o espaço social são o lócus de uma organização simbólica;

“O cenário da casa no espaço geográfico e espaço social, e também sua organização interna, são o lócus onde necessidades simbólicas e sociais estão articuladas com necessidades técnicas. Este é um caso onde os princípios de uma organização simbólica do mundo não podem ser livremente implementadas mas tem medidas condicionadas externamente... (Bourdieu, 1979:135).”

No caso analisado por Bourdieu, os condicionantes dizem respeito a estrutura social dos *kabyle*. Expostas as devidas diferenças, já que a análise simbólica do espaço refere-se especificamente ao espaço doméstico, penso que o autor trás importante contribuição para pensarmos os elementos disponíveis no interior dos bares, não só por sua utilidade, mas junto a ela a formação e exposição de um repertório de símbolos da masculinidade.

As bebidas alcoólicas e as comidas gordurosas, as pequenas caixas de vidros em que são expostos os alimentos, as frituras, impregnam de cheiros e contribuem para uma apresentação visual dos bares, como local dos gostos masculinos. Junto com as

mesas de fórmicas e garrafas empoeiradas nas prateleiras há a gordura depositada no armário de vidro. Não há cardápio mais comum entre os bares que as carnes engorduradas e frituras, comidas que dão a sensação de peso no estômago e que, portanto, enchem a barriga⁴. Não há nada mais comum nestes locais do que a predominância de homens.

Especialmente no bairro Cidade Baixa onde existem inúmeros bares lado a lado, portanto à disposição dos fregueses, a questão é por que um bar permanece ocupado por homens enquanto o bar, ao lado, é ocupado por casais, jovens, etc? Em geral, as cadeiras e mesas pequenas nas ruas, toldos contrastam com estes bares onde encontro, recolhidos do espaço da rua, os informantes desta pesquisa. Esta escolha e gostos diferenciados coincidem com a minha primeira impressão de eu estar relativamente *deslocada* nestes ambientes. Ou seja, enquanto freqüentadora também tenderia a entrar nos locais adjacentes ao de minha pesquisa. Desta forma, tanto por minha experiência quanto pelo dado de que não há diferenças em termos de preços (tabelados até então), penso que as "escolhas" ou, mais especificamente, as "livres escolhas", estão condicionadas a uma teia de significados. Não podem ser reduzidos a um ou outro elemento desta teia, ou seja, nem a uma explicação econômica relativa a preços mais acessíveis, ou a uma estética específica (que nos colocaria em busca de diferentes modelos de disposição espacial). Transcrevo abaixo duas situações exemplares da relação dos freqüentadores entre si e com os bares:

“Paulo sentou na nossa mesa e a todo instante saía do bar e chegava até a porta, pensei que esperava por alguém, os homens ao redor conversavam. Em uma de suas saídas, Ernesto disse que ia apresentar-me como sua noiva para que Paulo não me incomodasse. Paulo trouxe da rua uma garrafa pequena de soda limonada dizendo que era refrigerante e rindo. Senti o cheiro de álcool quando me ofereceu a garrafa. Disse-me que o Vilson implicava com ele e não vendia bebida, mas ele ia beber com os amigos, que não tinha medo do Vilson. O homem encostado no balcão foi convidado a beber de sua garrafa, aqui é tudo companheiro, dizia Paulo para o homem. Mais tarde soube através de Vilson que Paulo não respeita ninguém pegando um pacote de salgadinhos que ficava atrás do balcão

⁴ Para uma classificação dos gostos ver Bourdieu (1984) e Knauth (1991).

sem sua autorização. Depois disso ele poderia vir aqui, mas Vilson não venderia bebida, pois ele fica incomodando os outros. (Diário de campo).”

Mesmo que o freguês esteja proibido pelo dono do estabelecimento de beber dentro do bar ele poderá (como presenciei) deixar sua garrafa encostada no canto da porta e beber escondido deste para partilhar com os homens que permanecem no bar e/ou desafiar a autoridade do dono do bar⁵. Mesmo que sejam trazidas viandas para o trabalho nos horários dos almoços, os bares serão preferenciais para os momentos de reunião, conversas e ocupação deste tempo livre depois do almoço. Estar junto a outros homens e respeitar as normas de condutas esperadas fazem parte das atitudes esperadas no convívio nestes bares.

Assim, os gostos selecionam os fregueses não só por que colocam à disposição destes os produtos por eles procurados, mas por propiciarem uma familiaridade com o espaço, é ali que se encontram homens para conversar. Em alguns casos, o bar se torna uma espécie de sala de visitas, com sofás nos cantos das paredes. Ocorre uma apropriação do espaço público dos bares no sentido de revertê-lo em um espaço familiar (no duplo sentido). Ou melhor, um espaço onde as relações são personalizadas, no qual foram criadas cumplicidades e distâncias a serem respeitadas⁶.

São estes locais os escolhidos e freqüentados, muitos quase que diariamente, por uma clientela constante de homens. Estes bares que percebo como inóspitos e mal cheirosos são procurados por um público constante. Penso que em muitas situações pude experimentá-los como verdadeiros "oásis" no bairro. Sob o sol de verão tórrido e, quase sem sombras de árvores e marquises, os pisos de lajes, azulejos nas paredes nas construções de pés altos, os tornam frescos e mantém uma temperatura agradável frente ao calor insuportável da rua. No inverno chuvoso de Porto Alegre, por outro lado, eles tornam-se um refúgio, não só pelo calor dos aparelhos de fritar e prensar

⁵ Aqueles que são identificados como donos dos bares muitas vezes são arrendatários dos estabelecimentos. O modo como são referidos não deixam de significar a autoridade sobre o espaço do bar reconhecida pelos demais clientes.

⁶ Sobre a noção de pessoa ver Duarte (1986).

alimentos, mas também por que nas duas condições, se concentram nos horários de intervalo do trabalho a maioria dos trabalhadores do bairro.

Também compõem o espaço os referenciais que particularizam os gostos do dono do bar, objetos pessoais postos à vista dos fregueses, desde flâmulas dadas como presente pelos freqüentadores: piadas, painéis de caricaturas feitos à mão, jogos, jornais, imagens de santos, entre outros objetos. Os objetos dispostos nos bares de forma destacada, de um repertório masculino, se tornam um dos motivos de inícios de conversas nos bares. Os objetos que pertencem ao dono do bar que estão expostos tais como flâmulas de times de futebol, jogos de botão, piadas e *caricaturas* com temas esportivos ou políticos, podem ensejar o início das conversas entre fregueses e donos, uma espécie de identificação com os objetos e, também, com seus proprietários. Os donos dos bares detêm a particularidade de estabelecerem a comunicação entre fregueses, chegam a manter duas ou três conversas quase que simultaneamente com diferentes fregueses. Em minhas gravações de campo, isto tornou quase impossível algumas transcrições, já que as conversas se cruzam e podem ser rápidas, o que destaca também a importância dos donos de bares no entrosamento entre fregueses.

Por mais que o espaço dos bares seja, muitas vezes, compartilhado entre os donos e suas esposas é possível identificar dentro dos bares "o lado" destinado ao trânsito das mulheres (atrás dos balcões ou nas cozinhas)⁷. Porém, existem as versões das mulheres que trabalham com seus maridos ou familiares (donos), estas identificam na sujeira e no relaxamento destes um dos traços mais evidentes da presença masculina. São elas que expressam estas diferenças ao guardarem chaves de banheiros, ou alertarem diretamente para a sujeira de um banheiro por que só vai homem. Quando em sua presença, mesmo que os objetos que decoram os bares fossem a cerca de futebol, bebidas, força física, mulheres nuas, e houvesse cheiros de frituras, os cromados brilhavam, as louças estavam lavadas, os esfregões estavam estendidos secando. A limpeza e o capricho eram expostos. Mas, em geral, o aspecto mais comum era o da gordura e poeira aglomerados sobre as garrafas e vidros de conserva, também depositadas nas chapas de alumínio. Estas características eram evidenciadas também pela observação de alguns dos

⁷ Esta questão será desenvolvida no capítulo IV, as representações masculinas sobre as mulheres.

donos dos bares, especialmente quando se desculpam ou buscam contornar esta situação colocada pela minha presença. Para mim, ficava evidente estas diferenças quando tinha contato com bares onde havia a presença das esposas ou filhas ou não, e um cuidado especial com relação a minha presença:

“Quando voltei à mesa perguntei para Pedro como era o banheiro que ele foi, na descrição percebi que era o mesmo, o mesmo problema na porta, na descarga e o mesmo cheiro horrível e úmido. Rimos muito ao constatar que me foi indicado um outro acesso, passando por dentro da casa e, não como Pedro passando através da sala da sinuca, como todos os homens faziam, para chegar ao mesmo lugar. Pedro brincava comigo dizendo que eu havia ido, afinal, ao banheiro feminino (Diário de campo).”

Os espaços não estavam preparados para a presença de mulheres como freqüentadoras, era explicitado que era melhor eu viesse a freqüentar uma sorveteria ao lado.

Entre os objetos dispostos no interior dos bares pelos donos, as bebidas têm um local destacado em todos os bares, tanto nas propagandas quanto na disposição e exposição das garrafas. Nas fotos que tirei no interior dos bares as garrafas vazias eram freqüentemente sugeridas como objetos que embelezariam as nossas mesas. De um modo geral, estes detalhes não se encontram dispersos, perdidos, mas fazem sentido com outros objetos e cheiros dos bares. Os objetos revelavam a predominância de elementos de um universo simbólico masculino, eram sobre estes temas que as conversas eram desenvolvidas: futebol, jogos, bebidas alcoólicas, entre outros. Estes temas que eram ressaltados pelos freqüentadores e donos como os mais importantes. No caso da bebida alcoólica, é considerada pelos donos dos bares como o produto mais vendido e mais solicitado⁸.

Através dos objetos dispostos nos bares pude ter contato com uma estética saturada de cores e detalhes que se referiam ao lugar que estes bares ocupavam nas

⁸ Um de meus informantes (Ernesto) sugere que ao final da pesquisa eu descobriria que é por causa dela /a bebida/ que os homens vêm aos bares.

relações econômicas e sociais do bairro. A bebida alcoólica é o exemplo mais imediato por que mais celebrado nas reuniões entre os homens. Como na flâmula da "Oração do Pau d' água" que era comum a diversos bares, uma flâmula impressa em tecido com personagens de histórias em quadrinhos:

Santa cana que estais na roça:

Purificado seja vosso santo caldo

aguardente sem mistura, venha a nós

o vosso líquido, ser bebido a nossa vontade, assim no boteco como em qualquer lugar,

cinco litros por dia, nos dai hoje,

perdoais o dia em que bebemos menos,

assim como nós, perdoamos o mal que nos faz.

Não nos deixe cair atordoado e

livrai-nos da polícia,

AMÉM!..

Esta brincadeira comum a alguns bares, trazidas por alguns fregueses aos seus donos, encontrava-se exposta entre outras piadas e bilhetes. Assim a jocosidade com a bebida e o excesso de bebida eram elementos associados ao boteco como o momento e local especial para estas atitudes, compartilhados entre homens.

A quantidade de referências a produtos industrializados e o tipo de administração que os donos dos bares põem em prática nos bares contrasta com a existência de grandes redes de supermercado no bairro. No momento da compra dos produtos que serão vendidos nos bares, não é a escassez do produto em relação à saída deste que impulsiona o abastecimento dos estoques, em muitos casos, o dono do bar não tem exata noção sobre o capital que circula diariamente. Mas isto não é considerado uma falha já que é a partir das necessidades em função das épocas de calor ou frio, nos fins de semana ou feriados em contraposição aos dias úteis, de acordo com a expectativa de que a freguesia apareça em maior número do que são efetuadas as compras. A necessidade de compra se dá também em função da relação com o vendedor, seja pelo número de vezes

que o caminhão da empresa abastece a região, ou mesmo uma conversa informal com o vendedor, uma gentileza do dono do bar em comprar ao menos alguma quantia, para ti não perder a viagem⁹.

Uma outra característica comum a estes bares e que os coloca próximos é que, na maioria dos casos, o trabalho desenvolvido nos bares conta com mão-de-obra familiar. Por exemplo, a cozinheira é a mãe do dono, o filho é atendente nas mesas, o pai controla o dinheiro sentado em uma das mesas do bar. Dispõe-se da contratação de poucos funcionários, mesmo assim, ainda, no caso das contratações percebi que é comum que, para contar tempo de aposentadoria pela previdência pública, os funcionários sejam os próprios parentes. Em outros casos, os filhos dos funcionários de longa data são afilhados dos donos do estabelecimento.

Os donos dos bares e seus clientes estabelecem através de seus gostos e atitudes compartilhados um modo específico de administrar os bares e ocupá-los. As cadernetas de contas para fregueses usuais são práticas comuns nestes estabelecimentos. Em plena zona central da cidade, mesmo com avisos escritos de que não se vende fiado, alguns dos clientes compram seus produtos a prazo através das cadernetas de controle escritas à caneta especificando data, preço e produto comprado. O modo de pagamento não é fixo, ficando por conta de conversas e prorrogações que são aceitas ou concedidas pelos donos de bares. As cadernetas são de folhas duplas, ficando uma com o dono do bar e outra com o freguês, especialmente nos bares que funcionam também como armazéns. O único avalista para estas compras é a confiança depositada pelo dono do bar no cliente e a respeitabilidade do cliente. Se isto é indicado, por meus informantes, razão pelas quais os bares fecham ou não prosperam, na perspectiva dos donos dos bares a relação de confiança supera a confiabilidade dos cheques e cartões de bancos. Contam-me inúmeros casos de cheques sem fundos que colocaram na justiça, mas que não tiveram solução até hoje. Ou seja, não há uma inabilidade ou desconhecimento destes meios, eles são avaliados como ineficazes.

⁹ Esta questão está vinculada ao conceito de cultura proposto por Sahlins (1979) que considero adequado a compreensão das atitudes dos donos dos bares e que desenvolverei no tópico seguinte.

Em um bairro cujo trânsito de pessoas é intenso, a recorrência de alguns clientes nos mesmos bares chamou-me a atenção. A proximidade dos gostos entre os donos dos bares e clientes expressa na configuração do espaço dos bares, bem como a relação entre fregueses e donos dos bares, são essenciais na delimitação das fronteiras simbólicas do grupo.

Minha dúvida inicial quanto a delimitação destes grupos masculinos como um grupo social possível de estudo, baseava-se muito em um conceito de cultura cuja coerência (necessária) estaria pressuposta ou definida, no aspecto geográfico, na distância do universo do pesquisador. Entre os conceitos de cultura utilizados pela antropologia a definição de fronteiras culturais e cultura a partir de uma unicidade - uma comunidade - a ser descrita pelo etnógrafo não é adequada a este estudo. O que poderia ser ao menos um recurso de abordagem se constituiria em uma impossibilidade para a própria pesquisa. Este modo de abordar o objeto de estudo estabelece seus objetivos dentro de fronteiras pré-estabelecidas onde o grupo está livre de influências externas e de si próprio¹⁰.

Este aspecto pode ser encontrado em inúmeros trabalhos contemporâneos, é um modo específico de delimitação de objeto de estudo que, neste caso, simplificaria o próprio universo de pesquisa. Para meu universo de pesquisa as definições do conceito de cultura e fronteiras simbólicas parecem mais complicadas, como veremos no tópico e no capítulo seguinte.

Em termos de sociedades complexas o trabalho antropológico permanece em busca do outro, do diferente, a fim de contrastar experiências e modos de vida. Segundo Caldeira (1988):

“O antropólogo não defronta mais membros de culturas isoladas ou semi-isoladas, mas cidadãos de nações do terceiro mundo que se relacionam por complexos caminhos culturais e políticos com a nação de onde vem o antropólogo. Ou, então defronta membros de sua própria sociedade. (1988:136).”

¹⁰ Esta unidade expressava-se nos conceitos de Instituição, Estrutura ou Sistema. O trabalho entre sociedades simples, mesmo que com preocupações e pressupostos distintos partiam da delimitação de um grupo distinto e distante do pesquisador, duas características que se tornavam quase equivalentes.

Estabelecer fronteiras culturais não é tão simples atualmente (nem mesmo entre sociedades tribais) logo a qualidade de ser distante não impõe previamente uma unicidade aos grupos pesquisados. Mesmo que eu tenha estranhado os bares e, estes não fizessem parte de meu cotidiano, estavam próximos geograficamente embora distantes no meu leque de possibilidades referentes aos momentos lúdicos. Tornara-se parte da própria pesquisa delimitar as distâncias, as esferas que se cruzam. O exótico pode habitar muito perto (geograficamente) ou mesmo estar presente cotidianamente sem termos nos dado ao trabalho de verificar sua complexidade.

Nos estudos antropológicos em sociedades complexas a cultura do outro se torna mais difícil de demarcar. A exigência de, pelo menos, não simplificar aquilo que é vivido com densidade, parecem-me importantes. Demarcar geograficamente um grupo, deixando de lado outras experiências e relações igualmente importantes com outros grupos sociais ou em outras esferas da vida social, é um risco a ser equacionado em cada trabalho de campo, no caso dos bares é a esfera doméstica que se encontra distante de modo mais evidente nas próprias conversas entre os homens. Por outro lado, os vínculos que estes homens estabelecem com os donos dos bares e outros homens, são estreitos apesar da distância que estabelecem com seus locais de moradia, eles compartilham algumas obrigações mútuas quando estão convivendo nos bares e retornam a estes constantemente.

As fronteiras culturais são um dos focos de cuidado por parte do pesquisador. Pode-se, por exemplo, focalizar um objeto de estudo geograficamente, ou como dominado pela esfera do trabalho, encerrando os limites das experiências vividas cotidianamente a uma ou outra esfera da vida social. Os recortes são arbitrários e deixam inexplorados algumas dimensões de realidade inevitavelmente. No caso do convívio masculino nos bares a fluidez do espaço como local de trânsito de diferentes pessoas poderia impossibilitar uma demarcação deste para estudo, mas somente em nome de uma unidade à primeira vista, associando a uma fluidez a impossibilidade da configuração de universos simbólicos.

Barth (1969) focaliza as fronteiras simbólicas de um grupo como uma das preocupações centrais do pesquisador. Esta mesma preocupação encontrara em Marcus (1990), onde destaca que existem três focos de preocupações da delimitação de grupos sociais nas etnografias recentes relacionadas com o espaço, tempo, e as vozes dos próprios entrevistados. Elementos estes que repercutem no posicionamento do observador e na instrumentalização (do aparato conceitual e texto etnográfico) do pesquisador.

Quanto ao espaço, lembra que a identidade de indivíduos ou grupos em sociedades complexas tem de romper primeiro a noção de "comunidade" (em termos espaciais e conceituais). Desta forma, afirma que as identidades são produzidas em muitos locais simultaneamente. Podem estar distribuídas em diferentes locais da vivência urbana problematizando assim, a demarcação de fronteiras culturais para o pesquisador. O problema para o pesquisador, então, é o de definir como se aglutinam e em que circunstâncias ocorrem a demarcação de valores culturais. Desta maneira, o autor enfatiza que as fronteiras simbólicas que delimitam grupos extrapolam um espaço geográfico comum, ou ao menos, não se restringem a ele.

Esta dimensão é fundamental no caso que focalizo uma vez que tem um duplo sentido: a fluidez dos freqüentadores dos bares é uma delas, muitos retornam ao mesmo bar ou escolhem regiões próximas, ocupando mais de um bar durante a semana e no mesmo dia. Por outro lado, há a dimensão simbólica relacionada a vivência do espaço tanto por uma referência ao passado destes locais hoje freqüentados, quanto a valorização destes grupos ao "conhecimento" de vários locais e cidades, ofícios e assuntos que monopolizam muitas das conversas¹¹.

O segundo elemento destacado por Marcus tem uma dimensão específica neste trabalho. O tempo - a memória - é importante referência partilhada entre os homens no bar, seja ela uma história própria ou de outros. A partir de suas experiências vividas se constrói no presente os referenciais básicos de conduta e auto-imagem dos indivíduos e do grupo. Assim, as conversas entre os homens voltam-se ao que para lês é familiar, o que

¹¹ Sobre como nas conversas entre homens é incorporado o "conhecimento" de vários locais, ofícios, ver capítulo III.

tem sentido na experiência individual ou partilhada, ou ao que é incorporado ao repertório e tornado familiar. Tratando-se de versões próprias de um grupo, através de suas experiências e trocas estamos nos inserindo nos parâmetros e nos pontos de apoio sobre os quais são negociadas estas versões. Nas conversas entre homens nos bares, percebo que o modo de "recordar" ou "não falar sobre" alguns assuntos lançados no convívio do bar, dizem respeito a como são pensadas a situação social e auto-imagem do sujeito naquele espaço. Como exemplo, as conversas sobre jogos e futebol envolvem um testemunho pessoal sobre o tema, ou, no caso da boemia, é somente a experiência pessoal que autoriza ou dota de autoridade o entrevistado em relação aos demais para tratar do tema. A experiência expressa nas falas sobre o passado posiciona os homens nas relações entre outros homens nos bares.

O terceiro elemento enfatizado por Marcus é a expressão, a linguagem, a voz dos entrevistados. São importantes demarcadores de fronteiras simbólicas. A linguagem oferece a possibilidade de perceber os recortes, o modo de falar e valores relevantes de um grupo específico. Possibilita uma análise do que é dito e como é dito, do que é organizado e expresso verbalmente.

Barthes (1974) afirma que a linguagem não é meramente uma forma de expressão, é uma forma de apreensão do mundo, com suas constantes (estruturas) e possibilidades/limitações de criação¹². Trabalhando com entrevistas percebo o universo de referência destes homens tomados de signos apreendidos e ressemantizados pelos sujeitos. Significados que não são inteiramente livres, nem em sua expressão individual, nem em sua experiência coletiva, são permeados por diferentes "Emissores Privilegiados", mas mantém coerência nas reinterpretações elaboradas socialmente. A presença de rádios, televisão e jornais são muito comuns nos bares, mas a distribuição destes (conforme o freguês), o manuseio e troca de informações através destes, é algo que revela muitos referenciais comuns. Nos bares, os diferentes cadernos dos jornais (separados) estão à disposição dos fregueses que os solicitam aos donos. No bar Arlindo, o dono separa para

¹² Eco (1974) entende que somos nós quem expressamos e não, do contrário, somos "falados pela linguagem". Distancia-se da idéia de uma estrutura básica dos fenômenos da linguagem.

mim o caderno de cultura. Em outro bar, liga-se a televisão a partir do noticiário, mantendo uma espécie de rotina na utilização destes meios que se confunde com a própria rotina do bar¹³.

Em outras situações é a própria fala dos frequentadores que converge para o que Barthes ressalta: "Falar, e com maior razão discorrer, não é comunicar, como se repete com demasia frequência, é sujeitar (...) Afinal, a linguagem obriga a dizer, a selecionar, a articular outros signos". (Barthes, 1974:13). Sahlins (1990) complementarmente, a meu ver, esta visão de que nenhuma língua é simples nomenclatura. Na sua concepção através da linguagem podemos perceber o que é construído como verossímil, pois tem "efeito de realidade" para os informantes. No meu entender, os recortes buscados em suas vivências, através da fala, dão significados e reorganizam simbolicamente a realidade. É neste sentido que percebo o espaço dos bares como um dos momentos específicos para estas atividades, como tempo e espaços lúdicos para atualizar e reordenar, através da fala, o mundo social. Torna-se possível através dos usos da linguagem relacionar os significados atribuídos a palavras, atitudes e espaços sociais. São representações sociais expressas através da fala.

Deste modo, a linguagem é um dado etnográfico a ser trabalhado ressaltando a maneira particular como elementos são relacionados. Detenho-me nas falas partilhadas, na medida em que os bares oferecem os momentos propícios para reorganizar - através de jogos, jogos verbais - a experiência cotidiana e mesmo, trocar experiências¹⁴.

Neste estudo pretendo dirigir-me a uma etnografia da fala. Busco apreender não só uma linguagem, mas seus usos as atitudes e modificações que estes usos proporcionam¹⁵. Ao invés da postulação de interlocutores ideais, existe a preocupação de contextualizar e inserir os eventos da fala em um espaço social e seus domínios. Os autores que desenvolvem esta perspectiva têm assumido a diversidade da "comunidade de

¹³ Sobre os diferentes modos como são incorporados ao cotidiano os bens simbólicos da Indústria Cultural ver Leal (1986).

¹⁴ Sobre os jogos e duelos verbais ver capítulo III.

¹⁵ Ver Gumpertz e Hymes (1972) sobre a distinção entre fala e linguagem que retoma de Saussure. Fala refere-se aos sons produzidos, uma atualização pelos falantes. A linguagem é entendida como

fala" e de suas diferentes posições sociais como constituintes do processo de comunicação a ser descrito. Tão importante quanto o que é dito está como e quem o diz, apontando para os momentos de produção. Produções que são percebidas como criações compartilhadas e não como o estudo de escolhas individuais (o que se relaciona a compreensão de Barthes).

Embora este tipo de etnografia permita uma mobilidade maior do pesquisador em apreender significados, complexifica seu trabalho de relacionar e produzir suas interpretações. Não temos mais um conteúdo coerente expresso na linguagem a ser analisado e esquadrinhado, mas uma linguagem sendo usada de forma complexa, com densidade e significados sendo produzidos através dos eventos de fala persegue-se aquilo que ordena e confere sentido porque permite contrapor experiências individuais e coletivas.

Estes elementos possibilitam repensar o modo de análise e delimitação das relações entre grupos sociais. São preocupações que buscam delimitar grupos sociais através de suas fronteiras simbólicas expressas nestes três focos. O que se pretende entender é como determinado modo de vida pode fazer sentido para o outro: Que elementos articulariam? Que elementos estão em conflito? Neste sentido, o que o conceito de cultura quer abarcar e quais as questões que trás à tona, são preocupações a desenvolver afinal, não é um conceito unívoco, nem exclusivo da antropologia, mesmo nesta área tem diferentes usos e trajetórias.

1.2. Entre os Vários Conceitos de Cultura.

A definição do conceito de cultura para este trabalho etnográfico trás algumas especificidades. As atitudes dos donos dos bares quanto à administração destes locais e a relação que é mantida entre estes homens trás importantes indícios de um sistema de significados que dá sentido de realidade e informa práticas sociais. Na expressão de Sahlins (1979), a cultura é uma ordenação própria de um grupo social, uma

um padrão compartilhado, diferenciado dos fatos sociais, do comportamento dos agentes tendo certas regularidades.

mediação simbólica que dá sentido a realidade, que a organiza. A definição de Sahlins (1979) parece-me adequada para meu trabalho¹⁶:

“a cultura, não simplesmente mediando à relação humana com o mundo através de uma lógica social de significação, mas compreendendo através daquele esquema os termos objetivo e subjetivo relevantes da relação. (Sahlins, 1979:10).”

Embora o conceito de cultura pareça consensual aos antropólogos a ponto de estarmos "todos falando do mesmo" há algumas nuances quanto à abrangência frente a objetos de estudo e problemáticas desenvolvidas de acordo com cada situação etnográfica.

Sahlins é um dos críticos das ciências sociais no que se refere às interpretações que associam o conceito de cultura a uma "ordenação lógica" imputada ao material. Deste modo, o sentido último dos significados vivenciados pelo "outro" poderiam ser encontrados em uma organização coerente e externa a ele. Ou seja, a cultura do "outro" é avaliada geralmente, pelo crivo das necessidades instrumentais predominante nos referenciais dos pesquisadores. A crítica de Sahlins mobiliza em muito a compreensão que tenho dos bares e dos homens neles reunidos.

Parece-me impossível encontrar uma razão suficiente que expresse o significado do bar¹⁷. Existem muitas versões relacionadas, razões que são pensadas e sugeridas também pelo próprio grupo. Assim, uma das versões que encontrei sobre os significados de estar naqueles espaços sociais - que poderiam poderiam poderiam ser interpretadas como necessidades instrumentais - é o consumo de bebidas e comida (almoços servidos). No entanto, uma questão mantinha-se, por que estes bares e não outros "igualmente" disponíveis para suprir estas necessidades instrumentais. Para Sahlins:

¹⁶ Alguns dos referenciais coincidentes destacados por Geertz (1978) serão explorados adiante.

¹⁷ Neste sentido, os significados compartilhados nos momentos de "lazer" em classes populares são entendidos como uma teia de significados no sentido dado por Magnani (1984), e não uma projeção das relações de trabalho como duas esferas antagônicas ou inversas por definição.

“as chamadas causas materiais devem ser, enquanto tais, o produto de um sistema simbólico cujo caráter cabe a nós investigar, pois sem a mediação desse esquema cultural nenhuma relação adequada entre uma condição material dada e uma forma cultural específica pode ser especificada. As determinações gerais da práxis estão sujeitas às formulações específicas da cultura, isto é, de uma ordem que goza, por suas propriedades de sistema simbólico, de uma autonomia fundamental. (Sahlins, 1979:70).”

Suas críticas referem-se especificamente a uma possível desvalorização das motivações contidas nas práticas culturais do "outro". Quando não são instrumentais (valor legítimo para o pesquisador) tornam-se desprovidas de significados, uma distorção da realidade, uma deformação na percepção do real¹⁸.

Sahlins põe em evidência a importância de estudarmos os processos de percepção da realidade associados à concepção que dela o grupo faz ou possa fazer. São, para ele, processos indissociáveis, ou melhor, um mesmo processo de significação. Penso que os homens que se encontram nos bares, atuam de acordo com expectativas sociais já conhecidas ou aprendidas no convívio entre homens, isto não quer dizer que este "documento de atuação" seja um modelo mecânico. No meu entendimento, converge para o que Sahlins (1990) denomina como "estruturas performativas" incorporando a possibilidade de que a produção simbólica esteja constantemente absorvendo e posicionando-se frente aos acontecimentos cotidianos:

“Quando confrontados por pessoas que parecem criar suas regras em movimento, que fazem do fato social uma ficção frente a seus verdadeiros interesses, lembramo-nos de nós mesmos e começamos a falar, misteriosa ou dialeticamente, de princípios antitéticos, de propriedades e tipos de causação. Descobrimos diferenças ontológicas entre estrutura e prática, sistema e evento, estado e processo, norma e comportamento. Um sistema, ou

¹⁸ Em uma outra perspectiva, Magnani (1986) chama a reflexão do conceito de representações, a partir da experiência de Malinowski, trazendo o conceito para as pesquisas atuais. Há uma reflexão quanto a ambigüidade encontrada em atos e falas que denunciam significados ao invés de anularem-se mutuamente.

uma estrutura aparece enquanto que a vida do modo como é vivida é real, empírica ou prática. Temos dificuldade em imaginar que ao nível do significado, que é o nível da cultura, ser e ação sejam intercambiáveis. (Sahlins, 1990:46).”

Tanto na versão de Sahlins sobre o conceito de cultura, quanto em Geertz (1978), os processos de decodificação do mundo ou codificação da realidade baseiam-se na premissa do homem como um ser simbólico que a tudo atribui significados. A partir desta compreensão, o conceito de cultura busca descrever as mediações que informam práticas sociais e produzem versões sobre a realidade social, modelos de realidade e de comportamento social informando atitudes e falas.

Estas mediações são representações sociais que teriam um duplo sentido. Representar no sentido de estar no lugar de (expressando uma realidade), mas também, enquanto uma atuação sobre a realidade (no sentido cênico). A noção de representação estaria relacionada a categorias negociadas e criadas socialmente, contraditórias e ambíguas por definição.

A principal crítica que se faz a utilização do conceito de cultura é que ele imobiliza e despolitiza o trabalho do pesquisador. No entanto, alguns dos trabalhos antropológicos atuais têm assumido - e esta é uma característica importante - os referenciais da sociologia da dominação - buscando entender como arranjos culturais são criados e vividos. Neste caso, a problemática da diferenciação de classes é incorporada ao universo de representações que atravessam as experiências dos sujeitos sociais e que tem uma elaboração específica para diferentes grupos, no caso por mim analisado, nos grupos predominantemente de homens de classes populares.

O conceito de cultura na abordagem antropológica parte das práticas sociais cotidianas que permitem descrever o universo simbólico de determinado grupo social através dos seus conceitos *ênicos*. Pretende aproximar-se do universo simbólico que informa condutas e critérios compartilhados por grupos sociais. Possibilita, então, inspecionar a realidade relacionando significados produzidos em seus modos de vidas. A análise da cultura seria possível através do que Ginzburg (1989) chama de um "paradigma indiciário ou semiótico" que permite relacionar fragmentos e perceber a densidade que os

significados tramam na atuação dos sujeitos. Compartilho do conceito de cultura de Geertz (1978) definido como:

“O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.” (Geertz, 1978:15).

Cultura é entendida como um sistema simbólico, estruturas de significados, estabelecidas socialmente em termos das quais as condutas são elaboradas e compartilhadas e que encontra efetividade nos indivíduos, os constituem. Como sistema simbólico, o conceito suporta a fluidez dos processos de comunicação através do qual a cultura não é mero "registro" de símbolos. As relações que são realizadas são textos de atuação onde os significados entram em conflito são, portanto, textos dinâmicos a serem interpretados.

Como atividade do pesquisador a partir deste conceito, há uma proximidade com o que Lévi-Strauss (1989) chama de bricoleur, aquele que relaciona fragmentos, elementos dispersos, que por esta atividade interpreta e cria novos significados. Com esta idéia, o posicionamento do autor varia de acordo com os elementos que dispõe, analisa seus dados, propõe interpretações e, centra-se, posiciona-se novamente dentro da situação "trabalho de campo" que produziu significados e dentro da problemática que delimitou¹⁹. O que temos segundo Geertz, é a possibilidade de "interpretações de interpretações".

¹⁹ A este respeito ver Bourdieu (1985) onde afirma que "A relação particular do antropólogo com o seu objeto de estudo contém em si mesmo a estrutura de uma distorção teórica, a medida que a sua situação de observador o exclui do jogo real das atividades sociais, pelo fato de ele não ter lugar (a não ser por estratégias artificiais) no sistema observado e não tem necessidade de fazer um lugar para si lá, o inclina a uma representação hermenêutica das práticas, levando-o a reduzir todas as relações sociais a relações comunicativas e a operações de decodificação" (1985: 01).

O conceito de cultura de Geertz suporta tanto aspectos cognitivos, existenciais - Visão de mundo - quanto aos elementos valorativos, ou seja, o ethos²⁰. São conceitos que relacionam a descrição de modos de vida e os valores compartilhados por determinado grupo. Conceitos que permanecem distintos em termos metodológicos embora tenham congruência quando confrontados a realidade.

Segundo Geertz, a visão de mundo e o ethos, são conceitos que se referem aos significados compartilhados e "armazenados" nos símbolos, são representações sociais que formam subjetividades ou traçam seus parâmetros. Para Geertz:

“O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem...” (Geertz, 1978:144)

Geertz observa, através das categorias Visão de mundo e Ethos que há uma "economia de sentimentos" para cada cultura. Neste caso, a cultura não seria somente um "documento de atuação" lógico e organizacional (críticas que coincidem com a visão de Sahlins). Sua proposta de conceito de cultura envolve a importância da experiência subjetiva detendo-se no que chama de "economia emocional" de cada cultura. Esta é percebida através das simbolizações que são produzidas sobre os sujeitos.

Entre as preocupações de Geertz está a de fornecer uma "descrição densa" de modos de vidas e da relação entre indivíduo e sociedade. Procura entender através dos referenciais simbólicos, no caso expressos em seus rituais dos balineses e os modos como estes conferem significado e organizam sua experiência social. Desta maneira:

“O mundo cotidiano no qual se movem os membros de qualquer comunidade, seu campo de ação social considerado garantido, é habitado não por homens quaisquer, sem rosto, sem qualidades, mas por homens personalizados, classes concretas de pessoas

²⁰ Geertz (1978) especialmente capítulo V. e Bateson (1958).

determinadas, positivamente caracterizadas e adequadamente rotuladas. Os sistemas de símbolos que definem essas classes não são dados pela natureza das coisas são construídos historicamente, mantidos socialmente e aplicados individualmente. (Geertz, 1978:229).”

Estes autores enfatizam que o estudo da relação estabelecida entre indivíduo e sociedade - trata de uma relação básica entre subjetividade e cultura, não mais uma como reflexo da outra, mas como as simbolizações são negociadas e construídas culturalmente. Estas negociações são entendidas como textos dinâmicos. Evita-se a redução da cultura como reflexo do psicológico ao social incorporando a contribuição de Durkheim (1969). Percebe, no entanto, as negociações entre os indivíduos e sociedade, negociações que se dão não só ao nível de valores sociais, mas nos modos adequados de expressão em, por exemplo, rituais específicos.

A "escola americana" é um referencial importante para esta discussão. Nos trabalhos de Mead (1969) e Benedict (1972), a ênfase é dada ao aprendizado cultural e o estudo de padrões de comportamento e de costumes. Pretendem entender a relação entre indivíduo e sociedade que cada cultura constrói. Demonstram que a cultura exerce um treinamento capaz de modelar e construir condutas e possibilidades físicas tornadas "naturais" para cada indivíduo e para cada sexo. Em suas premissas há a idéia de que a "natureza humana" dá todas as possibilidades, mas somente algumas são culturalmente desenvolvidas. O aprendizado cultural inclui a formação de subjetividades específicas compartilhadas. É necessária uma releitura, no entanto, do que é entendido como subjetividade para as autoras, pois é marcante o entendimento das culturas por elas analisadas através de uma linguagem (disponível) da psicologia projetada ao plano das culturas. Entendo que as categorias êmicas permitem entender e fornecer os parâmetros sobre os quais o sujeito é culturalmente concebido.

Benedict afirma que os padrões selecionados em cada cultura delimitam as possibilidades de cada indivíduo de acordo com os padrões por ela oferecidos. O pressuposto é de uma criatividade do indivíduo cerceada pela cultura o que contrasta com

a noção, de que existem construções culturais da subjetividade, são em alguma medida culturais e históricas²¹.

Mesmo em diferenças muito tênues, as autoras encontram-se próximas aos escritos de Mauss (1974). Mauss afirma que cada cultura molda as reações emocionais e corporais de cada indivíduo em sociedade, entretanto, muito mais que solidariedades, a cultura cria sujeitos sociais. A cultura não seria uma escolha frente às potencialidades individuais. Como enfatizado pelas autoras citadas são, do contrário, estas concebidas culturalmente tanto em potencialidades referentes à postura corporal quanto na sua densidade psíquica. Mais do que uma coerção social sobre os indivíduos, centrada na preocupação de um perigo de desagregação social, a atividade da cultura é a formação destes, de suas atitudes e emoções:

“...um considerável número de expressões orais de sentimentos e emoções, em muitas povoações espalhadas em todo um continente, tem unicamente caráter coletivo. Digamos logo que este caráter não prejudica em nada a intensidade dos sentimentos, muito pelo contrário (...) todas as expressões coletivas, simultaneamente, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem.” (Mauss, 1974:153). .

Algumas ressalvas têm de ser feitas a fim de adequar e evitar distorções ao trabalho de Mauss. O autor está preocupado em descrever como certas disciplinas corporais e emocionais adquirem especificidades e valor para determinados grupos sociais. Porém, sua questão fundamental é de inventariar os usos e as possibilidades que o homem criou para expressar-se traçando os elementos universais. A contribuição de Mauss foi de mostrar que o homem não é mero produto de seu corpo - nem de sua raça - e sim, que fez diferentes usos do corpo como seu instrumento de expressão de suas técnicas e representações.

²¹ Esta é uma marca diferencial significativa entre seus trabalhos vinculados a escola americana dos trabalhos de Mauss. Este último parece-me mais abrangente para esta pesquisa.

O trabalho de Mauss pode ser lido a partir da preocupação com a expressão de sentimentos sociais relacionadas à forma como cada cultura cria sujeitos - ou seja, como produz "atitudes esperadas". Por outro lado, permite uma comunicação entre diferentes níveis de análise que permaneciam em domínios excludentes, o nível psicológico e sociológico.

Existem, portanto, subjetividades sendo conformadas pelas/em atitudes sociais. A cultura seleciona comportamentos possíveis, que tem efetividade corporal conformando subjetividades e criando identidades através de modos de expressão. Enfatizo esta questão como parte importante das construções culturais, pois penso que as vivências traduzidas nas falas de meus entrevistados expressam alguns dos modos adequados de colocarem-se nos bares, entre homens, de atuarem em espaços públicos e atualizarem um repertório específico masculino.

Segundo Bateson (1958), é possível descrever atitudes sociais que correspondem a uma possível padronização das emoções - nos modos de agir e sentir em cada cultura e diferenciados entre os sexos na mesma cultura. Isto não significa uma diluição do nível subjetivo no social. Bateson diferencia internamente atitudes masculinas e femininas, já em 1936, no caso perante os rituais relacionados à morte, partindo da noção de ethos. Em uma mesma cultura existem posicionamentos diferenciados sobre o que são atitudes e símbolos de homens e de mulheres, ao que denomina de ethos masculino e ethos feminino. Sem entrar na diferenciação específica de sua pesquisa, no que consistem, são definições que são acionadas dos homens sobre as mulheres e vice-versa. Tais representações contribuem na construção da auto-imagem dos sujeitos em termos de gênero. No caso por ele analisado, os comportamentos masculino e feminino são contrastantes. Enquanto as mulheres choram a morte, os homens afirmam que, *nós Iatmul não somos um povo chorão*, frente ao pesquisador e referindo-se às mulheres de seu grupo. Impunham lanças durante o funeral e expressam orgulho, desafios verbais, etc. Elementos estes que são estranhos e dados como inadequados, perante os rituais funerários, pelas mulheres da mesma cultura. Bateson traz como questão este nós como a construção de uma diferenciação em termos de gênero, como ethos diferenciado, com relação a um outro da mesma cultura, "para dentro".

Estas questões se tornam relevantes para o entendimento desta construção diferencial de sujeitos na mesma cultura. Ou seja, dada à especificidade de meu universo de pesquisa, onde há uma "escolha" pelos espaços masculinos auto-segregados, a construção de sujeitos no convívio dos bares cria um espaço onde o outro são as mulheres, as ausentes. Neste sentido, o espaço é estruturado, por excelência, como masculino e também estruturador desta segregação entre gêneros. Por outro lado, entre os semelhantes há uma série de diferenças e referenciais a serem equacionados, entre eles questões étnicas e as relações entre frações de classes vistas como desiguais e diferenciadas que convivem no bairro.

O conceito de cultura que penso adequado para esta pesquisa incorpora estas questões, bem como as críticas e preocupações de Rosaldo (1984). Como refere, muitos trabalhos antropológicos têm negligenciado o poder explicativo das emoções na construção dos sujeitos em cada cultura. Em geral, segundo apresenta, nas análises o pesquisador torna-se apreensivo quanto ao potencial de veracidade dos sentimentos expressos pelos informantes. Da mesma forma, é aí que reside o risco de interpretações etnocêntricas. Geralmente os trabalhos têm buscado outros referenciais culturais, que não a expressão social das emoções, para dar sentido aos dados etnográficos. A questão permaneceria inexplorada exatamente por evitar tencionar as fronteiras entre subjetividades de pesquisador e pesquisado, um dos níveis por onde sujeitos são construídos socialmente, tem sido evitado e tornado um "perigo" a legitimidade do pesquisador.

1.3. Cultura Masculina e Questões Relacionadas com a Construção de Gênero.

É necessário retomar os pontos até então destacados a fim de perceber como o conceito de gênero emerge e quais preocupações estão articuladas nesta etnografia. Tratei de temas como identidade social e a articulação entre a experiência social e subjetiva. Estes temas se encontram, no meu entendimento, articulados tanto ao nível da vivência destes sujeitos em sociedades complexas (disseminada em diferentes esferas da vida social) quanto relacionadas a sistemas simbólicos entendido como um

"documento de atuação" e de construção de subjetividades. A separação efetuada entre individual e social é apenas textual, ou seja, como forma de destacar diferentes níveis justapostos.

O conceito de ethos referido, tanto Bateson (1958) quanto Geertz (1978), é a melhor síntese destes níveis. É na análise das vivências, de uma economia de sentimentos e atitudes elaboradas culturalmente, que centralizo este trabalho. Vivências estas que evito colocá-las sob o prisma de uma experiência individual projetada ao social e sim, nos termos do universo de trabalho de campo, de construções culturais do sujeito de gênero masculino de classes populares²².

O conceito de gênero tem uma aplicação muito ampla que articula de modos diferenciados temas e um aparato teórico em diferentes sentidos²³. Em primeiro lugar, o conceito aqui incorporado, estabelece uma ruptura com a compreensão de que os universos masculinos e femininos tenham um referente imediato, determinante e totalizador no domínio biológico. Para Mead (1969), os modos masculinos e femininos não se explicam por uma aptidão natural e biológica dos sexos. Seu trabalho mantém importância na medida em que diferencia práticas sexuais de papéis sexuais²⁴. Ressalta o fato de que são as mulheres quem tem a prole, os cuidados com a prole, mas que o valor atribuído a cada sexo e suas possibilidades biológicas ou psíquicas é concebido culturalmente. Entende que a natureza humana dá todas as possibilidades ao indivíduo, porém a cultura seleciona e dá ênfase a alguns destes traços e não outros. Os "dados naturais" que dizem respeito tanto ao dado biológico quanto a modos de expressão adequados são definidos culturalmente e distintos para cada sexo. Para a autora, cada cultura tem "um valor" maior que delimita o "temperamento" adequado e/ou desviante para os indivíduos. Assim como enfatiza Bourdieu (1990):

²² A este respeito ver Duarte (1987b).

²³ Sobre os estudos relativos a gênero há inúmeras revisões bibliográficas ver, por exemplo, Scott (1990), Rosaldo (1980) entre outros.

²⁴ Foucault (1988) critica a construção que fazemos, enquanto ocidentais, da sexualidade como o dilema fundamental e definidor de indivíduos em todas as sociedades. Afirma que são preocupações que vivenciamos e construímos historicamente na experiência ocidental. Uma categoria a ser repensada pois é colocada como "balizadora" de todas as sociedades.

“Os corpos masculinos e o corpo feminino e, mais especialmente os órgãos sexuais que, porque eles condensam a diferença entre os sexos, são predispostos a simbolizar, são percebidos e constituídos segundo esquemas práticos do habitus e assim constituídos em suportes simbólicos privilegiados de suas significações e de valores que estão de acordo com os princípios da visão phalocêntrica do mundo. Não é o phallus (ou sua ausência) que é o princípio gerador desta visão de mundo, mas é essa visão de mundo que, estando organizada, por suas razões sociais que é preciso tentar descobrir, segundo a divisão em gêneros relacionais, masculino e feminino pode instituir o phallus constituindo em símbolo da virilidade do nif propriamente masculino, no princípio da diferença entre os sexos (em sentido de gêneros) e fundar a diferença social entre duas essências hierarquizadas na objetividade de uma diferença natural entre os corpos biológicos. (1990:14).”

Uma segunda questão presente nos trabalhos dedicados a questões de gênero é a constante referência ao estudo sobre mulheres. É sobre mulheres e, na maioria dos casos, por mulheres, que o tema tem sido desenvolvido e discutido formando um campo específico de produção sobre as questões de gênero. Desta forma, o conceito de gênero tornou-se freqüentemente como um dos sinônimos para estudos de "questões sobre a mulher". Mais recentemente, tem-se evitado a idéia de um isolamento, de esferas separadas e se tomam as relações entre gêneros como parte constituinte essencial destes. Para a compreensão da constituição de um gênero é necessário ter a referência de como o outro é vivenciado cotidianamente. Porém, se faz necessário alguns cuidados a ponto de não colocar o aspecto relacional da construção dos gêneros dentro da idéia de complementaridade universal em que um exemplo particular exemplificaria tal proposição ou seria exemplar de uma construção própria para cada cultura. Assim, passaríamos de uma crítica, uma observação baseada na experiência etnográfica, a uma forma preconcebida de construir os dados etnográficos e igualar o sentido de todas as relações de gênero.

O trabalho de Bateson já em 1936, toma como significativa esta dimensão relacional da construção dos ethos masculino e feminino. Nele, demonstra o quanto o universo simbólico masculino, falas e atitudes, em Palimbai permanecem

"incompreensíveis" ou são consideradas "inadequadas" pelas mulheres da mesma cultura. Ao mesmo tempo, estes universos distantes compartilham de um mesmo universo cultural, mas através da constituição de ethos diferenciados. Na própria cultura, um gênero aciona símbolos e expressões diferenciadas e diferenciadoras como marcas de identidade.

Para falarmos de universos simbólicos masculinos e femininos, temos em mãos dois caminhos (não excludentes) para pensar as relações entre os gêneros despreendendo-se de um lado dos aspectos ligados a uma determinação do biológico, e por outro lado, de uma "complementaridade natural". Estas duas perspectivas dizem respeito às construções sociais de gênero como elaborações pela similaridade e também, mas não exclusivamente, sobre a diferença com o outro gênero na mesma cultura, referenciais básicos de identidade e modos de relação entre os sexos.

Todavia, quando propomos um estudo centrado na construção do gênero masculino em classes populares as questões referentes à dominação masculina são ressaltadas. Um dos enfoques desenvolvidos sobre as relações de gênero sobre sociedades complexas, enfatiza a proeminência de uma dominação masculina. Os estudos que buscam entender esta dominação centram-se em "evidenciá-la" ou "entender sua lógica". Estes trabalhos normalmente recaem em dois sentidos: em uma hierarquia universal entre gêneros através do qual o modo de produção capitalista encontra sua matéria prima, ou, por outro lado, em uma culpabilização de um ou outro sexo na manutenção de desigualdades. A diferenciação é traduzida em termos de uma "deficiência" intrínseca do ponto de vista histórico ou psicanalítico. Segundo Bourdieu (1990):

“Se essa divisão parece ser "da ordem das coisas", como se diz seguidamente para se referir ao que é normal, natural ao ponto de ser inevitável é por que ela se apresenta em estado objetivado no mundo social e também, em estado incorporado no habitus, onde ela funciona como um princípio universal da visão e da divisão, como um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de ação. (1990:06).”

A diferenciação entre gêneros teria esta característica de incorporação de disposições e de repartições como universal, mas, de todo modo, construídas

culturalmente. Bourdieu vai mais adiante, afirmando que, se alguns estudos psicanalíticos instauram o phallus como constituidor de uma posição de domínio ou submissão entre gêneros, isto é compreensível na medida em que estão também dentro destes esquemas de percepção - baseados em uma predominância masculina - que transformam diferença em "deficiência".

Dentre alguns estudos ligados à psicologia, Chodorow (1979) é um exemplo de entendimento da construção social da subjetividade. Sugere que o desenvolvimento de personalidades se efetiva de modo diferenciado através da vivência que é interiorizada e que permanece como traço fundamental - uma organização estrutural - na primeira infância²⁵. Seria a identificação/separação da mãe a experiência fundamental para o processo de organização e estabilidade dos sujeitos. O ponto central de Chodorow é de que a personalidade não é simplesmente "ensinada", mas corresponde a certas características da "estrutura social" e da "organização inconsciente". Os posicionamentos de Chodorow são importantes reflexões para pensar os contrastes e opções sobre o tema identidade de gênero. Neste caso, não são as diferenças sexuais e biológicas que determinam referenciais simbólicos, mas as diferentes socializações que estabelecem construções próprias. Porém, retorna a idéia de processos universais das construções social de gênero.

Em outras versões, o gênero masculino, como aquele que detém o poder, perde legitimidade sobre sua experiência subjetiva (por deter poder). A identificação masculina, entre homens em que se constroem sua identidade. É entendida como:

“O menino refaz ativamente a equação pênis-falo em interesse próprio. Sua companhia predileta é a de outros meninos. A amizade se funda na identificação entre "privilegiados" (imaginários), e a bonita cumplicidade masculina que se forma neste momento é também uma cumplicidade entre mentirosos. Os meninos mentem uns para os outros, sim, pois precisam esconder todo o sinal de fraqueza e incompletude para manter o pacto

²⁵ "De acordo com a teoria psicanalítica, a personalidade é o resultado das experiências de relação social dos meninos e meninas desde a primeira infância." (Chodorow, 1979:67).

onipotente entre machos. Mentem entre si, mas não se traem diante das meninas (...) o jogo é jogado para afastá-las - as pobres meninas. (Kehl, 1988:417).”

O artigo de Scott (1990) é importante para situar-me quanto às questões de gênero. Desenvolvo os diferentes modos como são construídos culturalmente sujeitos sociais e, no caso, referida a experiência em classes populares²⁶. A especificação de meu grupo sugere que as experiências subjetivas encontram-se ancoradas nesta vivência particular a descrever e, não uma interpretação universal sobre masculino.

Dentro desta delimitação - de classes populares - há um rompimento efetuado por este trabalho no que diz respeito a privilegiar do espaço doméstico como único ou imprescindível para elaborações simbólicas²⁷. A esfera doméstica por onde se centram grande parte dos trabalhos sobre gênero se encontra, neste caso, distante, embora, apareça no universo do trabalho de campo através das falas masculinas. Para meu trabalho de campo esta constante segregação entre homens aparece em termos de uma "escolha condicionada", porém uma variável a ser analisada como um momento importante destes homens no investimento de seus momentos lúdicos.

Assim, trabalhos como o de Carvalho (1980), Duarte (1987b) e Leal (1989) oferecem uma análise simbólica interessante que extrapola a esfera doméstica como espaço de construção de significados, e de sujeitos. Descreve os símbolos e a aprendizagem cultural de sujeitos através da vivência de homens entre homens no espaço público ou do trabalho.

Tratando-se aqui de um trabalho centrado na produção da masculinidade, de sujeitos sociais masculinos em classes populares, é no universo do público, na rua que destaco um dos níveis importantes das socializações seja no espaço lúdico ou do trabalho.

²⁶ Neste sentido há uma extensa bibliografia sobre um ethos popular específico na construção de pessoa contraposta a noção de indivíduo/individualismo onde o trabalho de Duarte (1986) é representativo. Há também trabalhos etnográficos importantes relacionados ao conceito de honra e o modo diferenciado de apropriação deste por grupos populares entre homens e mulheres. As questões referentes a honra são recorrentes em grupos populares, ver Fonseca (1987,1988, 1991), Neves (1982) e Machado (1985).

²⁷ Sobre a ênfase na esfera doméstica ou familiar nos trabalhos sobre gênero compartilho do entendimento de Rosaldo (1980) onde associa isto a uma constante preocupação dos estudos na

Neste convívio indicam os referenciais necessários para a conduta, regras, cumplicidades, modos de expressão através da fala e atuação em disputas, como componentes de modelos de masculinidade.

A masculinidade teria como característica a construção referida a outros homens, ao desempenho no espaço público, uma demarcação que exclui territorialmente o outro: exclui a participação das mulheres. Em diferentes trabalhos à respeito de masculinidade é enfatizado quanto esta experiência de construção de gênero é social e referida a grupos de homens. Para Carvalho (1980):

“o jogo de bolinhas é que, por ser uma arena simbólica de afirmação juvenil pela masculinidade, pode ser fonte de muitas frustrações e derrotas reais. Ainda mais, a nível puramente simbólico, oferece uma antevisão de futuras dificuldades para o homem em formação (o qual, com a puberdade, enfrentarão uma luta ainda mais acirrada no convívio com seus pares). No entanto, apesar disto tudo, é praticado com enorme gosto pelos meninos, a ponto de tornar o obrigatório desejável, o difícil e tortuoso caminho para a masculinidade adulta pode ser percorrido, acima de todas as angústias, lutas e tentativas falhas que acarreta, com o máximo prazer e espírito esportivo. (Carvalho, 1980:29).”

Estas vivências com seu grupo afetarão seu mundo emocional. O próprio autor afirma que mesmo entre adultos por ele entrevistados, ex-praticantes, o jogo infantil permanece na lembrança dos adultos. No bairro por ele estudado, a segregação entre grupos masculinos e femininos era demarcada não só nas tarefas cotidianas, mas nas atividades lúdicas.

Em termos de identidade de gênero, esta distância é entendida em termos de universo simbólico, mas é uma distância que tem um valor demarcado e construído culturalmente. Os problemas relativos à identidade de gênero e relação entre gêneros são expressos no cotidiano através, das diferentes falas masculinas.

análise do espaço feminino, procedimento adequado para estes temas específicos e não um modo universal de abordá-lo.

Oliveira (1987) demonstra como, no caso da música popular brasileira, é expressa a relação entre homem e mulher evidenciando os valores e expectativas sobre as relações com mulher e trabalho atribuídas por compositores, homens na sua maioria:

“A mulher é o elemento propulsor do enredo destes samba (Caixa Econômica de Orestes Barbosa e Antônio Nassara de 1933). É ela que acusa o narrador de ser moleque por não trabalhar, do que ele se defende em dois níveis. Primeiro, argumentando que o trabalho é inútil para as classes trabalhadoras (...) A preguiça é erigida em traço hereditário, pelo qual portanto não é responsável e que se manifesta já por ocasião do nascimento (...) O segundo nível da defesa é um contra ataque, expresso na acusação de que a mulher é uma consumidora insaciável (...) e tem um caráter predador (...). (Oliveira, 1987:56).”

São valores atribuídos ao outro gênero na mesma cultura, e por parâmetros encontrados e reconhecidos no outro, articulando-se e expressando o modo de vida e os dilemas cotidianos que o grupo tem como referência - trabalho, consumo, malandragem, não trabalho. Neste caso, as relações de gênero e modo de vida se encontram entrelaçados e expressos no caso, nas músicas, de acordo com os referenciais de seu grupo masculino sobre as mulheres (e o universo feminino) bem como o que esta representa para o seu cotidiano.

A partir destes autores, retenho como fundamental que a construção social de gêneros mantém uma dimensão relacional, porém estes significados produzidos estão condicionados aos parâmetros de uma vivência específica de um grupo social²⁸. É nos trabalhos etnográficos de Brandes (1980), Leal (1989) e Pitt-Rivers (1977) que percebemos os valores culturais atribuídos aos diferentes gêneros, às expectativas relacionadas, bem como o modo específico como são definidos e celebrados em cada cultura. Desta forma, é possível perceber como sujeitos são construídos de modo diferenciado a partir de representações relativas ao gênero em cada cultura.

²⁸ Sobre o caráter relacional das construções de gêneros ver Bourdieu (1990).

O trabalho de Pitt-Rivers analisa a cultura andaluza e identifica na noção de honra um sistema de valores que organiza a relação entre os gêneros²⁹. A honra incide diferentemente para mulheres e homens organizando a sociedade e criando outras configurações e arranjos sociais. Pitt-Rivers entende que o valor do indivíduo, e de cada gênero, é uma construção cultural. No caso por ele estudado, o sentimento de honra inspira uma conduta, o reconhecimento social, estabelecendo umnexo entre indivíduo e sociedade e acionando universos simbólicos na relação entre os gêneros onde os sujeitos estão pré-posicionados:

“A honra é um valor de uma pessoa para si mesma, mas também para a sociedade (...) o sentimento de honra inspira uma conduta honorável, a conduta recebe reconhecimento e estabelece a reputação, e por último a reputação se vê consagrada pela concessão de honras. (Pitt-Rivers, 1977: 19).”

A especificidade desta relação indivíduo/sociedade baseada na honra implica numa hierarquia social em que as posições sociais e as identidades de gênero dependem de negociações em que se reconhecem mutuamente e situam-se como indivíduos em sociedade. A honra configuraria um sistema de valores que estrutura as relações entre os indivíduos, em torno das quais se configuram conflitos e são produzidos novos significados. Através destes valores que são avaliadas as condutas dos indivíduos, "a honra de um homem tem caráter legal no direito espanhol, coisa que não tem para um anglo-saxão." (Pitt-Rivers, 1977:41).

O sistema de honra organiza a linguagem cotidiana das relações entre os sexos. Dentro de um sistema há uma evidente diferenciação entre os sexos estes se encontram relacionados a um sistema reconhecido por ambos. Partindo da definição de Honra de Pitt-Rivers, os modos como os homens se percebem e percebem as mulheres estão colocados dentro de um sistema. Mostra com estas descrições os referenciais de um "sistema" baseado neste valor - a honra - que dá consistência às concepções encontradas na sociedade andaluza em diferentes esferas sociais. Valores que informam condutas.

²⁹ A este respeito ver Bourdieu (1979).

Em referência aos valores sociais, os atributos masculinos e femininos são diferenciados e relacionados a atributos considerados como "naturais" de cada sexo dentro de determinada cultura. A honra feminina depende da virtude - pureza sexual - a qual o homem deve defender porque dela depende sua honra e, por conseguinte seu reconhecimento como pessoa nesse mundo de relações sociais. Sem a presença da autoridade masculina a pureza sexual é posta em dúvida pelo grupo. Ou seja, são valores referidos ao grupo consistindo numa linguagem das relações sociais³⁰.

Estes trabalhos são importantes na medida em que coincidem com minha percepção sobre os homens que ocupam os bares onde os valores relativos à honra, respeito, ofensa são expressos e compartilhados/disputados nas conversas entre eles.

Como a simbologia posta em evidência por Brandes revela, são referenciais de uma cultura masculina que cria e relaciona elementos simbólicos sobre si e sobre o outro. Elementos que tem uma densidade de significados e símbolos constituindo-se em um sistema que além de posicionar e organizar o mundo social produzindo um repertório específico masculino. Como enfatiza Leal (1989) em sua etnografia entre gaúchos, peões de estância no sul do Brasil e no Uruguai, os referenciais de auto-imagem e imagem da "mulher" são construídos através de uma simbologia disponível nas relações cotidianas, seja na esfera do trabalho, seja na ausência efetiva das mulheres no seu dia-a-dia.

O que se percebe nestes trabalhos é que são construções culturais sobre o outro gênero vivenciado (ou segregado) na mesma sociedade, e, sobretudo, sobre sua auto-imagem enquanto de gênero masculino. Para este trabalho esta é uma dimensão importante já que se distancia do prisma do exercício de uma dominação e de suas razões para buscar o entendimento do universo simbólico masculino e o modo como este cria e partilha valores e significados sobre a masculinidade e atribui significados ao outro da mesma cultura, no caso as mulheres.

³⁰ Na definição dos sujeitos na cultura andaluza, os referenciais sobre o outro (o outro sexo) são importantes na construção dos sujeitos. Pesquisando entre os Monteros na Andaluzia, Brandes (1980) analisa como na perspectiva dos homens ocorre a associação da mulher (na linguagem, nos ditados e expressões) a elementos religiosos, natureza, ao perigo, etc. Para os homens andaluzos, a "mulher" exerce um poder destrutivo ao seu *self*. Uma concepção que se assenta e reforça-se na compreensão que apresentam sobre seu próprio corpo, tendo na força física um valor fundamental e emblemas de masculinidade.

No trabalho etnográfico de Leal (1989) a ausência das mulheres nas estâncias configura uma situação específica da construção de identidade de gênero, de certa forma por que um arranjo imposto ao cotidiano de trabalho dos peões. Por sua vez, esta característica tem se demonstrado recorrente nos trabalhos que analisam a construção do gênero masculino. É preferencialmente entre homens o investimento do tempo lúdico, ou mesmo, recorrente as formas de trabalho que excluem a presença de mulheres. Nestes locais se colocam em evidência um repertório masculino.

Nos bares onde desenvolvo o trabalho de campo o universo simbólico masculino emerge através das falas compartilhadas em um espaço onde há uma "escolha" pela auto-segregação. Ali são realizadas trocas simbólicas configurando uma esfera de produção de significados e trocas de experiências entre homens. Retornam, contudo, em muitos casos, na esfera doméstica, mas mantém como espaço de trocas simbólicas masculinas também nestes bares.

Verifico nestes locais, mesmo que a ausência das mulheres não seja total torna evidente que uma série de símbolos compartilhados que constituem o espaço social e as conversas entre homens que referem aos símbolos masculinos de classes populares. São parâmetros reiterados pela convivência entre homens e que se evidenciam nas mais variadas formas de experiência direta. Percebo que existem símbolos, tidos e vistos como masculinos não referidos diretamente ao universo feminino, mas que elegem símbolos sobre os quais os homens estabelecem relações entre si. É o caso, por exemplo, da presença constante de jogos e jogos verbais que demarcam distâncias sociais e aproximações entre homens.

O que os autores oferecem é o entendimento de universos simbólicos para cada gênero experienciados em um grupo social específico, uma cultura masculina e feminina que se adequa a este estudo. Estes se encontram relacionados a valores culturais compartilhados, mas que acionam símbolos e significados bem mais complexos e próprios da experiência de cada gênero. Universos simbólicos que associam nas diferentes *falas* os elementos que são construídos sobre o outro - e sobre si, e que no meu entendimento, não são apenas nomenclaturas, são experiências subjetivas construídas culturalmente.

CAPÍTULO II

O BAIRRO, OS BARES, OS HOMENS.

Delimitar um local para o estudo da construção social de identidade masculina não é uma escolha aleatória, e as implicações disto aparecem como eixos da abordagem do objeto do presente estudo. O espaço onde desenvolvi grande parte de meu trabalho de campo, o bairro Cidade Baixa, apresenta ao menos dois níveis a serem explorados que permitem a compreensão dos vínculos entre o espaço escolhido e o grupo pesquisado. O primeiro é relativo à sua complexidade histórica que indica a diversidade de grupos sociais que o ocuparam e ocupam. O segundo nível se refere ao grande número de bares freqüentados por diferentes grupos sociais e que compõem uma de suas principais atividades econômicas. Nos bares deste bairro é onde encontro meus informantes, espaço onde a freqüência é predominantemente masculina.

Estes diferentes níveis têm como pano de fundo a atuação de meus auxiliares de pesquisa, atuação muito importante, pois possibilitou que outros dados emergissem durante as relações estabelecidas com os pesquisados. Eram auxiliares de pesquisa homens cuja especificidade é que, eram universitários, moradores do bairro, ou freqüentadores de alguns destes bares. Em boa parte de meu trabalho de campo foram eles que mediaram minha entrada nos bares, sendo apresentada para meus informantes por alguns dos meus auxiliares, os quais também me alertaram para lugares onde, na perspectiva deles, eu não poderia deixar de ir ou pessoas a entrevistar. Seus relatos e observações possibilitaram-me a compreensão da especificidade do bairro, assim como o entendimento de falas e atitudes dos pesquisados. Estes auxiliares são, portanto, informantes chaves desta pesquisa.

Esta mediação, no entanto, revela sobre o bairro em questão, e os bares em especial, uma rotatividade de público muito grande e uma grande capacidade de assimilação das pessoas que transitam nas ruas. Situação que possibilitava tanto a inserção de meus auxiliares quanto a minha³¹. Constituía a relação entre os freqüentadores dos

³¹ Ser "estranho" ou "conhecido" nas relações estabelecidas nos bares é algo cujas implicações desenvolverei no capítulo seguinte.

bares a presença de outros observadores, passantes, que nem sempre eram incorporados às conversas ou que participavam destas tornando-se conhecidos a partir daquele momento específico de interação.

Tal fluidez de públicos nos bares, e no bairro de um modo geral, alertou-me para a questão da demarcação de meu foco de estudo. Em primeiro lugar, e esta é a problemática que desenvolvo neste capítulo, é de definir um grupo social em um local caracterizado pela fluidez de seu público e pela quase ausência de referências ao local de origem (seja ele espaço doméstico, bairro ou cidade). No decorrer de meu trabalho se fará presente a questão de onde começa e onde terminam as relações entre os frequentadores destes bares neste bairro. Destaco as relações que estabelecem os frequentadores entre si e com os donos dos bares. Em termos da ocupação do espaço do bairro havia áreas mais prováveis de encontrá-los reunidos, alguns espaços por onde transitavam. Um exemplo desta situação são os motoristas de táxi e seus pontos de parada para onde voltam mais frequentemente após suas corridas. Há também diferenças étnicas na ocupação do bairro e dos bares o que torna estes espaços ainda mais visíveis e contrastantes entre si problematizando a possibilidade de uma tipologização destes bares. O bairro, e em especial os bares, aglutinam os mais diferentes públicos. Um público que nos bares deste bairro é predominantemente masculino e composto por uma classe pobre, mas diferenciado em termos étnicos e de idade.

Também os diferentes horários do dia imprimem um tempo onde o passar das horas alterna a velocidade das atividades e o número de frequentadores nas ruas. Estas características que descrevo na segunda parte deste capítulo expõem e dão forma à fluidez do bairro, são os pontos mais visíveis sobre o qual gravita esta fluidez.

Tendo centrado meu trabalho de campo em um bairro cuja urbanização confunde-se com o próprio crescimento da cidade de Porto Alegre, considero importante destacar os aspectos relativos à sua formação histórica. Os diferentes usos e representações que o espaço já comportou ajudam a entender os pontos sobre os quais estão fixados à diversidade e fluidez do bairro. Esta abordagem se torna importante para pensarmos os limites do bairro e os diferentes espaços que o configuram atualmente. Em primeiro lugar, quero ater-me à historiografia existente que se refere à cidade de Porto

Alegre e ao bairro, pois coloca problemas nas definições de seus limites geográficos e dos grupos sociais que comporta, explorando as especificidades que detém a área onde centrei meu trabalho de campo. Isto se torna necessário na medida em que muito pouco é escrito detalhando um bairro da cidade, seus diferentes usos, e inserindo-o nas políticas implementadas pelo poder público.

Recorrer à historiografia é, além disso, importante recurso heurístico para o estranhamento deste espaço e de sua dinâmica. Foi através da literatura e da historiografia sobre o bairro que pude ampliar a minha percepção sobre os eventos que ocorreram e ocorrem no bairro, suas continuidades e discontinuidades com os meus próprios dados etnográficos. A primeira parte deste capítulo, referente à historiografia, é também um recurso metodológico para o exercício da imaginação etnográfica. Percebo que os diferentes grupos que utilizam o bairro referem-se a alguns elementos presentes na historiografia, identificando-se ou criando versões sobre. Isto não os torna depositários daquilo que é aqui, enfim, uma versão entre outras possíveis, embora traga à tona temas importantes compartilhados sobre o bairro e que foram referências constantes dos homens. As referências historiográficas foram importantes também para pensar suas falas e atitudes no decorrer do trabalho de campo.

Na segunda parte, descrevo o contato com o bairro, bares e a multiplicidade de públicos que o compõe, de acordo com minha experiência de trabalho de campo, estabelecendo nexos com a historiografia existente. Busco as primeiras definições e significados dos homens que freqüentam este bairro sobre o convívio nestes bares.

2.1. A Historiografia do Bairro.

“Já no lado sul, aberto ao vento minuano, é o domínio das chácaras que dão à cidade tudo que ela precisa de farinhas, frutas, legumes, carne e gente servil que, para chegar ao centro, tem de cruzar o arroio Dilúvio por uma ponte toda branca, erguida pelo Barão de Caxias, quando aqui esteve pacificando a Província convulsionada. (Assis Brasil, 1989:14)”.

O trecho literário situa os limites da Cidade Baixa no século XIX, ressaltando alguns referenciais importantes: o arroio Dilúvio, a ponte de pedra e sua utilização para o escoamento da produção de alimentos da área rural para a cidade. Atualmente, nos limites oficiais, o bairro é definido pelas perimetrais - Aureliano de Figueiredo Pinto, Venâncio Aires, João Pessoa, Loureiro da Silva, Praia de Belas³². A partir destas modificações o bairro mudou radicalmente. Circulando entre estes limites há diferentes construções, contrastando sobrados antigos e edifícios residenciais, que tornam as diferenças internas do bairro bem mais complexas. Segundo o Projeto Renascença, até 1975 predominavam "velhas construções térreas, com lotes de 30 palmos" (1975), no entanto, os sobrados permanecem até hoje como uma das construções características do bairro. A Cidade Baixa é definida oficialmente como um bairro residencial³³. É difícil segmentá-lo pelos limites oficiais atuais sem ter em vista que estes foram redefinidos recentemente, na década de 70 e 80. É necessário retomar o processo de urbanização de Porto Alegre, através das diferentes intervenções do Estado e da iniciativa privada, para entender a formação do bairro conforme encontro nas referências historiográficas e, mais adiante perceber, através da etnografia, os contrastes que o bairro comporta.

A urbanização de Porto Alegre inicia em 1740 no que hoje chamamos de centro da cidade³⁴. A cidade é concebida como uma fortificação, assim como as demais cidades no período do Império³⁵. A especificidade é que esta concepção envolve a construção de muradas protetoras com portões que tinham por objetivo consolidar o domínio territorial português e facilitar o controle sobre o trânsito de pessoas e comércio existente. A partir destas muradas há três caminhos guarnecidos por portões para o acesso à cidade: a Estrada da Aldeia dos Anjos (hoje, Avenida Voluntários da Pátria), Caminho do Meio (Avenida Oswaldo Aranha) e Caminho da Azenha (Avenida João Pessoa).

³² A delimitação oficial do bairro é dada pela lei municipal n.2.022 de 7.12.1959. Porém, "a aceção popular de "Cidade Baixa" é pouco mais ampla. Como ficou conhecida, desde meados do século passado, toda a região situada ao sul da colina da rua Duque de Caxias." (Franco, 1988:113).

³³ Em 1959, em um dos Planos Diretores da cidade, ocorre a normatização dos usos e ocupação do espaço urbano incidindo sobre habitação, indústria e lazer no bairro.

³⁴ Em anexo estão os mapas que proponho para visualizar os diferentes momentos do bairro.

³⁵ A este respeito ver Mariante (1985).

Há no decorrer do século XIX uma expansão populacional que extrapolou estes limites. As fortificações são demolidas integralmente somente em 1845, quando a cidade já ultrapassara as suas muradas. Tomando alguns historiadores como referência, podemos entender o quanto estas fortificações são significativas:

“A muralha de fortificações já havia sido destruídos ficando, entretanto, seus limites simbólicos na lembrança da comunidade local. Para a área intramuros surgiu o primeiro código de posturas para a cidade em 1831. Desmembraram-se ruas na área central, constituíram praças e largos e iniciaram-se a implantação de benefícios urbanos associados ao anseio público, abastecimento de água, iluminação, ao recolhimento e despejos e dos dejetos e lixos. (Pesavento, 1991:22).”

A partir de 1835 com a Revolução Farroupilha, por um período de dez anos, a cidade é novamente sitiada, com a construção de trincheiras protetoras. Estas compreendem uma área mais extensa que a primeira fortificação incluindo então uma área rural: a atual Cidade Baixa. A inclusão desta área deve-se ao reconhecimento de que o que estava "extra-muros" (referência às primeiras fortificações) era de uma importância fundamental para a cidade em período de guerra. São localizadas naquela região, composta de sítios, as atividades relacionadas à produção de alimentos e serviços prestados à zona central de Porto Alegre. A região abastecia de alimentos a cidade durante o período da Revolução Farroupilha quando a cidade encontrava-se cercada. Faziam parte das atividades entre outras, o matadouro (hoje, a Praça Garibaldi), as lavadeiras, fornos de incinerar lixo, fábricas de telhas, que serviam à zona central da cidade.

Entre estes dois limites circunscritos nas fortificações do Império e trincheiras da Revolução Farroupilha estava à delimitação da Cidade-Baixa. Segundo Sanhudo:

Era uma vasta região, onde havia algumas casas, que o povo batizara de Cidade-Baixa, para contrastar com a outra parte da cidade lá no alto, polvilhada de residências e já recortada de ruas e becos, que o oficialismo consagrara como a zona urbana da cidade. (Sanhudo, 1961:190).

Logo após a paz Farroupilha, em 1845, a cidade se torna um centro de atração populacional e de investimentos econômicos. A vida urbana se complexifica, e as atitudes tomadas depois da revolução vão desde a demolição da linha de fortificações e trincheiras até a construção de equipamentos para o Estado, como a cadeia pública, mercado público e cemitério.

A *Cidade Baixa*, na medida em que usufrui da proximidade, é gradativamente incorporada à região central da cidade, lugar onde as políticas de reorganização do espaço urbano primeiro incidiram. São introduzidas algumas modificações nesta área, compreendendo a eliminação dos becos, com a reordenação dos trajetos destes, que eram tidos como lugares "sujos", inclusive em sua constituição social. Assim, a eliminação dos becos implicava a retirada de seus ocupantes. Eram descritos como:

“Caudatários autênticos das Emboscadas e do Reduto, que foram as matrizes da água toldada provinciana, eles eram o paraíso dos desclassificados, dos indesejáveis, dos larápios, dos brigões, dos fios de pelego, dos pifutes, dos pomares, dos retufindingas, das lambareiras, das bruacas, da corja livre, da peruana solta. (Ferreira, 1940:17).”

As atitudes relacionadas a este processo de higienização (e moralização) foram implementadas continuamente³⁶. Este processo é política constante do poder público durando até a entrada do século XX. Na Cidade Baixa, por ser a região mais próxima ao centro da cidade (ao sul), as ações do poder público de higienização foram constantes. Assim, a discussão sobre a higienização da cidade vem à tona durante as epidemias de Cólera Morbus (1867), epidemias que irão repetir-se em inúmeras ocasiões. Há também a discussão da extensão de serviços à população, tendo em vista a ordenação do espaço urbano, ou seja, delineando o "bom crescimento", o "crescimento ordenado" da malha urbana da cidade.

O bairro é fisicamente incorporado à região central de Porto Alegre (a própria cidade de então) em 1848, através da construção da Ponte de Pedra sobre um riacho, o riachinho, que tinha início na cidade de Viamão e que atravessava boa parte de

³⁶ Retomaremos esta questão mais adiante.

Porto Alegre até a atual Cidade Baixa. É principalmente através de projetos de urbanização em 1879 que se efetua o loteamento do Areal da Baronesa e quando as modificações urbanísticas propostas para Porto Alegre se estendem ao bairro.

Estes projetos de urbanização acontecem em um período de grande crescimento populacional devido à crescente industrialização da cidade.

Neste período a indústria já se destacava como a terceira fonte de renda da cidade³⁷. Em 1896, as indústrias estavam em terceiro lugar entre as atividades significativas em termos da receita do estado do Rio Grande do Sul. O assentamento em bairros operários tornou-se uma das maneiras assumidas pelo Estado de solucionar o problema da população pobre da capital.

A Companhia Territorial Porto-Alegrense é a responsável pelo loteamento de áreas já em 1895. Assim, a remoção da população para bairros operários oferecia uma solução em dois sentidos: como forma de higienizar a cidade removendo cortiços e, de outro lado, favorecendo a especulação imobiliária:

“Solicitava-se à Intendência que adotasse um tipo mínimo para as edificações no perímetro urbano da cidade, evitando a proliferação de casas de cômodos que surgiam, fruto da exploração imobiliária dos usuários da terra. (Gazeta da Tarde, Porto Alegre, 12 Abr. 1897) (sic, Pesavento, 1990).”

Grande parte da população da Cidade Baixa é removida para dar lugar a novas construções sob argumentos centrados na necessidade de *higienização* do espaço urbano, algo que não foi exclusivo das políticas implementadas em Porto Alegre. Como mostram Caldeira (1984), Chaulhoub (1986 e 1990), Rago (1985) entre outros, a associação dos cortiços a focos epidêmicos e de desordem social faz parte de uma concepção dominante em um extenso período de industrialização após a abolição da escravidão, onde se associa a desordem social a uma poluição moral que define as classes trabalhadoras como perigosas e ociosas. Ocorre, então, concomitantemente à industrialização das cidades, uma reorganização do espaço urbano, através de políticas do poder público. Assim, o poder público segmenta os cortiços e seus ocupantes "dos cidadãos", coincidindo com a preocupação dos médicos sanitários com as políticas de

³⁷ Sobre esta questão ver Pesavento (1990).

saúde pública, em controlar as epidemias e seus focos de origem, pois provinham supostamente destes locais. É como se os cortiços fossem definidos "em essência" como focos propagadores das epidemias, que ocorreram em anos anteriores na cidade. Este fenômeno encontra correspondência na com a descrição de Chaulhoub (1990) sobre a eliminação de cortiços no Rio de Janeiro através da intervenção dos médicos sanitaristas junto ao Estado:

“Em suma, o que estou querendo sugerir é que o tempo dos cortiços no Rio foi também o tempo da intensificação das lutas dos negros pela liberdade, e isto provavelmente tinha a ver com a histeria do poder público contra tais habitações e seus moradores, especialmente nas primeiras administrações republicanas...Os intelectuais-médicos grassavam nessa época como miasmas na putrefação, ou como economistas em tempo de inflação: analisavam a "realidade", faziam seu diagnóstico, prescreviam a cura e estavam sempre inabalavelmente convencidos de que somente a sua receita poderia salvar o paciente. E houve então o diagnóstico de que os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de, naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos (Chaulhoub, 1990:10).”

A Cidade Baixa é reconhecida como bairro em 1856, isto é, quando é encaminhado um projeto de pavimentação de ruas baseado no argumento de que a população encontrava-se concentrada naquela região, tornando necessário organizar o espaço urbano. Um dos argumentos que norteavam estas mudanças e projetos de saneamento era o da eliminação dos becos tendo em vista a abertura de ruas na cidade. Representados como lugares de desordem. As primeiras atitudes de planejamento urbano do estado referiam-se à implementação de linhas de bonde de tração animal, em 1880. Em 1896 surgem os bondes movidos à eletricidade. As primeiras linhas destes interligavam a região central aos bairros mais distantes, na época; Navegantes, Glória, Teresópolis, Partenon e Menino Deus – interligados através da Avenida João Pessoa, terminada em

1927. A abertura da referida avenida, possibilitou o ajardinamento e urbanização das áreas ao lado, como a "Várzea do Portão" (o atual Parque da Redenção ou Farroupilha).

Através do alargamento da Avenida Borges de Medeiros, em 1927, a Cidade Baixa torna-se local de passagem obrigatória para outras regiões que circundam a cidade ao sul, interligando o centro e os bairros mais distantes. As iniciativas do Estado que redefinem os limites do bairro que continuam sendo implementadas no início deste século através dos projetos de melhoramento e dos aterros ao rio Guaíba.

É interessante retermos a dimensão espacial do bairro, no século XIX, a partir da presença do riachinho e da Ponte de Pedra como demarcadores do início da área rural (a Cidade Baixa). Em 1942, entre outros aterros que estendem a cidade em direção ao sul, será aterrado o riachinho ficando a Ponte de Pedra a seco. O riacho é canalizado para que o arroio Dilúvio desembocasse diretamente no rio Guaíba³⁸. Em 1955, igualmente sobre um aterro, ocorre a abertura da Avenida Praia de Belas. A passagem do centro para a Cidade Baixa é feita então, através das avenidas abertas no início do século. Há uma extensão da área urbana com os sucessivos aterros ao rio. São abertas as primeiras Perimetrais: a Borges de Medeiros em 1927, a Avenida Praia de Belas em 1955 e, na década de 80, as demais Perimetrais.

Na década de 60 as casas na Rua Havaí, os cortiços, são derrubados para dar passagem à Avenida Loureiro da Silva³⁹. Assim, institucionaliza-se um processo que se gestava já nos anos anteriores, de retirada da população para a abertura de avenidas e viadutos e de novas construções incentivando o investimento imobiliário⁴⁰. Estes projetos se articulam com as políticas de modernização das cidades brasileiras durante a década de 70, com fartos investimentos na abertura de túneis e viadutos. O bairro é alvo destas modificações não apenas nas áreas limítrofes com a região central - Avenida Loureiro da Silva - mas também na direção sul, com a abertura da perimetral Aureliano de Figueiredo Pinto.

³⁸ O riachinho é canalizado evitando períodos de cheias e a remoção constante da população de suas margens, mas também o bairro tem sua área útil estendida. Sobre as enchentes ocasionadas pelas cheias do riachinho ver Ferreira (1967:119).

³⁹ Fonte: Folha da Tarde. Porto Alegre, 03/04/69.

⁴⁰ Neste sentido ver Singer (1985).

O Projeto Renascença, em 1975, remove parte da população da Ilhota para dar passagem à perimetral Aureliano de Figueiredo. Este projeto se propõe a um reaproveitamento da área ocupada por parte da Ilhota (quarta região deste projeto), entre outras áreas vizinhas. O nome Ilhota refere-se ao trecho de terras que hoje corresponderia à parte da Rua João Alfredo estendendo-se após o Arroio Dilúvio atual. O trecho de terra tinha o rio Guaíba por um lado e o riachinho de outro, formando uma espécie de ilha. O nome persiste na época do Projeto Renascença apesar das mudanças já efetuadas no curso do riachinho⁴¹. O projeto faz um levantamento estatístico do ano das construções e aproveitamento do solo identificando um baixo aproveitamento da área frente às zonas adjacentes quanto à precariedade das construções. São construções mistas, de madeira e de alvenaria, com poucos pavimentos, tendo em sua maioria mais de 25 anos, "portanto, tendentes a desaparecer e a dar lugar a novas unidades" (Projeto Renascença, 1975:21).

O projeto em questão é um exemplo das intervenções do Estado efetuadas na década de 70, no caso, em parte do bairro Cidade Baixa. É interessante notar que o projeto tem convênio com o Banco Nacional de Habitação, ou seja, é concomitante aos projetos de habitações populares.

Na década de 80, a área oficial da Cidade Baixa está circunscrita pelas perimetrais, onde são abertos corredores de ônibus que levam a população da área central da cidade aos bairros periféricos. No entanto, não foram somente redefinições nos limites do bairro que aconteceram a partir da abertura de avenidas. Este escoadouro do centro para bairros periféricos tem sentido em uma cidade em crescente industrialização e de um bairro, que tem no início do século, um grande crescimento populacional. Entre 1937 e 1945 é possível notar uma verticalização da área central, com a proliferação de edifícios de muitos pavimentos. A partir das iniciativas de reorganização do espaço urbano também a Cidade Baixa adquire seus edifícios residenciais de até 10 pavimentos. Nas décadas de 40 a 50 torna-se uma área muito valorizada no mercado imobiliário.

⁴¹ Durante o trabalho de campo foi recorrente a afirmação por parte de pesquisadores em Antropologia e Arquitetura de que parte da população da Ilhota, que tivera sua área cortada pela perimetral Aureliano de Figueiredo Pinto, fora realocada, entre outros bairros, na atual Restinga. Ver S.M.C. - Memória dos bairros, Restinga - 1990. Ver também Silva (1991).

Para que fosse possível maximizar o aproveitamento imobiliário da região, houve um processo de periferização - segregação - dos trabalhadores que a ocupavam, dando lugar a novas edificações. Assim, em Porto Alegre, e em especial, uma das regiões mais próximas do centro da cidade, a Cidade Baixa, ocorre um processo similar ao descrito por Caldeira (1984) sobre São Paulo nas décadas de 40 até então. Há uma descentralização da cidade e um alargamento das zonas centrais. Isto se dá à custa de uma remoção dos trabalhadores, que pagavam aluguel em cortiços ou cômodos, re-aloçados em loteamentos periféricos onde vivem em casas auto-construídas, em lotes não legalizados. No caso de São Paulo, como mostra Caldeira, ocorre um processo de expulsão dos trabalhadores de baixa renda para os bairros distantes. Uma expulsão para lugares que são acessíveis na medida em que não oferecem uma infra-estrutura adequada e nem rede de serviços básicos, estabelecendo uma segregação espacial como a que ocorre na mesma época em Porto Alegre.

A segregação espacial, já existente nos séculos anteriores, configura no nosso século, áreas diferenciadas no próprio bairro. As áreas onde a população foi retirada foram reconstruídas cedendo lugar a edifícios. Mas, nem toda a população foi retirada, embora as representações da historiografia sobre o bairro tenham sido alteradas:

Então o nosso Areal da Baronesa, tinha uns becos tenebrosos e por lá se perdia a mais excelsa malandragem, cachaça e forrobodó de cuia (...) Agora o Areal está se integrando no dinamismo da cidade e já tem ares de zona de bem, pois há muito deixou de ser famigerado para ser famoso. (Sanhudo, 1961:188).

O bairro adquire nova face, é identificado por muitos de meus informantes, e em fontes oficiais, como um bairro de classe média onde a presença de cortiços é minoritária⁴². As casas de construção antiga estão lado a lado com os edifícios de 10 a 15 pavimentos, um processo de poucas, mas ainda existentes, as demolições e reconstruções no interior do bairro.

⁴² Classe média é um termo genérico que encontro tanto em versões oficiais quanto entre meus informantes. É uma primeira definição de meus entrevistados sobre os ocupantes do bairro. A discussão sobre classes e os critérios de definição são infundáveis. Na etnografia busco descrever as implicações desta definição estão fora do foco deste trabalho, no entanto, na etnografia descrevo o modo como percebi o bairro. Sobre as questões relacionadas a classes sociais ver Stavenhagen (1973) e mais recentemente Bourdieu (1984).

A região mais significativa para perceber isto é a que compreende parte do que era a Ilhota. Periodicamente alagada durante períodos de “cheias” do riachinho, depois de desviado seu curso, esta área começa a usufruir de uma rede de saneamento básico. Neste sentido, o bairro muda suas feições embora alguns cortiços e favelas permaneçam nos dois lados da perimetral Aureliano de Figueiredo Pinto. Quando meus informantes referem-se ao bairro como de classe média, indicam estas modificações em termos de saneamento básico, e também em termos de moradores, esta definição ainda é muito ampla para mim merecendo ser melhores descritas a segunda parte deste capítulo.

A divisão efetuada pelas perimetrais significa uma das demarcações mais visíveis dos limites oficiais entre bairros. Há, no entanto, inúmeras definições de onde começa um e outro bairro, ou sobre suas diferentes ocupações, nas versões de meus informantes. As perimetrais embora sejam os parâmetros dos limites do bairro, tornaram o local de intenso trânsito de trabalhadores. Estes embarcam em ônibus para diferentes regiões da cidade por uma das quatro perimetrais que tangenciam o bairro a exemplo das avenidas João Pessoa e Aureliano de Figueiredo Pinto.

Paralelamente às modificações nos seus limites, os usos do bairro foram transformados a partir de iniciativas do Estado, algumas das características identificadas pela historiografia em termos de sua dinâmica são importantes na medida em que trazem alguns dos referenciais de seus usos anteriores.

No período do Império, o bairro era conhecido como local onde ocorriam as emboscadas a escravos fugitivos, nome que é atribuído à região. Os locais próximos (incluindo bairro Bom fim, bairro Rio Branco,...) também eram chamados de "colônia africana" referindo-se à ocupação por negros de toda a região que circundava o atual centro de Porto Alegre. Estes locais foram assim descritos pela historiografia:

“O alto da Bronze (entre Duque de Caxias e Fernando Machado) e o Areal da Baronesa (início do atual Menino Deus) eram núcleos de resistência da raça negra, onde preservavam e defendiam seus valores e tradições, os cultos africanos, rezas, danças e cantos, ao som de percussão (tambores, urubango, agê, ...(Ferreira, 1940:108).”

Ao mesmo tempo, eram locais identificados como perigosos à noite. Desta forma, recorria-se à intervenção policial para controlar as atividades noturnas:

“A princípio, notabilizou-se pelas agressões noturnas que ali sucediam-se às pessoas que por lá incautamente caminhavam; depois estas agressões (...) foram assumindo feições mais graves, chegando a fazer daquele bairro um ponto de perigoso trânsito à noite... (Pesavento, 1990:60)”

Entre os usos que foram feitos do bairro são exatamente as atividades lúdicas que se destacam como referenciais do seu passado, onde o carnaval e a boemia são os elementos recorrentes. Também entre meus informantes havia uma referência constante ao carnaval e à boemia como eventos significativos do passado recente deste bairro.

O carnaval é uma das atividades que mobilizava grande parte da população, através dos Entrudos⁴³. Esta atividade, proibida em muitos períodos pela polícia, é uma das principais formas de sociabilidade de rua do bairro, tanto no período do Império quanto no início do século XX:

“Nos primeiros anos da colonização e até meados da trintena inicial do Século XIX, eram assim entre nós os jogos do Entrudo. E aqueles, que então mandavam e desmandavam, faziam vista larga à patuscada...A caçamba repleta, o jorro da estucha e a laranjinha de cheiro apanhavam nas ruas o passante descuidado e a brincadeira de mau gosto, em geral, não acarretava maiores conseqüências. Com o correr do tempo, porém engrossando a população, o jogo assumiria um aspecto mais sério, gerando malquerenças entre vizinhos nem sempre muito amigos e dando lugar a atritos de bastante gravidade. (Ferreira, 1970b: 11)”

⁴³ Segundo Queiroz (1987), "...o Entrudo significava para os luso-brasileiros que havia uma continuidade entre ambas \ cultura européia e a colônia\. Representando a elegância, o requinte, a riqueza da civilização ocidental, o Grande carnaval exprimia a convicção de que nas regiões tropicais do outro lado do oceano, se podia implantar um rebento dela que a igualava e mesmo sobrepujava." Sobre o entrudo em Porto Alegre ver Ferreira (1970).

Embora os jornais do século XIX condenem os festejos do carnaval e junto à polícia recriminem os jogos de entrudos, eles serão mantidos nos carnavais. Trazido pela colonização portuguesa, o entrudo adquire modificações no decorrer do século. São introduzidos nos festejos do carnaval, os desfiles e bailes que o caracterizarão no século XX. Somente no presente século que o carnaval, suscita debates sobre sua violência e moralidade, modifica-se da prática do Entrudo pelos desfiles e bailes - ainda como festejos destinados à elite.

O carnaval torna-se uma atividade dispendiosa, o que não impede que seja largamente estendida a todas as camadas sociais no início do século XX⁴⁴. Nas décadas de 40 e 50, permitido pelo estado, o carnaval ganha grande popularidade, tornando-se um dos símbolos nacionais mais evocados.

É nesta época que os carnavais ocorridos na Baronesa do Gravataí (e a atual João Alfredo) mobilizam nas ruas seus moradores, tornando-se uma importante referência para o bairro: "Nasceria, então, o carnaval dos bairros, devendo destacar-se o da Rua João Alfredo (Rua da Margem), que mobilizava multidões..." (Franco, 1988:103).

As décadas de 40 e 50 são consideradas como o apogeu dos carnavais de bairro, e entre eles o carnaval que ocorria no bairro Cidade Baixa⁴⁵. Em contraposição aos bailes de clubes e sociedades recreativas, o carnaval de bairro tinha como ponto alto os desfiles e as brincadeiras nas ruas. Financiados em grande parte por jornais, como o Correio do Povo, e bares da região, os festejos tornam-se, de atividades proscritas e perseguidas pela polícia no século XIX, um valor celebrado e publicizado.

Desta forma, é possível visualizar na região que destaco para o estudo um grande número de bares que compõem, como naquela época, uma atividade destacada no bairro. Estes bares contribuem não só para o carnaval, na organização e financiamento de seus festejos, mas para as atividades noturnas do bairro e para sua imagem ligada à boemia. Há na literatura histórica e ficcional uma referência importante sobre as atividades noturnas que ali se desenvolviam - a boemia, sobretudo na Ilhota. Assim, a boemia refere-

⁴⁴ A abolição da escravatura bem como a complexa sociedade industrial e suas cidades possibilitou a conquista e o direito de todos "brincarem" no carnaval. Na década de 20 e 30 as iniciativas do estado e de intelectuais voltavam-se a "descoberta" e delimitação de símbolos nacionais através de elementos da cultura popular. Ver Queiroz (1980 e 1987).

se às atividades noturnas que durante toda a semana, reuniam os homens para conversar, beber e fazer músicas. Músicas que na década de 50/60 eram identificadas como de dor-de-cotovelo, tendo como representante significativo o compositor popular Lupicínio Rodrigues antigo morador da Ilhota e proprietário de um de seus bares. Alguns de meus informantes relatam as saídas em grupos de homens para os diversos cabarés como uma espécie de iniciação masculina relacionada à vida noturna.

Nas décadas de 20 a 50, os bares e cabarés contrastavam com os cafés das elites. No centro da cidade existem os cafés, nas imediações destes, como uma espécie de perigo moral, estão os cabarés:

“O palacete Rocco, na esquina da Rua Dr. Flores, foi, ao tempo de sua construção, perto de 1913, um dos prédios mais elegantes de Porto Alegre. Isso não impediu, contudo, que parte da rua sofresse certa degradação social no princípio deste século, tornando-se área de prostituição, apenas saneada em 1930. (Franco, 1988:350)”.

Os espaços das casas noturnas - os bares e cabarés de frequência popular, localizados em zonas periféricas, são consideradas pelos jornais da época como focos de desordem social e moral. A intervenção policial não é exclusiva na Cidade Baixa e atingiram todos aqueles locais que eram identificados como desordeiros. Importante é a referência de que o ócio é considerado crime no início do século XX. Como destaca Chaulhoub (1986), no final do século XIX há uma valorização do trabalho como ordenador da sociedade bem como uma relação direta entre trabalho e moralidade. É interessante notar que nos processos criminais e jornais analisados por Chaulhoub são recorrentes os conflitos protagonizados por trabalhadores, onde as versões construídas lançam como referenciais atributos do tipo, "classes perigosas", "preguiça" e "promiscuidade", entre outros.

No início do século XX havia, também em Porto Alegre e na Cidade Baixa, uma intensa campanha de "moralização", que se expressava, por exemplo, em colunas diárias de jornais denunciando bordéis, "antros de perdições". Desta forma, as investidas

⁴⁵ A este respeito ver Silva (1991).

policiais centravam-se em espaços onde o não-trabalho, a vadiagem, era visível. É nos cafés, nos bares, nos cabarés, que a atividade policial estará centrada para controlar o movimento nas cidades:

“Da mesma forma que o álcool, o jogo era alvo de violenta campanha, especializando-se a polícia em percorrer os cafés e bares onde se abrigavam as roletas, os jogos de cartas ou o jogo do bicho. (Pesavento, 1990:65).”

Para Sennet (1988), os cafés são os "lugares do discurso" do século XIX⁴⁶. Para Ariès (1989), os cafés e bares são lugares onde se articula uma transição complexa entre o público e o privado. O século XVIII é marcado pelos clubes, cafés e sociedades recreativas fora do âmbito doméstico. Como fenômeno próprio da urbanização, no século XIX as categorias de "público" e "privado" modificam-se em seus usos e significados. Como destacam estes autores, a distinção entre espaço público e privado historicamente foram construídas nas cidades. Ariès (1989) registra que já durante o período da revolução francesa, novas formas de vida pública são desenvolvidas destacando que os cafés freqüentados por homens e mulheres são apropriados de modo diferente. A vida pública, o mundano, torna-se apropriado a uma população masculina. No século XX "A fala masculina prefere os cafés" (Ariès, 1989:119).

Em Porto Alegre, de um modo geral, o início do século trás esta característica. São os cafés os lugares privilegiados de encontros e reuniões constituindo parte significativa da socialização dos indivíduos⁴⁷. Os cafés no século XIX são percebidos, pelas autoridades públicas e segmentos de elite, como "focos de perdição". Mas, no decorrer do século XX, a apropriação do espaço público através dos cafés toma outra conotação. Os cafés dos anos 20 a 40 trazem como repertório básico um estilo de

⁴⁶ "em meados do século passado, a experiência adquirida em companhia de estranhos começa a parecer uma questão de necessidade urgente na formação da personalidade de uma pessoa..." (Sennet, 1988:39).

⁴⁷ Lewgoy (1988) analisa os nexos entre memória e ocupação do espaço urbano, é um trabalho baseado em entrevistas com homens que viveram a época dos cafés em Porto Alegre buscando os significados compartilhados relacionando este investimento de tempo lúdico a um estilo de vida específico.

vida europeu de segmentos sociais da elite local. No seu bojo predomina noções como a de espaço de igualdade entre pares.

Na Cidade Baixa, assim como em outros bairros periféricos, esta contextualização histórica toma muita importância na medida em que os cafés do centro da cidade oferecem uma representação positiva da atividade lúdica até então perseguida pela polícia⁴⁸.

A utilização dos bares para encontros entre músicos e a realização de serenatas é referência recorrente entre meus informantes sobre o passado da Cidade Baixa - a boemia. Embora haja referência constante ao bairro como "lugar de boemia", verifico que a Cidade Baixa não se configura como único bairro na cidade de Porto Alegre identificado com a atividade boêmia, mas condensa em parte uma imagem criada sobre as décadas de 40 e 50 que se estende aos outros espaços da cidade. Os bares são locais importantes como ponto para encontro e para ocupação do tempo de não-trabalho. Contrastando com o discurso instituído pelo poder público que relaciona não-trabalho a vadiagem, malandragem, boemia, os bares adquirem um valor positivo entre seus participantes e um caráter legítimo, de reunião lúdica, identificado com as atividades da elite desenvolvidas nos cafés, o que era referendado pelos jornais e pelo Estado⁴⁹.

No bairro Cidade Baixa, assim como os cabarés da Avenida Júlio de Castilhos, há uma "ressementização" das acusações de desordem social e poluição moral, na mesma medida em que o espaço urbano vai assumindo novas feições. Nos anos 50, o crescimento populacional urbano intenso de Porto Alegre atrai populações do interior do estado. Partilham do mesmo local os moradores vindos do interior do estado, pequenos comerciantes, funcionários públicos, estudantes universitários, entre outras atividades econômicas. O bairro passa a usufruir da legitimidade conferida por jornais, rádios, e o próprio estado, contrapondo-se as acusações como a de desordem social, negação ao trabalho, vadiagem, e malandragem.

⁴⁸ Ver Oliven (1986) em especial o capítulo destinado à malandragem na Música Popular Brasileira.

⁴⁹ Como exemplo recente há o trabalho de Gonzalez (1986) preocupado em "resgatar" a memória de Lupicínio Rodrigues e da boemia.

2.2. Uma Etnografia do Bairro.

Durante o período de um ano em que me dediquei ao trabalho de campo, pude ter acesso a diferentes dimensões dos eventos que acontecem nas ruas do bairro Cidade Baixa, suas atividades econômicas e as sociabilidades que se estabeleciam durante o dia e à noite. No decorrer do trabalho, percebi diferentes interpretações possíveis sobre o bairro, os bares e os homens que os freqüentam. Minha intenção neste tópico é descrever a diversidade do espaço no qual os meus entrevistados estão inseridos quando se encontram nos bares.

Entendo que o cotidiano do bairro transborda o recorte e os objetivos que proponho. O que pretendo é explorar uma das possíveis vias para analisar e situar meus entrevistados e informantes de acordo com minha experiência de trabalho de campo. Para isto, procurarei recuperar no decorrer do texto os nexos entre a historiografia existente sobre o bairro e a descrição etnográfica deste, de seus bares e dos grupos masculino que os ocupa⁵⁰.

Quem tem acesso ao bairro pela primeira vez percebe o quanto ele é plano. Os limites com os bairros vizinhos são estabelecidos pelas avenidas e perimetrais, na sua maioria acessos asfaltados. Esta delimitação é um recurso utilizado institucionalmente, mas também uma referência que marca visualmente. A perimetral Loureiro da Silva, assim como a Aureliano de Figueiredo Pinto, tem em comum a quase total ausência de atividades comerciais, casas e arborização. São as avenidas mais recentes e, de certa forma, impressionam por sua aridez, tornando-se desertas à noite.

A perimetral Loureiro da Silva estabelece um dos limites da Cidade Baixa. Do ponto de vista de quem parte do centro da cidade, é depois de descer as escadarias e ladeiras e ultrapassar o Largo dos Açorianos, onde está a Ponte de Pedra a seco, que se chega à Cidade Baixa. É uma descida íngreme até chegarmos a perimetral Loureiro da Silva. Pela Avenida Borges de Medeiros encontramos a Ponte de Pedra que no século passado estabeleceu o contato e a demarcação entre estas diferentes regiões - a cidade e a zona rural. Este marco, que até o século passado possibilitou a incorporação do bairro à

⁵⁰ Os nexos não se esgotam neste capítulo, estas questões serão retomadas no início do capítulo III.

zona central da cidade, estabelece, ao lado do viaduto, uma rótula que agrega grandes avenidas sendo uma das fronteiras visíveis entre o início do bairro e o centro da cidade.

Esta perimetral recorta um de seus limites institucionais, tem duplo sentido, e delimitam parte do bairro. Ao mesmo tempo em que o põe em contato com o centro, detendo o ritmo e trânsito intenso de veículos e pessoas, (de) limita o bairro do centro da cidade e possibilita a entrada de um fluxo de pessoas e veículos. Em contraste com os fins de semanas e feriados, o bairro tem seu trânsito intensificado devido às atividades desenvolvidas no centro da cidade. Como expus, a urbanização deste bairro baseara-se na abertura de grandes avenidas e a realização de aterros junto ao Rio Guaíba, pelos quais passam a maior parte dos veículos em direção ao sul da cidade. O constante ir e vir das pessoas nas ruas é expressão da proximidade do bairro com a parte central da cidade, local que concentra o trânsito de pessoas e o comércio nos dias úteis.

Diferentemente do que ocorre em outros bairros da cidade, na Cidade Baixa podem-se enxergar as avenidas do início ao final. A Avenida José do Patrocínio é um bom exemplo: atravessa o bairro de ponta a ponta. É como um grande corredor asfaltado. Um corredor que permite a passagem de ônibus para diferentes áreas periféricas da cidade, (no sentido sul), e possui também grande número de pontos de táxi, revelando uma elevada demanda por transporte da população local. É o contato quase permanente do bairro com o centro da cidade que caracteriza uma situação específica. Ao final do dia torna-se visível o retorno das pessoas a seus bairros, com os pontos de parada os ônibus de linha mostrando-se repletos.

Por outro lado, não se pode dizer que o bairro fique deserto à noite, ou aos fins de semana, após este refluxo de pessoas nas calçadas, pelo contrário, as atividades do bairro acontecem de modo diferenciado. Existem diferentes apropriações do bairro. Mesmo à noite, colocam cadeiras nas ruas vicinais para conversar em pequenos grupos e tomar chimarrão, as crianças brincando defronte aos sobrados, os jogos de damas e de cartas em mesas improvisadas nas calçadas, os encontros de pequenos grupos nas esquinas e nos bares, mostram uma outra face das demais ruas do bairro.

As grandes avenidas não espelham toda sua realidade: nas ruas transversais o ritmo dos veículos é muito menos intenso, a bandeira do divino passa de porta em porta,

a música posta em volume alto, extrapola os apartamentos, chegando à calçada e agregando-se ao barulho dos carros. Nestas transversais, os sobrados são ainda a maior parte das edificações. Sobrados de dois andares ou, o mais comum, sobrados com duas ou uma janela defronte para a rua e uma porta principal junto à calçada, sem recuo. Ao estilo português, estes sobrados se estendem para os fundos, com pátios que acompanham uma das laterais do sobrado, ou bem ao fundo das casas. São casas que predominam nas ruas que cortam as avenidas, onde a regularidade das fachadas em cores pastéis é, por vezes, entrecortada por novas edificações. Sobrados muito velhos sofrem reformas constantes nas fachadas, pinturas que não conseguem encobrir a época em que foram construídos (por vezes moldadas em gesso nas fachadas). São casas que disputam espaço com os prédios que estão sendo construídos. Ou seja, muitos dos sobrados demolidos cederam lugar a edifícios, ou em casos extraordinários, são mantidas as fachadas de um conjunto de sobrados (reformados) para a construção de um novo prédio residencial no restante do terreno.

Nos fins de semana, o ritmo das ruas é diferenciado. É como se os eventos que ocorrem nas ruas pequenas, que atravessam as avenidas, tomassem conta das avenidas temporariamente. Por outro lado, há constantemente mendigos e papeleiros envolvidos na coleta do lixo, de papéis, garrafas e ferro-velho, puxando carrinhos ou utilizando-se de carroças. Há também pessoas vivendo nas ruas, dormindo abrigadas sob marquises de edifícios, entre papelões, em lugares que se tornam pontos de constante retorno. Um texto de meu diário de campo indica com clareza isto:

“Eu estava sentada em uma das escadas de edifícios fazendo anotações e esperando Guido quando uma senhora chegou para mim e disse que se eu quisesse conversar com ela era só chegar à rua Joaquim Nabuco no edifício (número) e perguntasse pela dona Gelsa ela era pessoa direita eu poderia ir lá conversar. Não era a primeira vez que isto acontecia, outra me disse “não fica assim, ele vai vir, não fica triste, ele vai casar contigo”.

Estas situações chamavam minha atenção para os contrastes do bairro e diversidade de convívio social e usos. As conversas nas ruas, nas esquinas, eram constantes entre pessoas mais velhas.

No século passado a Cidade Baixa era considerada zona rural da cidade: desde o início deste século, ampliou-se em termos populacionais na mesma medida que houve uma urbanização desta área onde a desapropriação e adequação a planos diretores deram novas feições ao bairro. Desta forma, dispõe de pavimentação quase total, redes públicas de esgoto, água e luz. Os aterros contínuos possibilitaram a abertura viária e a construção de prédios públicos ao longo das avenidas Praia de Belas e Borges de Medeiros. Não predominam mais os becos insalubres como os descritos na historiografia. As calçadas, assim como as ruas, são pavimentadas, embora suas lajes irregulares denunciem que a urbanização foi realizada já faz muito tempo.

De um modo geral, as redes de esgoto, luz, água, são aquisições comuns ao bairro, mas muitas ruas permanecem desertas e escuras durante a noite, devido à precariedade da iluminação pública, ou mesmo pela existência de árvores que fecham suas copas fazendo sombra ao centro da rua, em contraste com a inexistência de arborização das avenidas. A falta de regularidade na disposição das luzes em algumas ruas é suprida pela iluminação ostensiva das grandes avenidas. Em poucos lugares, em geral nas proximidades da Avenida Praia de Belas, esses serviços públicos não foram totalmente estendidos, e coincidentemente nestes locais há uma concentração de áreas de ocupação não regulamentada ou ocupações em prédios inacabados ou abandonados. A perimetral Aureliano de Figueiredo Pinto foi construída recentemente, na década de 80, houve o desalojamento de moradores - ainda há um contingente significativo de moradias não regulamentadas naqueles locais - a antiga Ilhota.

A primeira impressão que o bairro oferece é de um local de trânsito, de passagem de ônibus, de pessoas apressadas nas ruas. Um local que foi planejado e redefinido - com a retirada de cortiços - para ser bairro residencial, mas que tem como usuários não só seus moradores, mas diferentes grupos que participam de suas atividades econômicas ou que simplesmente embarcam e retornam à periferia. Estas características ajudam-nos a pensar sobre a multiplicidade de grupos sociais que o bairro comporta.

Assim como os sobrados ocupam grande parte do bairro e das ruas que atravessam as avenidas, há também, muitos edifícios, casas de comércio e serviços que tornam este bairro considerado como "residencial" diferenciado de outros.

Nos dias úteis da semana, durante a noite, as ruas mais movimentadas pelo trânsito de veículos são as avenidas onde poucas pessoas circulam à noite, a não ser em torno de alguns de seus bares. De dia, o trânsito de pessoas nas ruas é intenso. Há um trânsito silencioso de mendigos, homens e mulheres, que encontram lugares para dormir nestas ruas durante toda a semana. Nos fins de semana há uma inversão: diferente dos dias úteis da semana, é a noite que as ruas ficam repletas de pessoas e especialmente os bares, em todos eles há grupos reunidos, não exclusivamente de homens. Há pessoas nos diversos bares e restaurantes para as atividades noturnas, os divertimentos e trabalhos relacionados ao lazer - casas noturnas, cinemas, etc. Há trabalhadores envolvidos direta ou indiretamente com as atividades lúdicas do bairro: guardadores de carros, pipoqueiros, taxistas, porteiros, garçons, etc.

O bairro foi caracterizado por meus informantes como "residencial" e de "classe média". Comporta, no entanto, outras atividades que ampliam esta definição de meus informantes e das fontes oficiais. O perfil de atividades abaixo, exposto em dados percentuais, permite visualizarmos que atividades estão concentradas no bairro:

Autônomos	3,3%
Comércio e Serviços transitórios.....	1,4%
Comércio.....	43,8%
Serviços.....	49,7%
Indústria.....	1,8%

Total.....100%

Dados preliminares 1989/1990 cedidos pela
Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

SMIC/Projeto Cidade.

A concentração das atividades nas categorias comércio e serviços destacam-se das demais. Juntas representam mais de 80% das atividades desenvolvidas no bairro, e ao menos 50% delas, de acordo com os dados preliminares do Projeto Cidade, não têm alvará concedido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Em termos de caracterização do bairro, a estatística ainda é muito vaga, sobretudo se não discriminarmos as atividades que estão concentradas sob a mesma rubrica. Entre os serviços destacam-se oficinas mecânicas, garagens, consultórios, escritórios, farmácias, salões de beleza, reparação de artigos diversos. Nas atividades de comércio destacam-se lojas de roupas e móveis usados, material elétrico, tabacarias, lancherias, casas de bebidas, bares. Estes três últimos itens, muitas vezes, aparecem de forma combinada em um mesmo estabelecimento.

De um modo geral, salienta-se a quantidade de atividades centradas sobre bens reutilizados, sejam lojas cuja especialidade é recuperar bens duráveis, desde carros a cortadores de unhas, seja o conserto de roupas ou a compra e venda de roupas usadas e móveis. Estas atividades desenvolvidas em estabelecimentos de pequenas dimensões - pequenos negócios. Colocados em uma garagem para um carro ou em sobrados antigos, mantidos pelo trabalho familiar são significativas da composição social do bairro. Nos seus limites é a fluidez de grupos sociais e a emergência destas atividades que melhor descrevem e evidenciam sua diversidade.

Existe um grande fluxo de pessoas durante o dia, e uma grande rotatividade de grupos e pessoas que circulam em função dessas atividades econômicas. Alguns trabalhadores dedicam-se muito mais na espera prolongada por um cliente, ou na disponibilidade para tal. Assim, homens se reúnem nas calçadas ou permanecem sentados nas praças defronte a lojas (na Praça Garibaldi, por exemplo) esperando para transportar móveis usados comprados nas lojas locais. Sentados em poltronas - que estão à venda - os vendedores(as) de móveis usados também esperam seus fregueses. Mesmo que alguns dos ofícios demandem muito mais habilidade e conhecimento a respeito de uma área específica - como as oficinas mecânicas - não é a produção de um novo produto o efetuado, mas o reparo, o conserto, o investimento de trabalho.

Desta maneira, as atividades desenvolvidas no bairro são predominantemente relacionadas a ofícios especializados em reaproveitar, reparar, carregar e abastecer (como intermediários) os moradores. Por outro lado, grande parte dos usuários deste comércio e serviços se constitui de pessoas que trabalham neste bairro. É comum reconhecer o trabalho ao qual estão vinculados, através de uniformes de trabalho, ou pela frequência constante de bares específicos: são funcionários de determinado posto de gasolina, ou funcionários de uma rede de supermercado, policiais ou ex-policiais, por exemplo. Mesmo aquelas atividades temporárias, como os operários da construção civil, são identificados por sua frequência em alguns locais próximos à obra. Os vínculos estabelecidos entre funcionários de diferentes atividades ultrapassam, muitas vezes, o simples reconhecimento. Estas referências são constantes tanto de "quem é" determinada pessoa, quanto proporcionam trocas de serviços e favores.

Entre as atividades que possibilitam estas trocas, este tipo de comunicação, se destacam as atividades relacionadas ao comércio: os bares, lancherias, casas de bebidas. Aproximadamente 50% das atividades comerciais do bairro centralizam-se na alimentação, sejam as redes de supermercado, sejam os restaurantes ou bares. Assim, lado a lado, é possível encontrar dois ou três bares, principalmente nas avenidas, e muito parecidos, no sentido que servem os mesmos cardápios e têm preços de bebidas tabelados. Embora muitos deles fiquem fechados durante o dia, abrindo suas portas ao público somente em torno das 18 horas, enquanto outros fazem o contrário, é possível visualizar em todo o bairro, em grande quantidade, a persistência destes estabelecimentos.

Minha pesquisa se concentra em dez bares, onde tenho diferentes inserções, embora o número total de bares chegue aos setenta no bairro⁵¹. O grande número de bares é justificado, por meus informantes, como resultado da importância histórica que a boemia teve para o bairro. As diferenças entre os diversos bares, por outro lado, são muito sutis, demarcando seu público por diversos indicativos. Os referenciais étnicos particularizam os bares sendo mais imediatos através da diferença entre negros e brancos (frequentemente

⁵¹ A partir dos dados do Projeto Cidade foi possível fazer uma estimativa do número de bares, lancherias, restaurantes, lojas de bebidas. Há, sem dúvida, uma imprecisão dos dados já que muitas destas atividades são apresentadas nas listagens de modo combinado. Mas, por outro lado, esta é uma característica destes locais, as atividades e horários de funcionamento são diversificados.

italianos). Estes indicadores de diferenças étnicas que compõem o bairro, assinalados também pela historiografia, compõem um repertório de objetos dispostos nos bares e outros indicadores, tais como falas e pessoas, tornando-se representativo em cada bar e formando territorialidades diferenciadas⁵². É como se este sistema de significados disposto no interior do bar, conjugado com o nome adotado pelo bar, característica de seu proprietário, contribuíssem para selecionar a clientela. No entanto, é a permanência de um grupo predominantemente negro ou branco, e as referências de classe social, que definem e delimitam em grande parte esta territorialidade, na medida em que esta clientela se torna relativamente constante e "conhecida" do proprietário do bar. Estas diferenças étnicas, assim como as de classes, entre os bares os particularizam.

Esta característica possibilita uma tipologização, assim, a região que fora denominada pela historiografia como local de "emboscadas", ou "colônia africana", mantém nas proximidades da Rua João Alfredo alguns bares onde os donos são negros, e os objetos expostos referem-se a santos da umbanda e batuque e/ou revelam um sincretismo com a religião católica. Estes espaços, assim como os sobrados que os circundam, são representativos de quanto o bairro manteve alguns de seus referenciais étnicos embora tenha se modificado, em termos de saneamento básico e perfil sócio-econômico dos moradores, com as migrações ocorridas do interior do estado para Porto Alegre nas décadas de 50 a 70.

Estas territorialidades raramente são tencionadas pelos homens que os freqüentam já que, como veremos no capítulo seguinte, há uma vigilância e controle permanente por parte dos proprietários dos bares em manter o respeito evitando distensões entre seus fregueses. Isto, não significa que as tensões não se manifestem sublinhadas pelas falas dos freqüentadores buscando a equiparação das desigualdades no que se refere às diferenças étnicas e de classes. Duas situações por mim observadas ilustram melhor estas tensões que tentam ser abafadas preferencialmente pelos donos dos bares.

⁵² Sobre territorialidades ver Bettanini (1982), expõe o conceito de tal forma a romper com a noção de espaço como algo em si e sim lócus da produção de significados.

Nas comemorações do primeiro de maio, um homem negro entrou no bar da rua Baronesa do Gravataí onde os freqüentadores são brancos e sempre os mesmos, ele estava bêbado e permaneceu sentado sozinho enquanto os demais jogavam sinuca na sala ao lado. Nos falava (a Pedro, que meu auxiliava, e estava no bar) que “também era gaúcho” e foi conduzido à saída do bar pelo dono pois pedia bebida de graça e falava muito alto. O dono do bar comentou na volta que ele estava bêbado, incomodando, mas foi também uma das poucas vezes que um negro entrou neste bar. Em outra situação, um freqüentador intervém em uma discussão defronte ao bar Toninho ameaçando puxar uma carteira na discussão com um menino da rua identificado dentro do bar, por um homem e uma mulher, sua filha, como seu assaltante. A tensão provocada dentro do bar situava-se muito mais em função da veracidade ou não da autoridade daquele que ameaçava entregá-lo a polícia, retirando do bolso uma carteira, a qual o rapaz confrontava dizendo que ele tava mentindo, e que ele não era nada. Vilson disse que não tinha entendido porque o homem se meteu na briga que não era com ele, mas que o homem realmente não era policial.

As diferenças entre os freqüentadores aparecem nas situações de conflitos, são diferenças étnicas ou de atitudes consideradas inadequadas, assim, o confronto entre freqüentadores coloca em evidência as diferenças existentes de forma a estabelecer, mesmo que momentaneamente hierarquias entre os freqüentadores: entre os donos dos bares em relação aos "bêbados" ou entre os freqüentadores entre si⁵³.

Durante o período do trabalho de campo, ocorreu a "Semana de Porto Alegre" (março de 1991) organizada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, com a finalidade de comemorar o aniversário de fundação da cidade. Entre os festejos, o Museu de Porto Alegre localizado no bairro, na Rua João Alfredo, expos uma retrospectiva do carnaval da cidade ressaltando o elo entre o bairro e o carnavais de rua. Esta retrospectiva incluía um trabalho de pesquisa baseado em gravuras de época, roupas de desfile, os carnavais de bairro e de desfiles em avenida, recolhendo depoimentos de diversos carnavalescos apresentado em painéis e vídeo.

⁵³ Esta questão será desenvolvida no capítulo seguinte.

A rua foi fechada para o desfile da Escola vencedora do carnaval deste ano a Escola de Samba da Restinga. Esta desfilou na Rua João Alfredo destacando em seu samba-enredo a negritude, o carnaval e a do próprio bairro Restinga. O evento proporcionado pela Prefeitura reuniu um público heterogêneo, os moradores curiosos, muitos entre eles de cor branca, de um lado do cordão de isolamento, e do outro, os assistentes negros, com fantasias e instrumentos musicais. Neste encontro, vários elementos foram ressaltados; o bairro (a Rua da Margem onde até a década de 50 ocorria um dos carnavais de bairro nas ruas - o Areal da Baronesa) e a presença de negros na avenida, a negritude do local onde, na versão oficial e de alguns carnavalescos, nasceu o carnaval.

Este evento extraordinário durante o trabalho de campo, cruzou diferentes discursos com os quais eu havia entrado em contato de forma dispersa. Devido à programação, os bares tiveram uma maior clientela. É como se tivessem reencontrado o público com o qual tinham contato, não só pela predominância de negros e pela coincidência com as imagens de santos e orixás de religiões afro-brasileiras pintados em grandes painéis no interior dos bares, mas também pelo aspecto festivo do encontro. As cadeiras e mesas colocadas pelos bares nas ruas, a gritaria em função do encontro, evidenciavam a euforia do dono do bar e dos participantes da escola de samba.

Em nenhum outro momento, estes elementos considerados por meus informantes e fontes historiográficas como importantes e constituintes do bairro - negritude, bares e carnaval - estiveram tão bem articulados, não por acaso, em um momento de celebração e referência ao passado do bairro e da cidade. A constante afirmação de que os moradores da Ilhota, considerada por meus informantes como um reduto do carnaval e boemia e teriam sido deslocados para a Vila Restinga expressava uma continuidade em termos de territorialidade negra que era celebrada nesta ocasião.

No decorrer do trabalho de campo, instigou-me a questão do deslocamento de populações ocorridas na cidade no início do século, pude verificar que não há registros ou estudos mais aprofundados sobre locais de origem e destino da população dentro das cidades, mas somente do crescimento populacional em termos numéricos ou de expansão do espaço urbano, como mostrado no tópico anterior, referente a historiografia. Assim, mesmo que esta continuidade estabelecida entre Cidade Baixa (parte da Ilhota) e Restinga

seja uma versão oficial, ou oficializada, do bairro, é importante pensarmos o quanto ela torna-se significativa e compartilhada (ou simplesmente tornada familiar) não só pelos moradores do bairro, mas também em termos do restante da população da cidade.

É bem provável que, com as diferentes intervenções do poder público no local, a população do Areal da Baronesa e Ilhota tenham ido para inúmeros outros locais. Não só neste evento, mas nos relatos de meus informantes, ficava evidente a continuidade simbólica estabelecida entre estes espaços através de uma questão étnica: os elementos simbólicos relacionados à negritude estabeleciam uma continuidade entre a Cidade Baixa e a Vila Restinga.

Os deslocamentos internos na cidade, e a ocupação destes locais por diferentes grupos étnicos, estão marcadas pelas transformações ocorridas nas décadas de 40 e 50. Foi à época em que Porto Alegre acelerou sua urbanização, constituindo-se um centro de atração populacional. Diversos prédios públicos foram construídos a algumas quadras da Cidade Baixa. Os grupos que disputam/compartilham do espaço do bairro torna-se muito diversificado, incorporando estudantes e funcionários públicos. Também a presença dos italianos (ou "gringos"), através de seus bares, evidencia uma migração do interior para a capital nas décadas de 50 a 70 e uma modificação na composição do bairro. Na fala dos donos destes bares, a comida e bebida são de colônia, ou seja, são almoços fortes e caseiros e a bebida vendida é, entre outras, o vinho. O trabalho familiar é uma característica exaltada como exemplo de bom funcionamento e de prosperidade dos bares e lancherias. Não só a família é valorizada positivamente, mas o seu esforço e trabalho⁵⁴.

Entretanto, estas diferenças étnicas a partir dos bares são sutis, e expressas também através dos donos dos bares. Se, de um lado, existe uma diferença entre os bares em termos étnicos e diferentes ênfases quanto a gostos e disposição de objetos, de outro, os bares tem um freqüência que é predominantemente masculina. Para mim, um elemento que estabelecia uma continuidade a explorar, todavia não traduzem a freqüência de todos os bares. Há os bares que são ocupados por jovens e casais e os bares que só abrem à noite que diferem, no mesmo bairro, dos locais desta pesquisa. Alguns destes bares são

⁵⁴ Ver Moccellini (1991).

ocupados por pequenos grupos de homens e mulheres, muitos bastante jovens, que escolhem mesas e compartilham conversas.

Apesar de ser constantemente destacada, por alguns donos de bares, a especificidade de uma *comida de colônia*, da apresentação do trabalho familiar como algo específico, os gostos e os modos de funcionamento de diferentes bares se tornavam muito parecidos para mim. Constituía também o meu estranhamento frente a estes locais. A partir do relato de diferentes usuários, havia uma continuidade estética entre os locais, que se evidenciava quando estes eram apresentados por meus informantes para mim. Havia uma espécie de seleção por partes de meus informantes do que era um *boneco de verdade*. Ou seja, as diferenças étnicas entre um e outro bar, eram apenas um dos níveis possíveis da especificidade dos bares no bairro, porém havia um fundo referente a gostos comuns entre eles. Outros têm como principal local de encontro o balcão de bebidas locais onde a presença de homens é mais comum. São nestes espaços que me detive em meu trabalho de campo, bares onde há poucas mesas, onde os homens entram geralmente sozinhos ao bar, e para sentar-se à mesa tem de compartilhar o espaço com "desconhecidos". O que tornava esses ambientes predominantemente "parecidos" aos meus olhos era a constituição de seu público por uma maioria de homens.

Os bares no bairro são muito numerosos, lado a lado, disputam sua clientela e estabelecem uma freguesia relativamente constante. O fato de o dono de um bar ser origem italiana ou negra é uma diferença bem significativa de sua ocupação, mas apesar de marcantes não definem isoladamente a freguesia do bar. Outros fatores delimitam estas escolhas. Muitos destes bares são arrendados de seus proprietários, desta forma, são considerados pontos já existentes. Por outro lado, é muito importante a trajetória social do dono do bar, ou seja, qual sua ocupação anterior e o modo como ela aparece nas relações com seus fregueses (motorista de táxi, funcionário de empresa privada, motorista de caminhão, policial,...). Estas ocupações delimitam uma trajetória específica do dono do bar, como ex-motorista, ex-funcionário, e uma identificação de classe com os usuários e o ofício de administrar o bar⁵⁵.

⁵⁵ Sobre as trajetórias e expectativas de classes ver Bourdieu (1979).

São, por outro lado, os gostos que tornam estes locais "parecidos". Os cheiros de gordura muitas vezes impregnam o ar, já que as chapas onde são feitos lanches rápidos ficam próximas ao balcão. A gordura é tão característica quanto os vidros de conserva para lanches e aperitivos rápidos - ovos cozidos, ovos empanados, pepinos, entre outras conserva em vidros empoeirados. Balcões de fórmica, azulejos até a metade da parede, pias antigas e gastas, copos sujos, eram imagens constantes no dia-a-dia destes bares. Ao lado de casas noturnas, à noite, os cheiros da rua se diversificam, a gordura dos bares, dos lanches vendidos por ambulantes, misturam-se aos perfumes das mulheres que impregnavam às portas de entrada das boates.

Nos bares são bem mais comuns os almoços do que as jantas. A maioria deles se especializa em vender bebidas, tanto para quem às consome no local como para quem traz cascos vazios para comprá-las. Muitos deles vendem muito mais do que a bebida: oferecem todo tipo de mercadorias, são pequenos armazéns que tem desde pasta de dentes a enlatados, além de servirem de postos de apostas para o jogo do bicho e comentários sobre um assunto da televisão, ou eventos trazidos pelos comentários das leituras de jornais.

Na diversidade da rua, os bares se apresentam como pontos de permanência por pouco tempo, às vezes o tempo suficiente para a espera do ônibus e para uma bebida antes do embarque. Para alguns de meus informantes são os locais de encontro com outros homens no final do expediente antes do retorno para casa.

Um dos motivos da escolha dos bares é o gosto compartilhado por comidas fortes e gordurosas, em que o cardápio recorrente é o mocotó, e as bebidas, onde as cachaças são as mais vendidas. Na perspectiva de Bourdieu (1984):

“Gostos por comidas também dependem da idéia que cada classe tem de corpo e dos efeitos da comida no corpo, isto é, sobre sua resistência, saúde e beleza; e nas categorias usadas para avaliar estes efeitos, alguns dos quais podem ser importantes para uma classe e ignorados por outra, e estas classes diferentes podem ser graduadas de diferentes modos. Então, uma vez que as classes trabalhadoras são mais atentas à força de um corpo (masculino) que a sua forma, e tendem a buscar produtos que são ambos baratos e

nutritivos, os profissionais preferem produtos que são saborosos, saudáveis, leves e não gordurosos. (1984:190).”

As comidas de sal e gordurosas são as mais importantes já que a consideram como as que sustentam o corpo⁵⁶. Embora muitos dos bares não ofereçam o jantar, os aperitivos e lanches salgados são comuns. Dentro de armações de alumínio e vidro encontram-se expostos pastéis, croquetes e empadas. Em contraposição aos doces e refrigerantes, as comidas salgadas e apimentadas aquecem o corpo. Também as bebidas fortes são comparadas a um alimento já que aquecem o corpo. Há uma valorização positiva do gosto pelo sal, pimenta e pela bebida como alimentos que oferecem calor e que tem de ser ingeridos em grande quantidade, quanto maior a pessoa, maior deve ser o seu prato de comida.

As brincadeiras relacionadas a gostos são temas recorrentes: o consumo é tema de conversas, onde as comidas e bebidas são classificadas entre quentes e frias, as que aquecem ou esfriam o corpo. Muitas brincadeiras evidenciam estes pólos opostos, desde apresentar uma tigela de pimenta como sagu de morango ou, uma cerveja preta como remédio porque *faz bem pro sangue*. Ricardo disse que não podia comer comidas de muito sal, pimenta e cominho porque *sentia elas direto no fígado*, colocando a mão no lado direito do corpo. Quando terminei de comer e suspirei colocando a mão no peito, Ricardo perguntou: *tá com problema no coração?* Também em outras situações ficava explícito um mapeamento dos corpos relacionados aos efeitos provocados pelas comidas e bebidas no corpo⁵⁷. Ou seja, a força de um homem é mantida através da compreensão de um bom funcionamento interno do corpo, diz Hamilton, *meu estômago é forte, meu pâncreas, tudo funciona bem*.

Estes temas centralizados nos gostos reafirmam um gosto compartilhado pelo grupo. Para Bourdieu (1984), o consumo de mercadorias pressupõe um trabalho de apropriação - de identificação e decodificação - de elementos que relacionam categorias de

⁵⁶ Para uma classificação dos gostos alimentares no que se refere a classes populares em Porto Alegre ver Knauth (1991).

⁵⁷ Na maioria dos relatos, predomina a idéia de que o interior do corpo consiste em uma grande cavidade onde a comida cai e é ingerida. Sobre esta questão ver Victora (1991).

percepção e apreciação. Categorias que são produzidas dentro de condições sociais observáveis. Assim, não existe um gosto individual marcado pela livre escolha, a estética está relacionada a uma determinada trajetória social e aos bens socialmente "disponíveis" (onde os gostos estão estruturados e são estruturadores).

Eu era alertada, constantemente, para o fato de que, tomando um refrigerante (era inverno), eu estaria esfriando meu corpo. Só que, muito mais que a temperatura do ambiente e da bebida (pois a deles estava tão gelada quanto a minha) falava-me sobre a sensação provocada pelos doces no funcionamento do corpo: meus fluidos seriam afetados, a exemplo do que pode fazer a cerveja preta considerada boa para o sangue⁵⁸.

Esta forma de classificação expõe não só uma compreensão compartilhada e consensual no grupo sobre o corpo, mas formas de percepção socialmente compartilhadas que relacionam os gostos e os corpos. Assim, o modo de cuidar do corpo, de construir sua auto-imagem, se dava através de um gosto específico pelo forte, gordo. O momento e o modo como emergem estas categorias são significativas, em geral, é a comparação entre os corpos masculinos, entre homens, que trazia à tona estas representações: Aquele ali, precisa muito mocotó para sustentar aquilo tudo, olha aquela barriga. No meu caso, ficou-me a idéia de que eu não deveria comer mais do que meu corpo podia suportar. O que um corpo masculino suporta é diferenciado do que um corpo feminino deve ingerir.

As representações dos gostos e dos corpos revelavam mais do que uma preferência livre, mas uma valorização relacionada a uma posição social e de gênero, são corpos socialmente informados⁵⁹. A presença das garrafas na mesa, deveria ser numerosa, mas por outro lado, era comentado o fato de que ainda bem que não saiu (nas fotos por mim tiradas) atrás as cervejas. Assim, o cuidado com a imagem se dá através do resguardo ante um perigo moral e de um embelezamento do local propiciado pelas bebidas: um

⁵⁸ Segundo Bourdieu (1984), a valorização da força física como um aspecto fundamental da virilidade e algo que suporte esta força, como comidas e bebidas fortes, é um trabalho de elaboração das classes (ambas) camponesas e trabalhadoras industriais que dependem de seu trabalho para sua reprodução. "Sua consciência e solidariedade ou sua consciência de sua solidariedade" provém deste dado compartilhado.

perigo moral e/ou a prova da reunião entre homens. As cervejas que evidenciam o gosto compartilhado, uma cumplicidade, e que deveriam aparecer necessariamente nas fotos. Eram estas as fotos escolhidas, por exemplo, pelo dono do bar Toninho. Entre engradados de bebidas reconheceu-se em seu devido lugar não só por estar ao lado das bebidas, perigosamente colocado sobre pilhas de engradados, mas sob o título de *butequeiro*. Nestas conversas entre fregueses, fica evidente o quanto estes gostos, sobre o espaço do bar ou sobre a apresentação de seus corpos como gordurosos e fortes, definiam e os auto-segregavam como os fregueses destes bares, destes *butecos*⁶⁰.

A partir do material das minhas entrevistas fica claro que o *buteco* (usado na forma singular) é um lugar onde tudo pode acontecer e onde tudo acontece e representado primeiramente como um espaço que se repete com alguns padrões (de preferências de gostos e cheiros) conformando uma espécie de "tipo ideal" - o buteco. No bar Ernandes, uma frase acima do balcão afirma: "Buteco também é cultura". Estes elementos compõem um "tipo ideal" que se sobrepõe e se articula às diferenças sociais, étnicas, de classe e de gênero.

Estas expressões que se referem aos butecos, por sua vez, enfatizam a existência de coisas perigosas e atraentes que se sobrepõem quase como uma mesma frase, uma mesma idéia sobre os bares. Este acontecimento a que ambas as frases enunciam era descrito através de histórias de desafios verbais (ou início de brigas), fatos que os informantes viram acontecer ou o relato da diversidade de tipos que os freqüentam. Eram estes os acontecimentos do buteco embora entre eles estejam também os gostos exóticos onde os vidros de conserva exemplificam e são a primeira referência da especificidade dos alimentos e produtos ou pela venda de bebidas.

Nestes relatos, as pessoas que ali se encontram têm um aspecto diferente, são "estranhas", tipos os mais estranhos. Neles se encontram subgrupos, duplas, pessoas de faixas etárias as mais variadas. Chamou-me a atenção o fato de que era uma diversidade entre homens. Na expressão tipos os mais variados identifiquei o constante

⁵⁹ A este respeito ver Boltanski (1982) e Bourdieu (1984).

⁶⁰ Butecos ou Botecos, de certa forma, a denominação não é inteiramente êmica, não se restringe aos grupos que ocupam estes bares, mas reconhecidas e referidas por outros grupos e, mesmo pelos meios de comunicação de massa.

convívio de classes, marcadamente de classe média baixa e a diversidade de grupos sociais que constitui o bairro. Portanto, esta indicação dos tipos os mais estranhos dão conta, de uma diversidade que existe nas ruas. Mais do que isto, é uma representação que meus informantes-chaves retiram (separam) do bairro, ao defini-lo como de classes médias, e atribuem aos bares, os quais consideram diferentes, populares, já que nestes há uma predominância de uma classe média baixa. Esta diversidade que poderia ser incorporada como própria do bairro é restringida aos bares. No entanto, estas visões convergem a um tipo-ideal, novamente o *buteco*.

Enfatizam ser algo desafiador almoçar em lugares como estes. A estranheza destes gostos, que para mim aparece como repugnantes, é tratada de modo específico por meus informantes como coisas desafiadoras. O “exótico”, nas versões que coletei, não é exatamente um perigo a ser evitado, mas um desafio proposto aos outros como modos de interação entre conhecidos. O estranho, o *buteco*, é tornado familiar pelo valor desafiador que comporta. É difícil afirmar que isto seja uma das versões somente masculinas, mas é possível dizer que esta seja uma das versões masculinas comuns a um "grupo" de jovens que foram meus auxiliares e informantes, em geral, moradores do bairro. A denominação de *buteco* dispensou a definição verbalizada, na maioria dos pesquisados, havia outras falas envolvidas sobre seus usos e significados.

Uma outra versão que encontrei entre os frequentadores foi à referência de que o bar é o mesmo frente a tudo o que muda ao seu redor. Rômulo, aposentado, frequenta o bar Toninho, identificou quais eram as mudanças que ocorreram nas fachadas dos prédios em volta do bar - a barbearia na diagonal do bar transformou-se em uma loja de roupas. Do seu ponto de vista, de dentro do bar, o bairro mudou muito. É o bar que continua sendo o mesmo e ele sempre retorna ao bar Toninho. Aposentado, ocupa desde a manhã até à tarde uma das três mesas do bar, não tem nada a dizer (na presença do gravador), contudo, fala do seu filho que morreu em março daquele ano. Ele mora sozinho e almoça frequentemente no bar Toninho, pois o dono o conhece e guarda um prato de almoço para ele⁶¹.

⁶¹ Desenvolverei adiante a questão dos filhos e relação com a masculinidade como um dos temas compartilhados entre homens.

Rômulo, com cerca de oitenta anos, começa a beber cachaça, diariamente às 10h30min da manhã, perto do meio dia muda de bebida, para o vinho, e é um dos únicos a ter almoço neste bar. Ser conhecido, ou ser lembrado, pelo dono do bar é uma relação que tem muita importância para se manter vínculos com um bar. Em muitos casos, há facilidades quanto ao pagamento à utilização de cadernetas para compra a longo prazo e trocas de cheques por dinheiro. Quando perguntei se ele pagava depois, disse que não compra fiado, o que o dono do bar faz é guardar para ele um prato de almoço, por amizade. Expressou que eu o havia ofendido e neste momento revelou sua igualdade com o dono do bar, o que possibilitava e evidenciava este tipo de troca entre sua presença constante e o almoço especialmente servido. Ambos estabeleciam uma rede de reciprocidades muito comum nas relações nos butecos, portanto não há favores a serem pagos a diante, mas trocas sendo efetuadas. A relação que interessa, a significativa é com outro homem e, no caso, isto ficava claro por que quem cozinhava era Regina, esposa de Vilson, e não o próprio Vilson. Mas eram os homens que efetuavam as trocas.

O exemplo que se estende a outros, torna o trabalho de Pitt-Rivers (1977) adequado para entender a situação, a ofensa é a base sobre a qual se coloca o sentimento de honra, dada a situação de desigualdade, a honra deve ser restabelecida. Na sua versão é a relação de amizade com o dono que faz com que este guarde um prato para mim - o bar Toninho não serve almoços ao público. Assim como em outros bares, são as relações de respeito e confiança que estabelecem o vínculo entre os donos dos bares e alguns de seus fregueses. Tanto a ofensa como o respeito são categorias que estabelecem uma relação específica entre indivíduos onde uma conduta individual produz conseqüências para outros que compartilham deste sistema baseado na honra. Knudsen (1988) ressalta que uma das características deste sistema é que a honra é definida, para os homens, como algo exterior ao sujeito. O sujeito se percebe como incompleto o que deveria fazê-lo perfeito está situado fora dele. Dentro deste sistema a honra é obtida⁶². Do ponto de vista destes homens as relações de igualdade entre homens são buscadas como se o sujeito estivesse constantemente separado deste status. Ainda, como enfatiza Knudsen (1988) é

⁶² Sobre esta questão ver Bourdieu (1979), Brandes (1980), Fonseca (1991), Knudsen (1988), Leal (1989) e Pitt-Rivers (1977).

no espaço público que os homens exercem suas posições relativas, constantemente negociadas, em função da obtenção deste valor. Mantém uma rede de obrigações mútuas "onde o recebedor de um favor era inferior ao doador, até ele ter respondido tão bem quanto ele pudesse" (Knudsen, 1988:2). Assim, o respeito e, portanto a honra é uma espécie de substância que torna os sujeitos posicionados, onde através da obtenção da honra este se torna um homem. A ofensa sofrida por Rômulo a partir de minha afirmação expressava este valor recorrente aos demais freqüentadores onde, segundo Knudsen (1988) e Bourdieu (1979) o sentimento de honra não significa somente um sistema que organiza as relações, mas de uma lógica de atuação que não elimina o imponderável e que constitui as formas pelas quais os sujeitos conduzem seus sentimentos.

"Conhecer" alguém no bar não é uma condição para estar ali, mas sem dúvida é algo desejável. Em alguns casos, existem vínculos de trabalho entre os freqüentadores. Em muitas ocasiões percebe-se a familiaridade que alguns freqüentadores têm com os donos, freguesia ou com o espaço. Os butecos parecem salas de visitas, alguns têm encostadas às paredes poltronas antigas, é o caso do bar Princesa: sentados uns defronte aos outros, recostados nas paredes. A distância entre as mesas, no pouco espaço, não impedem conversas e comentários recíprocos entre os fregueses. Há uma preocupação constante sobre sua própria imagem em relação aos outros homens, demonstrando distâncias ou proximidades com os donos dos bares. A auto-imagem é construída por atos contínuos que se endereçam aos demais freqüentadores, mas, no bairro Cidade Baixa, principalmente há a preocupação com a opinião dos donos dos bares.

Um exemplo claro disto, são os comentários a respeito do consumo de bebidas quando se está sozinho. A situação evoca um comentário, uma explicação sobre o porquê fazê-lo ou mesmo a negação, através de brincadeiras - uma inversão - do fato de estar tomando uma bebida alcoólica no meio da tarde de trabalho. Neste caso, o pedido de cachaça ou vodca com um refrigerante de laranja favorece a afirmação de que se está tomando uma bebida sem álcool, por exemplo. Estas situações, em alguns casos, podem pôr em questão a respeitabilidade - também sinônimo de credibilidade - de quem está bebendo, dependendo do número de fregueses no bar e do horário. O fato de fornecer uma nota de dinheiro de muito valor é igualmente motivo de uma explicação: *não quero te*

complicar dar uma nota alta pra ti não ter troco, não é isso. Mas os exemplos citados não se vinculam a uma situação específica relacionada somente à bebida, é a preocupação com a auto-imagem que alinhava estes e outras situações frente aos demais fregueses. O respeito faz parte de sua auto-imagem do homem no bar. Naquele espaço, ele está diretamente relacionado com a credibilidade conferida pelo dono do bar, que detém e controla o espaço.

O respeito é um valor relacionado não só ao modo de interação proporcionado pelo bar, mas um valor conquistado através do tempo que o freqüentador ocupa o bar, de uma rotina de trabalho e intervalos e do que o dono do bar afiança. A relação com outros freqüentadores, no caso deste bairro, é muito tênue, portanto é explicável que a opinião e a relação com o dono do bar se sobrepujam às demais. Um outro exemplo evidencia esta valoração. O entrevistado afirma com ênfase que trabalha no mesmo lugar faz 20 anos, moro no mesmo lugar, na mesma casa em frente da mesma praça. Ademir mora em Belém Novo, local afastado da Cidade Baixa, mas trabalha em uma oficina mecânica perto do bar. Diz que vem ao bar Arlindo todo o dia, vinte vezes por dia. A freqüência com que retorna ao bar não é exclusividade sua. Pude observar homens cuja presença se tornou previsível em determinados bares. De dia ou à noite existem locais onde encontramos o mesmo grupo em jogos de carta, truco, sinuca, assistindo os programas de televisão ou em conversas em grupos. A freqüência com que Ademir retorna ao bar, o define tanto como ponto de passagem de sua casa a seu trabalho, mas também como seu ponto de retorno. Foi através do dono do bar que fiquei sabendo diversos dados sobre seus freqüentadores, o que incluía necessariamente um veredicto sobre a respeitabilidade e credibilidade do freguês: é um sujeito muito bom, ou bem diferente do irmão, aquele aonde pode tirar dinheiro, ele tira. Afirmação que também se relaciona ao fato do sujeito não ser, como é esperado de um homem, generoso.

Penso que estas versões não são duas formas típicas de relação com o bar, mas versões de faixas etárias e classes distintas. Outras poderiam ser coletadas, entre elas a que relaciona o bairro a uma boemia, ou decadente boemia, uma espécie de nostalgia quanto à redução dos números de bares e pessoas envolvidas com as atividades noturnas. Os momentos do passado do convívio no bairro eram vistos como melhores, onde as

pessoas tinham tempo para se relacionarem. No entanto, me parecem exemplares de duas formas diferenciadas de perceber os bares, uma que evoca o trânsito de diferentes pessoas nos bares, considerados, então, como peculiares e imprevisíveis. Outra percebe o bar como algo de fixo, único, permanente e conhecido. Articulam-se aí cotidianos e significados diferentes sobre o espaço dos bares. O mais marcante nestas versões é o que os coletara nos mesmos bares - Toninho e Arlindo. Talvez os entrevistados não estejam falando do "mesmo" e o percebam de formas completamente distintas. Uma vez que pude coletá-las acerca dos mesmos bares, fica evidente que existem, portanto, diferentes interpretações sobre os bares e usos distintos de seus frequentadores.

As diferentes representações destes espaços demonstram como os *butecos* são diferentemente incorporados nas vivências destes homens. Os bares, assim, tornam-se territórios de expressão de expectativas, gostos e valores compartilhados entre homens a cerca de significados relacionados ao gênero masculino. Muito distante de uma unanimidade de significados, mesmo os gostos ali compartilhados abrem um leque de possibilidades bem amplo, sobre os quais os homens negociam significados e percepções quanto ao modo adequado de estar, ocupar e apresentar-se naquele espaço.

CAPÍTULO III

OS HOMENS NOS BUTECOS.

As situações que aqui reúno referem-se a minhas observações em diferentes bares do bairro Cidade Baixa. Apesar de que tratá-las agregadamente possa significar uma perda da especificidade de cada local, julgo que meu estranhamento quanto aos eventos que se dão em diferentes bares pode contribuir para o entendimento das falas e atitudes recorrentes entre homens. Esta continuidade parte, em certa medida, da possibilidade colocada por meus entrevistados, chamando os bares genericamente de *butecos* e conferindo a estes espaços grande parte do investimento de seu tempo de não-trabalho. Os pontos comuns entre estes butecos são justamente os homens, meu estranhamento sobre seus diferentes modos de expressão, relacionado tanto ao local específico - o *buteco*, sua estética e gostos, como já tratamos anteriormente - quanto às falas e atitudes que nestes têm lugar.

Na perspectiva de Machado da Silva (1978), as casas de bebidas são lugares importantes no universo urbano, pois são procuradas por um grupo assíduo que estabelece rede de relações e uma "rotina diária", cujo principal objetivo seria o de suprir as lacunas de sociabilidades do sistema urbano-industrial. A discussão deste autor é relevante na medida em que concebe as casas de bebidas enquanto fenômeno urbano, vinculado a uma classe social específica, de baixo poder aquisitivo, e com estabelecimentos cuja qualidade de mercadorias vendidas ou expostas são de qualidade considerada precária. A partir dos botequins seriam formadas redes de relações as quais os critérios de hierarquia e de relacionamento seriam estabelecidos entre os frequentadores. Desta forma, o autor evidencia mecanismos informais de controle das tensões sociais, que seriam mantidas em níveis relativamente baixos e limitadas a situações muito definidas e ocasionais.

Se, por um lado, o espaço do botequim aparece como tipologizável na versão deste autor, isto se faz na medida em que a principal questão que ele se coloca é a de inserir este espaço na sociedade urbano-industrial. Muitos dos seus resultados e descrições se encontram condicionados a esta ótica. Por outro lado, para além de uma atribuição de funcionalidade, os botequins podem ser entendidos como um espaço social onde formas de sociabilidades acontecem.

Simmel (1983) entende por sociabilidades as interações que ocorrem entre indivíduos na qual a forma prepondera sobre o conteúdo, ou seja, interações cuja intenção seria a de "obrigar os indivíduos, que possuem aqueles instintos, interesses, etc, a formarem uma unidade - precisamente, uma sociedade" (1983:166). Para Simmel, sociabilidade é um processo onde as formas são liberadas de conteúdo, bastando o sentimento "entre seus membros, de estarem sociados" (1983:168). Transpondo o conceito de Simmel para os butecos, haveria uma transformação de um "meio agregado de indivíduos a uma outra qualidade"... no caso, a qualidade de ser homem.

O conceito de sociabilidade de Simmel (1983) é adequado aos homens nos butecos na medida em que está centrado nas formas lúdicas de associação que têm uma função reguladora, traçando limites aos impulsos dos indivíduos. No entanto, o conceito tem de ser repensado, já que a idéia de impulsos individuais é um pressuposto muito vago, pois pode sugerir a existência de um fundo desorganizador do social no qual os indivíduos seriam portadores.

Entre as contribuições que partem da obra de Simmel (1983) está a elaboração feita por Velho (1986), segundo a qual, nos momentos de interação podemos perceber os sentimentos de pertencimento específicos de determinado grupo social, onde o mundo "interno é produzido e condicionado pelo externo" (1986:21). Portanto, se o conceito de sociabilidade de Simmel possibilita perceber os momentos de interação onde se criam sentimentos de pertencimento, serve para evidenciar que, nos butecos, os

assuntos e conteúdos abordados são importantes para a compreensão das relações ali estabelecidas e se relacionam eminentemente à construção da masculinidade.

Assim, tanto no conceito de Simmel (1983) quanto na noção de socialidade de Maffessoli (1984), a forma assume importância maior do que o conteúdo, isto porque ambos evitam uma redução das formas de sociabilidades a uma razão instrumental que venha reduzir o espaço social a um leque de motivos justificáveis. Maffessoli (1984) identifica que:

...mais uma vez não se trata de insistir sobre o conteúdo, mas sobretudo de ver como a palavra vazia de sentido, na medida em que se insere no jogo do concreto, é antes de tudo fator de reunião. (1984:157).

Acrescenta ainda que o lúdico necessita de um espaço para exprimir-se. Neste sentido, os butecos podem ser entendidos como locais de expressão de significados. Compartilho das preocupações de Simmel e, mais recentemente de Maffessoli, no sentido de não reduzir-mos as formas de sociabilidades pelos possíveis conteúdos que justifiquem as interações. Entendo ser importante fazer emergir os significados compartilhados nesses momentos lúdicos. Mantenho, no entanto, a idéia de que os espaços sociais têm de ser entendidos como espaços de relações, "estruturados e estruturantes", no sentido dado por Bourdieu (1989), "O espaço social e as diferenças que nele se desenham "espontaneamente" tendem a funcionar simbolicamente como espaço dos estilos de vida." (Bourdieu, 1989:144). Estes estilos de vida concebem sujeitos sociais específicos. No espaço dos butecos é possível perceber os significados compartilhados e condicionados pelo estilo de vida específico de classes populares.

Neste caso, os butecos, assim como os cafés analisados por Dufour (1989), detêm uma temporalidade específica e uma dinâmica distinta das outras esferas da vida social. São os espaços de socialização dos indivíduos no espaço público, onde se aprende

a ser entre homens. Nestas interpretações, o espaço público dos butecos é entendido como local de encontro, a troca de informações e exercício do discurso público. Outra característica importante, indicada tanto por Ariés (1989) quanto por Sennet (1988), que se demonstra adequada aos butecos freqüentados por meus entrevistados, é de que são os locais onde é exercida e tencionada a igualdade entre pares.

Encontram-se em interação, nestes espaços, homens que se entendem como iguais, o que está de acordo com o conceito de Simmel (1983) em que a sociabilidade pressupõe também uma interação "entre iguais" ou um "faz de conta` que cada um é reverenciado em particular." (1983:173). Um de meus informantes-chaves, **Ademir**, indica esta característica como sendo *uma falsa consciência das distinções e restrições que existem no bar*⁶³. Do ponto de vista dos homens que freqüentam os butecos, o reconhecimento de uma igualdade entre os freqüentadores não elimina a possibilidade de diferenças e hierarquias nas relações; pelo contrário, possibilita que estas hierarquias estejam em jogo durante as interações. É ali, mesmo através do reconhecimento das distâncias e distinções, que se estabelecem cumplicidades entre homens. Do ponto de vista de um sistema baseado na honra, e coerente com ele, os participantes destas conversas nos butecos devem se reconhecer como iguais para participar dos eventos, o que não significa que suas posições não estejam sendo demarcadas durante as conversas. É a honra e a posição conquistada frente aos outros, o que está sendo disputado.

Diferentes trabalhos que descrevem os processos sociais em que são construídas identidades masculinas destacam a relação entre homens como a forma recorrente da construção social de gênero masculino. Na literatura antropológica clássica as casas de homens são locais onde há a socialização e rituais de passagens nos quais homens são concebidos culturalmente, e onde a determinação biológica não é suficiente para a definição da masculinidade. Apesar de a literatura antropológica indicar diferentes

⁶³ Estas versões serão exploradas no tópico destinado aos jogos e desafios verbais.

exemplos de casas de homens não há nenhum estudo sistemático que os reúna. Ficam relatos esparsos trazidos por Mead (1969) na Nova Guiné entre os Arapesh e Tchambuli, onde há a casa cerimonial, o trabalho de Godelier, citado por Badinter (1986) em sua etnografia sobre o grupo Baruya, e a contribuição de Lévi-Strauss (1976), por exemplo. Nestes diferentes exemplos, os homens são produzidos culturalmente e, freqüentemente, por outros homens. A incidência de casas de homens na literatura antropológica não as configura como um dado universal; estas descrições evidenciam as trocas simbólicas tendo como *locus* as casas de homens e compõem um paralelo importante para este estudo.

Inspirada nos exemplos de casas de homens em sociedades primitivas busco os significados produzidos entre homens e alguns dos parâmetros da construção de masculinidade. É importante manter - para pensar - os casos de espaços masculinos específicos como resultado de uma escolha pela auto-segregação entre homens conformada dentro de uma cultura. Uma escolha que evidencia a importância da troca de experiências entre homens na elaboração de uma cultura masculina.

Início pela imagem recorrente de homens sentados sozinhos nos butecos, e em seguida abordo a relação entre os homens e as diferentes "falas" sobre a masculinidade. Busco os significados compartilhados pelos homens e expressos publicamente nestes espaços a respeito da masculinidade.

3.1. Uma Mesa, um Homem, uma Bebida.

Me instalo sozinho, num café; as pessoas vêm me cumprimentar; me sinto rodeado, solicitado, lisonjeado. Mas o outro está ausente; eu o convoco em mim mesmo para que ele me mantenha à margem dessa amabilidade mundana, que me espia. (Barthes, 1977:30).

Barthes apresenta uma situação de extrema solidão e expressa a necessidade de ser solicitado, por outros, ao convívio social. Neste caso, o café é um investimento na espera, na permanência, para que outros o resgatem desta situação.

Extrapolando Barthes, seria este resgate um dos motivos de se estar no bar. Por outro lado, pressupõe-se também uma solidão a ser preenchida, uma solidão que deixa o indivíduo à margem do que está acontecendo. O sujeito que espera a atenção dos outros permanece refratário à influência destes. O texto de Barthes fez-me pensar em uma situação freqüente nos butecos, homens sozinhos em uma mesa, quietos, voltados para seus copos.

O bar e restaurante **Vila Rica** é um dos poucos lugares no bairro que permanece aberto nas noites de domingo e exemplifica esta situação. Retorno a imagem de um homem sentado na mesa do centro do bar, com as pernas estendidas embaixo da mesa, curvado voltado ao seu copo. Segura o copo com as duas mãos apoiando-as sobre a mesa, em silêncio, com os olhos voltados para o copo entre as mãos. A garrafa de cerveja está pela metade. Permanece silenciosamente até que o perco em meio a minha conversa com outros fregueses no bar. Não o vi entrar, nem sair. Eu o havia percebido pelo seu modo de agir, como havia percebido outros homens sozinhos. O fato é que o corpo escorrega e achata-se contra a cadeira, pés espichados embaixo da mesa, corpo debruçado.

Esta é uma das imagens comuns aos homens nos bares. É preciso ter em mente as atividades desenvolvidas por estes homens no transcorrer são mecânicos, operários da construção civil, desempregados ou "encostados" da previdência social. Na maioria, são trabalhadores que expressam seu cansaço da jornada de trabalho e encontram nestes locais um momento lúdico antes do retorno ao espaço doméstico. Por outro lado, a possibilidade de que estes homens estejam no bar a esperar algo acontecer, é uma possibilidade de interpretação que coincide, então, com o texto que transcrevo de Barthes. Coincide também com o que um de meus informantes mencionava sobre os bares, descrevendo-os como locais *onde tudo pode acontecer*, ou seja, a espera de um acontecimento ou o sujeito como espectador. Neste caso, o espetáculo que eu presenciava não era uma aventura e sim uma atitude que indica a princípio um isolamento.

À medida que minha familiaridade com os bares aumentava, estas imagens se tornavam quase invisíveis, porque previsíveis. De certa forma, também incorporei sua recorrência, tanto que freqüentemente não percebia a saída destes homens, isolados de outros homens, do bar. Eles eram, muitas vezes, também ignorados pelos demais freqüentadores que conversavam animadamente entre si sem demonstrar nenhuma estranheza para com um homem debruçado sobre a mesa, isolado no canto do bar. Sua participação não era solicitada. Esta invisibilidade dizia muito mais sobre o que era corriqueiro e possível entre as atitudes dos clientes do bar. Ou seja, na perspectiva dos homens nos bares, não era uma situação ignorada por ser desprezada ou indesejável, era simplesmente comum.

A recorrência desta imagem trazia-me ao ponto de partida, era a atitude que aparecia constantemente, e não havia nenhuma explicação verbalizada pelos homens que a justificasse ou depreciasse, era algo comum e possível. O estar só em uma mesa de bar é tão constante, que fico constrangida de interromper este ritual particular. Em algum bar da Cidade Baixa - ou outro local da cidade - haveria uma mesa ocupada com um homem bebendo alguma cerveja ou aguardente. À tarde ou a noite são os horários mais comuns, porém mesmo pela manhã foi possível presenciar este fato.

Alisando um copo com as mãos, olhando-o fixamente, encontrei em um ou outro bar, estes homens. Isto não elimina minha idéia de que há alguns sentimentos inapreensíveis para mim, ou seja, apesar de ouvir algumas explicações eu ainda buscava uma razão interior, como Barthes, para tal fato. Desta forma, eu também estava um pouco sugestionada pelas idéias de *boemia* e *dor-de-cotovelo* que vinham associadas às representações que, sobre o bairro, me eram apresentadas.

Ao conversar sobre isto com meus informantes ouvi respostas diferentes. **Marcelo** disse-me que *é algo que as mulheres nunca conquistaram*. Este modo de qualificar estas atitudes contrastava, no entanto, com a presença, ainda que como exceção, de algumas mulheres nos bares. Nos momentos em que presenciei uma mulher sozinha no

bar as atenções todas se voltavam a ela, que permanecia por pouco tempo. Busquei em meus diários de campo algum exemplo da situação de uma mulher com uma bebida alcoólica, só em uma mesa. Nestes casos, muitas delas *donas* ou funcionárias destes bares, ou tem algum parentesco com os donos, vínculo este que é reconhecido imediatamente na medida em que trabalham constantemente organizando a cozinha do bar, atrás do balcão⁶⁴. De fato, a situação é diferente, pois essas mulheres são *conhecidas* em sua posição social referenciadas aos donos dos bares. O direito não conquistado mencionado por meu informante referia-se ao anonimato possível para os homens no interior dos bares e que não ocorria para as mulheres, mesmo no meu caso como pesquisadora⁶⁵.

Para os homens, estar no bar sozinho é uma atitude que, segundo expressam meus informantes, é garantido pela certeza tácita de que ninguém o interromperá, ficando enfatizado que a situação é uma espécie de direito já adquirido. **Getúlio**, por outro lado, entende esta ser uma atitude *arrogante*. Atribui a estas situações onde os homens bebem sozinhos é uma afirmação de que *eu sou mais eu e não sou ninguém*. Esta arrogância estaria relacionada a uma postura corporal destes homens, ignorando a presença dos outros. Ou seja, ao romperem a igualdade entre os fregueses estariam expondo, mesmo que momentaneamente, uma hierarquia. Esta atitude expressaria uma espécie de dignidade imanente que dispensa a presença ou necessidade de outros e que o difere dos demais, e o sobrepõe, quebrando uma idéia de similaridade entre homens que deve haver nos bares.

Esta distinção do homem com relação a outros contém algumas ambigüidades. De um lado, há uma valorização frente a outros. Em diversos bares, os donos sentam-se sozinhos em uma mesa para beber e são saudados com acenos discretos

⁶⁴ Estes parentescos não incluem somente laços de sangue, refiro-me a todas as situações de parentesco envolvendo adoção e apadrinhamento que são expressas nas relações entre funcionários e donos dos bares.

⁶⁵ As representações sobre mulheres e o espaço destinado às mulheres serão tratadas no capítulo seguinte.

pelos fregueses que ingressam no bar. Por outro lado, há a desvalorização pelo anonimato que provoca, a não-inclusão daquele homem nestas redes de relações dos fregueses e donos de bares, uma desvalorização do homem que bebe sozinho na medida em que ele se mantém distante dos demais e rompe com as reciprocidades estabelecidas nos bares⁶⁶. Segundo Lévi-Strauss (1976), enquanto a comida serve para alimentar, a bebida serviria para homenagear. A bebida torna-se um "bem social", pois estabelece entre os homens um jogo de trocas e vínculos sociais. Beber sozinho seria, portanto, uma quebra destas reciprocidades e uma situação quase incestuosa ou de culpabilidade:

O grupo, com efeito, julga com singular dureza aquele que "bebe sozinho". (...) No pequeno restaurante, tais pessoas acham-se colocadas durante duas ou três meias-horas em uma promiscuidade muito estreita, unidas por uma identidade de preocupações. Um conflito, sem dúvida não muito agudo, mas real, o que basta para criar um estado de tensão, existe numa ou noutra, entre a norma da solidão e o fato da comunidade.(...) Estes dois estranhos acham-se expostos, por um curto espaço de tempo, a viver juntos.(...) A distância social mantida, mesmo se não for acompanhada de nenhuma manifestação de desdém, insolência ou agressão, é por si só um fator de sofrimento no sentido em que todo contato social contém um apelo e este apelo é uma esperança de resposta. A troca do vinho permite a solução dessa situação fugaz mais difícil. É a afirmação de boa vontade, que dissipa a incerteza recíproca, substituindo um vínculo à justaposição. Mas é também mais do que isso. O parceiro, que tinha o direito de se conservar reservado, é provocado a sair desse estado, o vinho oferecido atrai o vinho retribuído, a cordialidade exige a cordialidade.(...) E a aceitação da oferta autoriza uma outra oferta, a da conversa.(...) Assim, vai-se estabelecendo uma cascata de pequenos vínculos sociais, por uma série de oscilações alternadas, por meio das quais adquire-se um direito de oferecer, ficando obrigado a receber, e, nos dois sentidos, sempre além daquilo que foi dado ou aceito. (1976:99).

Nos bares os homens geralmente pagam suas próprias bebidas quando estão em grupo. Muitas vezes trocam seus copos, oferecendo sua própria bebida para ser provada (aprovada) pelo outro. Nestes momentos as reciprocidades e cumplicidades espelham aquilo que é descrito acima por Lévi-Strauss. Os vínculos sociais são tecidos

⁶⁶ A este respeito ver Mauss (1974).

tendo as bebidas como o bem social que possibilitam as reciprocidades, e colocam em evidência a distância imposta, pelos fregueses os quais se recusam a ter sua bebida paga por outros, posto que, de certa forma, isto pode consistir em uma acusação de que são *incapazes de pagar sua própria bebida*.

Embora, nos bares, a permanência entre estranhos possibilite a não-obrigatoriedade do esquadramento dessas circunstâncias pessoais, a observação das atitudes dos outros é apenas um dos modos de estar no bar⁶⁷. Portanto, as reciprocidades não se estabelecem necessariamente. Em um local onde se encontram estranhos e conhecidos, sentar só em uma mesa é um ato ambíguo ou arriscado⁶⁸. Há, portanto, uma adequação ao que é descrito por Barthes e que foi minha primeira percepção sobre beber sozinho, um tanto romântica. Assim, se no bar *tudo pode acontecer*, estar ali sozinho evoca a situação de imprevisibilidade, de espera de um acontecimento, de um isolamento. O texto de Barthes é próprio para interpretar alguns dos eventos dos bares, mas não pode ser estendido a todas as situações que envolvam um homem bebendo sozinho.

Um de meus informantes descreve estas atitudes como dotada de *certa arrogância*. A atitude descrita como uma *arrogância* trazia junto à questão de que, mesmo assim, esta atitude individual era uma espécie de distinção referida a outros, ou seja, os outros assumiam importância proporcional à separação que era provocada. Desta forma, se tratava de uma postura já codificada pelo grupo no seu leque de possibilidades e referida a outros homens. Uma situação que poderia ser entendida a partir de Lévi-Strauss, como um ato quase "incestuoso" - o beber sozinho - já que um ato codificado pelo grupo.

⁶⁷ Em uma reflexão sobre as atitudes dos homens nos cafés e bares dos séculos XVIII e XIX Sennet (1988) identifica uma crescente segmentação de papéis que os indivíduos passam a assumir de acordo com o local público, uma crescente diferenciação do público e do privado e, no espaço público, a ficção de que as distinções sociais não existem.

⁶⁸ As conversas são travadas sem necessitar a identificação prévia do outros, mas são outros os signos, não necessariamente o que é questionado, que tornam os interlocutores conhecidos.

Os parâmetros sobre os quais os indivíduos se tornam reconhecidos como sujeitos, tanto corporal como emocionalmente, são construídos culturalmente e, nos bares, há um espaço onde são produzidas estas formas adequadas de relacionamento e expressão entre homens. *Estar* sozinho, beber sozinho, é parte destes modos de expressão compartilhados nos espaços dos bares.

Embora eu tenha partido da versão de Barthes num sentido bem diverso do apresentado por meus informantes, entendo que em ambos os pontos de vista, esta postura celebraria uma autonomia destes homens. Celebra ainda uma autonomia dentro do próprio grupo de homens. O que poderia ser indicativo de sentimentos marcadamente individuais, pelas atitudes que envolvem - em especial o isolamento -, é tão comum aos homens que freqüentam bares que se torna a expressão de sentimentos sociais, um dos modos adequados de mostrar-se homem.

Tanto esta versão romântica de Barthes quanto a *arrogância* detectada por meus informantes, podem ser vislumbradas nesta situação como momento de uma autonomia celebrada. São versões possíveis em termos de Cidade Baixa: apesar do romantismo da *dor-de-cotovelo* ser considerado/polemizado como inexistente, ele emerge constantemente nas conversas que tive com os homens sobre os eventos que ocorrem nos bares. Considerada como reduto da boemia, e ainda comportando casas noturnas para danças de salão com músicas ao vivo, a Cidade Baixa comporta e cruza estas compreensões possíveis. Há uma situação exemplar, quando **Claudio** e eu entramos em um bar que funciona a portas fechadas na Rua José do Patrocínio, próximo a Avenida Venâncio Aires.

Coloquei a mão na maçaneta, e nos olhamos, meio incertos de que poderíamos entrar. Ouvimos uma canção cantada por Néelson Gonçalves executada em uma "máquina de músicas". A música tinha como tema a mulher e o abandono...O bar era muito comprido, estreito e estava vazio. Eram várias salas em vários níveis sendo necessário subir um degrau a cada nova peça. Parecia um sobrado que tinha sido

modificado. Era pintado de branco por dentro e havia retirado às divisórias. O local era escuro, com uma luz muito fraca, um sofá encostado à parede de entrada. Olhamos-nos e comentamos sobre o "retrato da dor": tocava Néelson Gonçalves, e tudo parecia ruir, mesmo a casa. Fomos até o fim da última sala onde é o balcão de bebidas. O rádio de pilhas estava sintonizado na partida de futebol, havia homens conversando e movimentando móveis em direção aos fundos, atrás da cozinha. A tristeza terrível sugerida pela música destoava do rádio de pilha e do convívio animado entre homens que conversavam sobre futebol enquanto carregavam os móveis e bebiam. O homem negro que atendia atrás do balcão estava atento ao jogo de futebol, mas desligou o rádio momentos depois de nossa entrada. Quando íamos saindo, convidou-nos a retornar ao bar nas sextas-feiras e sábados, quando havia música e dança no bar. Certamente haveria outras mulheres.

Em muitas situações como esta houve cruzamentos destas sonoridades, as músicas com temas relacionados à dor e abandono causadas por mulheres, e o rádio ou televisão ligados em jogos de futebol propiciando reuniões entre homens. Nas duas formas havia reuniões entre homens. Os bares compõem um ambiente polifônico que tanto pode ser apreendido como espaço de introspecção, quanto de reunião entre homens, de festa. Este cruzamento de sonoridades distintas compõe uma estética sonora do espaço social masculino relacionado aos modos adequados e expectativas de estar entre homens.

É possível verificar uma auto-segregação dos homens em relação ao espaço da rua, através dos objetos que estão dispostos nos bares, gostos e símbolos que identifico como relacionados à masculinidade. Além da referência a comidas e bebidas de um modo específico, têm-se, por exemplo, a presença de flâmulas de times de futebol, rádios de pilhas pendurados atrás do balcão, além da presença massivamente masculina. Por outro lado, também nas sonoridades há a demarcação e o contraste com os ruídos da rua, formando um dos aspectos da familiaridade destes homens com os bares.

Nos limites, para dentro, esta polifonia destaca, no mínimo, duas características destes encontros: a celebração do encontro entre homens expressos nos sons relacionados ao futebol e seus comentaristas que falam ininterruptamente e em uma entonação constante. Entre símbolos masculinos, estes homens encontram-se segregados do espaço da rua e do trabalho. De outro lado, as músicas cuja letra evoca dramas pessoais estão relacionadas a desavenças com mulheres.

Jairo corrigia-me freqüentemente, *não é a letra, é poesia*⁶⁹. As músicas ouvidas nos butecos coadunam sons e mensagens e são escutadas atentamente pelos ouvintes constituindo um momento especial entre outros homens. Enquanto um homem canta (no rádio), ou enquanto um homem canta (no buteco), outros ouvem o que diz a música. Os temas cantados traduzem verdades que tem a aprovação dos que as escutam. Entre os temas compartilhados e trazidos pelas músicas estão as referências às mulheres, estas que se não estão ausentes (quase que totalmente) ou se encontram simbolicamente distantes, pois é sobre elas (e não para elas) que são cantados muitos dos temas, ou substituídas nas músicas pelas bebidas sempre presentes⁷⁰. Por exemplo, **Jairo** canta trechos de Lupicínio Rodrigues escorado no balcão apontando com as mãos o copo de cachaça como se fosse a própria ingrata referida na música.

De uma forma ou de outra, os butecos ensejam momentos em que os homens estão afastados da rua em um local compartilhado em termos de pessoas e na estética que articula significados masculinos relacionados a gostos e sonoridades. Por outro lado, os butecos são locais de encontros, não só pela disposição espacial que, embora varie bastante, propicia conversas. A proximidade das mesas ou o tamanho do bar possibilitam trocas de opiniões e informações, como atesta o constante olhar daqueles que

⁶⁹ Apesar da resistência de meu informante, não podem ser descartados os significados que são expressos nestas músicas. Uma análise sobre as músicas na MPB e adequadas a este trabalho encontro em Oliven (1986 e 1987).

⁷⁰ Sobre o modo como são representadas as mulheres ver o capítulo IV. Neste caso resalto a distância simbólica criada quanto às mulheres no convívio do bar e nos modos de expressão entre homens nos bares.

entram sozinhos e inspecionam cada lugar ocupado. Olham para todos os frequentadores até se encaixarem em alguma mesa ou conseguirem um banco no balcão. Nos horários à tardinha é mais adequado falar em "encaixe" porque os bares ficam barulhentos e repletos de homens, sendo muito difícil encontrar um lugar para sentar-se.

Penso que, em muitas situações de campo, pude experimentar os butecos como verdadeiros "oásis" no bairro. Como alternativa ao sol de verão tórrido das ruas quase sem sombras de árvores, os pisos de lajes e azulejos nas paredes, paredes de pés altos, os tornam frescos numa temperatura agradável que contrasta com o calor insuportável dos acentuado pelo asfalto e as edificações sem marquises. Já no inverno chuvoso de Porto Alegre, por outro lado, eles tornam-se um refúgio pelo calor que oferecem. Nas duas épocas, concentram a maioria dos homens que se encontram em intervalos do horário de trabalho. De uma forma ou de outra, inverno ou verão, estes locais são escolhidos e tem uma familiaridade tal que, estar sozinho no bar, é **estar só no local adequado**.

DaMatta (1987) ressalta que a oposição entre esfera doméstica e pública é dinâmica. A esfera pública é reapropriada por um grupo ou categoria social "tornando-se sua 'casa', ou seu 'ponto'". Tal apropriação afirma um território, mas sobretudo, como indicam meus informantes significa formar espaços propícios para conversar, trocar uma idéia, contar ou ouvir informações e histórias, estar entre homens.

3.2. Estar entre Homens.

As atitudes e os sentimentos expressos entre homens são muito variados. Os homens apresentam nos bares um leque de atitudes que não se excluem umas às outras. Entre estas, aparentemente **livres, o riso e os corpos** são os meios de expressão mais evidentes. Estes modos comuns de expressão têm como efeito uma espécie de

padronização, o que não elimina, no entanto, a veracidade dos sentimentos envolvidos⁷¹. Revelam, sim, o quanto estas formas de expressão se encontram entrelaçadas e fazem sentido nos butecos.

Neste caso, entendo que esta padronização de atitudes não constrói homens exatamente iguais, de uma mesma natureza. Busco verificar os parâmetros que são compartilhados, o que é diferente da afirmação de que os homens que freqüentam os bares sejam somente aquilo que as suas atitudes enunciam⁷². Por outro lado, em diferentes momentos, as elaborações que os próprios homens fazem de sua masculinidade evoca uma natureza comum que deve igualá-los. Um homem "tem de ser" *forte, tem que se impor, dominar o vagabundo só no olho, se não o vagabundo te domina*: uma espécie de delimitação da natureza do homem, do masculino.

Estas expressões e atitudes trazem como pano de fundo a idéia de que o autocontrole e o controle sobre outros é valor fundamental relacionado à masculinidade. Os bares oferecem então, um espaço onde estas performances são visualizadas. Neste sentido, é necessário aprender a ocupar espaços públicos onde os **iguais** são imprevisíveis ou hostis. Esta afirmação certamente não seria aceita por meus informantes e entrevistados, pois, para eles, no espaço dos bares as tensões entre homens têm uma valoração positiva, e considerada diferenciada do mundo do trabalho (negativo e degradante). Esta separação trabalho/bar que poderia ser entendida como uma criação desta pesquisa, já que tenho pouco acesso a um terceiro lugar de observação - o mundo doméstico - é um dado recorrente trazido pelos próprios homens. **Estar entre homens** é para meus informantes um momento especial da elaboração simbólica da masculinidade,

⁷¹ Como afirma Sartre, "...um sentimento que se finge ou um sentimento que se vive são duas coisas quase indiscerníveis". (Sartre, 1973:17).

⁷² Sobre esta questão teórico-metodológica ver Rabinow (1977), para ele não existem primitivos, mas outros homens e outros grupos sociais a compreender, sendo que nenhum indivíduo pode ser tomado como representativo de uma cultura, já que compartilhar de uma mesma cultura não significa uma equivalência entre indivíduos.

seja na condição de isolamento - sozinhos entre outros homens -, seja para celebrar este momento especial.

3.2.1. O Riso e os Corpos.

A maioria das imagens que retive dos momentos em que os homens reunidos nos bares é de festa, riso e referências jocosas de uns e outros e a seus corpos⁷³. Esta celebração abarca uma série de atitudes envolvendo o riso e os corpos como modo de expressão de representações quanto à concepção de auto-imagem masculina.

No Bar **Arlindo**, como no Bar **Salete** e outros, muitos homens reúnem-se para assistir futebol pela televisão. As partidas da Copa do Mundo mobilizavam muitos homens frente às televisões, o mesmo acontecendo quando havia outras partidas consideradas decisivas. Minha expectativa era de que o jogo absorvesse as atenções de todos os homens presentes no bar. Para minha surpresa, eles preocupavam-se em conversar mais do que olhar para a TV, mas voltavam a ela quando ouviam alguma possibilidade de gol. Durante as partidas os bares ficavam lotados, o barulho era intenso e as conversas contínuas. Nessas ocasiões eu me encontrava isolada, os lugares a minha mesa eram os últimos a ser preenchidos. Geralmente muitos sorrisos eram trocados pelos interlocutores, e as risadas atravessavam todo o pequeno local. Os presentes procuravam com olhares o autor da risada e aderiam a ela. O desgaste emocional investido e compartilhado durante a partida de futebol trazia à tona novos comentários e outras interações através do riso. Assim, os risos tomavam conta do ambiente. Em algumas situações um grupo destacava-se dos demais, formando uma roda de conversas e rindo continuamente. No bar **Galo**, o espetáculo era destinado ao dono do bar, sentado sozinho

⁷³ "Relações jocosas" é usada no sentido dado por Radcliffe-Brown (1965), como uma relação entre duas pessoas na qual algo por costume é permitido e em algumas instâncias exigido e onde fazer graça de outro é possível sem que o outro se sinta ofendido. Ver também Douglas (1966) e Coenen-Huther (1985).

em uma mesa. Esporadicamente, os presentes voltavam-se na sua direção e baixavam as vozes e os risos. *Olha o respeito*, diziam.

Começarei pelo riso, para depois procurar suas relações com os comentários sobre os corpos. De certa forma, há certa autonomia dos risos frente aos acontecimentos do bar. Isto pode ser explicado primeiro pela minha compreensão fragmentada das falas que se sucediam e sobrepunham rapidamente no espaço. Por outro lado, para meus informantes alguns comentários não faziam sentido, mas havia o consenso de que, entendendo-os ou não, se deveria rir. É como se o riso abolisse momentaneamente as distâncias entre os homens, estabelecendo uma relação de cumplicidade.

Bakhtin (1987) apresenta uma compreensão importante sobre o riso, propondo-se a entender a cultura cômica na Idade Média como uma criação popular⁷⁴. A situação do "riso ritual", que também percebo entre homens, revelaria uma vida festiva, paralela à seriedade do mundo e em contraposição a esta. O riso seria a expressão da percepção de uma dualidade do mundo:

O indivíduo parecia dotado de uma segunda vida que lhe permitia estabelecer relações novas verdadeiramente humanas com seus semelhantes. A alienação desaparecia provisoriamente. O homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre seus semelhantes. O autêntico humanismo que caracterizava essas relações não era absoluto fruto da imaginação ou do pensamento abstrato, mas experimenta-se concretamente nesse contato vivo, material e sensível. O ideal utópico e o real baseavam-se provisoriamente na percepção carnavalesca do mundo, única no gênero (Bakhtin, 1987:9).

Em várias de minhas entrevistas conduzidas no interior dos bares os assuntos e temas, por mim propostos, centravam-se em saber quem eram os homens além dos limites daqueles espaços: quais as suas atividades, como havia conhecido o bar, o

⁷⁴ Em diferentes autores há a referência, não desenvolvida, de que a cultura popular estaria relacionada a um saber arcaico e não necessariamente contraposto ao saber científico. Independentemente de tal associação entre a cultura popular e a cultura da Idade média ver Bakhtin (1987) para pensar os presentes dados etnográficos e não para definir os parâmetros da cultura popular. Sobre estas questões que envolvem a cultura popular ver Duarte (1986).

quanto o conheciam, e há quanto tempo. Nessas ocasiões, os assuntos propostos eram desviados pelos informantes e em pouco tempo estávamos falando sobre momentos festivos vividos dentro dos bares e no bairro, como os jogos e os carnavais. Estes são *o meu escape* como disse **Elton**, para em seguida completar: *o lado que é o melhor, que interessa*. Para meus entrevistados os bares são os locais onde a realidade do trabalho cede lugar à realidade do momento lúdico, expressando uma dualidade do mundo.

Estes momentos de encontros nos bares são tomados pelo riso, enquanto maneira unânime (ou desejada) de comportar-se ou **transbordar**. Podemos entender o riso para os homens nos butecos como:

...é geral; em segundo lugar, é universal, atinge todas as coisas e pessoas (...) o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é ambivalente, alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente". (Bakhtin, 1987:10).

O riso é provocado por fragmentos de piadas, parte de um repertório muito particular - algumas vezes foram meus assistentes que reconstituíram piadas e outras falas. Mas, assim como afirma Bakhtin, a existência de uma situação onde o riso toma conta não significa que as diferenças sejam eliminadas, estabelecendo-se um consenso. O riso é burlador da ordem e reconhecido como tal pelos homens, como evidenciam as situações em que procuram controlar-se em "respeito" aos donos dos bares. Algumas das brigas que acontecem nos bares eclodem exatamente nestes momentos festivos, onde aparentemente há o consenso. O riso, as piadas, estabelecem um jogo tenso. Tenso na medida em que comportam o sarcástico e podem instaurar a idéia de uma desigualdade entre homens. Assim, o riso é também um exercício de autocontrole, uma vez que conflita com a necessidade de *manter o respeito* através de uma atitude ativa que restabeleça a distância (e hierarquia) entre eles. Na perspectiva dos homens que ocupam os bares, estas situações vivenciadas *fazem parte da vida* e são de uma qualidade diferente daquelas que ocorrem

no trabalho. Nas relações entre patrões e empregados as distâncias são consideradas dadas e não há a negociação quanto a posições sociais, embora seja também importante *manter o respeito, ser respeitado*.

Há uma questão importante a ressaltar. O riso que toma conta do espaço do bar, este modo de expressão não é provocado unicamente pelas jocosidades. Ele, riso, aproxima e media a relação entre os homens. Se fôssemos pensar a partir do que meus auxiliares afirmam, o riso possibilitaria uma aproximação que normalmente os homens evitariam: a expressão de emoções entre homens⁷⁵. Mas como veremos no tópico seguinte, a evitar a expressão de emoções não significa aboli-las, é um dilema que se apresenta constantemente.

Raramente encontrei nas atitudes e falas entre homens a depreciação do outro, a ofensa direta. Quando isto acontecia, geralmente provocava imediatamente uma *briga*, que era mediada e terminada pelos donos dos bares. Nos bares, o "desentendimento" (*briga*) entre os homens não é algo constante. Eles evitam a relação direta, ou seja, uma opinião que deprecie o outro. Quando isto ocorre, é em tom de brincadeira, e o riso torna-se o mediador destas conversas e provocações. Desta forma, imediatamente o riso passaria a uma condição de viabilizador e elemento funcional a estas relações. A idéia que retive dos relatos de meus informantes é de que há o pressuposto de uma agressividade constitutiva dos homens que pode manifestar-se⁷⁶. Neste sentido é que o riso poderia ser entendido como funcional, partindo do pressuposto de uma agressividade constitutiva que os homens afirmam sobre eles próprios. É claro que reduzir este complexo à idéia de que eles riem para não se matarem não daria conta das outras implicações já referidas. Da perspectiva dos donos dos bares o riso é associado à *bagunça*

⁷⁵ Nas falas de alguns de meus assistentes, há um homossexualismo latente nas relações entre estes homens. Para mim, há a expressão de emoções que são conformadas socialmente no modo de acontecerem. A questão que eu retornaria a meus assistentes, e que só agora me ocorre, é se expressão de emoções e desejo pelo outro têm de ser necessariamente concomitantes.

⁷⁶ Ver Duarte (1987b), para ele, mesmo nas brincadeiras as agressões tangenciavam as vias de fato, e que estabeleciam um padrão de agressividade tolerável através do riso.

pré-condição para eclodir uma briga, ou seja exatamente o inverso do enunciado acima sublinhado.

Meus informantes puderam ajudar-me a entender o risco que pode estar em uma brincadeira com outra pessoa em um bar. Alguém predisposto a brigar poderia aproveitar a situação para dar início a uma briga - e a princípio **todos são disponíveis**. As exceções são as mulheres, tratadas de modo diferenciado, os donos dos bares ou crianças⁷⁷. Ou seja, os homens compreendem a agressividade como parte constitutiva de ser homem.

Existe uma série de significados envolvidos nas situações que envolvem o riso entre homens. Destacam-se as brincadeiras jocosas envolvendo os corpos. Através destas brincadeiras temos acesso ao modo específico pelos quais os homens, referem-se aos usos que fazem de seus corpos e, portanto ao **corpo masculino**.

No Bar **Arlindo** as brincadeiras, as jocosidades, são dirigidas basicamente aos meninos que atendem como garçons⁷⁸. Os gestos envolvidos indicam um aspecto importante da socialização destes meninos e da atualização de um repertório masculino. Durante os jogos de futebol assistidos nos bares, os meninos são alvos constantes das brincadeiras dos demais, e apesar disto permanecem sérios. A atenção dos presentes ao movimento do menino em serviço no bar, único a circular pelo pequeno espaço do bar atendendo as mesas durante a partida, é notável. Assim, indicam-lhe uma menina de sua idade que entra no bar. Com um sorriso o menino dirige-se até a sua mesa para atender o novo grupo que escolhe uma mesa, ele voltado para esta menina, mas defronte também ao grupo de homens. Outras vezes, tocavam repetidas vezes em seu ombro esperando sua

⁷⁷ No caso, eu era "ignorada", não é iniciada nenhuma conversa a menos que eu propusesse, ou quando eu estava acompanhada. Ver capítulo IV.

⁷⁸ O trabalho familiar ocupa grande parte da mão-de-obra nos butecos, não são muito freqüentes os empregados contratados. Os meninos e meninas são em geral parentes e afilhados que ajudam ou assumem tarefas em lugar dos donos podendo permanecer sozinhos atrás do balcão ou acompanhados pela mulher do dono. Há diferentes versões de porque isto ocorre, uma delas é de que estes acompanham a mulher do dono. Aqui destaco a relação destes meninos com outros homens para fazer emergir as brincadeiras corporais.

reação. Ele permanece no seu lugar, parado e sério, se afasta depois de sofrer as brincadeiras e os homens comentam que ele não entrou em atrito, *sabe brincar*. Um homem sentado gesticula, batendo com as mãos nas pernas, e ri para o menino pede para que ele sente sobre seus genitais. O menino retribui com apenas um olhar e um sorriso, caminhando para o lado oposto ao homem.

São brincadeiras corporais que provocavam risos entre homens. Para Bakhtin (1987) "o riso popular que organiza todas as formas do realismo grotesco, foi sempre ligado ao baixo material e corporal. O riso degrada e materializa" (1987:18). No caso dos homens nos bares o riso relaciona-se a atitudes onde o gestual não é meramente derivado, mas uma fala importante entre eles⁷⁹. No caso acima descrito, e em diferentes momentos, é ao baixo corporal, que os homens se referem nas brincadeiras; *senta aqui* (chamado), *falta culhões* (coragem, forças),...*tem rabo* (tem sorte) onde o genital masculino é considerado o lócus de sua força⁸⁰.

As situações que envolvem os meninos, descritas acima, evidenciam diferentes significados relacionados à socialização do menino entre homens. Através das diferentes solicitações e expectativas que a ele são lançadas podemos perceber alguns dos referenciais sobre masculinidade. Primeiro que ele, por exemplo, *tome atitude* frente à menina que entrou com um grupo no bar, que ele a aborde. Expectativa que ele atende imediatamente. Segundo, que ele reaja (ou não) às brincadeiras e provocações de outros homens, exercendo um autocontrole. No caso, o menino é constantemente solicitado a posicionar-se, e por fim é chamado a sentar-se nos genitais de um dos homens (restabelecendo a ordem onde ele é menino e não homem). Ou, por outro lado, lhe propõe publicamente que assuma papel passivo, o que ele não faz. Nestas diferentes solicitações e

⁷⁹ Sobre o uso dos corpos e gestos como forma de expressão em classes populares ver Petonnet (1977).

⁸⁰ O que está entre parênteses é uma tentativa de relacionar outros significados; não pretendo mais do que contextualizar os momentos quando são usadas as expressões, já que a tradução não seria possível. A respeito da associação entre genitais e força masculina ver também Brandes (1980).

situações o baixo corporal assume um local importante na construção da masculinidade, já que é através de seus usos os homens se constrói como *ativos* ou passivos vistos como homens. Ou seja, o que se indica pelos gestos e solicitado ao menino é que se sente sobre os genitais do homem, é que seja *comido*, seja passivo e não *ativo*⁸¹:

No contexto brasileiro, a associação entre o ato de comer e o ato sexual é imediata, e é firmemente estabelecido na linguagem que trabalha em um nível metonímico, não em um nível metafórico. (Leal, 1989:255).

As brincadeiras corporais envolvem os corpos de um modo específico. É com relação ao baixo corporal que ser ativo ou passivo adquire concretude. As brincadeiras acontecem através desta topografia que relaciona alto e baixo, *cabeça* e *força*, englobada pelos parâmetros onde ser *ativo* ou passivo adquire valor positivo e negativo, respectivamente. Nas brincadeiras corporais, através da referência aos usos dos genitais, de forma passiva ou *ativa*, os homens são avaliados em sua masculinidade. O interessante é que só é ressaltado verbalmente quando o sujeito é *ativo*. Quando ocorre o contrário, ele não é um homem passivo: não é considerado homem.

Entre as conversas dos homens que freqüentam os bares há uma topografia do corpo que o segmenta. O corpo é referido como uma metáfora da masculinidade, sendo que o baixo corporal concentra as *forças*. Esta topografia pode ser percebida através dos comentários sobre os jogadores de futebol, por exemplo. São divididos e avaliados entre aqueles que *usam a cabeça* ou que usam a *força* e desta forma analisados em sua aptidão.

As discussões sobre os jogadores de futebol, por exemplo, remetem a estes diferentes usos dos corpos através das formas de atuação no futebol pela *força* e/ou *técnica*. Um dado interessante é que os comentaristas esportivos dos meios de comunicação ressaltam e segmentam as qualidades dos jogadores utilizando-se de

⁸¹ A este respeito ver Fernandes (1982) em sua pesquisa entre "Os cavaleiros do Bom Jesus", uma romaria de caráter religioso onde somente homens podem participar. Descreve uma série de rituais de iniciação onde a identidade masculina deve ser conquistada pelo papel ativo entre homens, o ato de comer ou ser comido define a gramática das brincadeiras entre os homens.

categorias muito próximas. No caso dos jogadores fica mais claro que *força* não significa somente potência física, pois este é um ponto de partida para qualquer jogador. Força relaciona-se a outros atributos masculinos destacados pelos homens nos bares - *raça, coragem, aproveitar oportunidades, vontade* - enquanto a técnica relaciona-se com o *usar a cabeça*. Não são categorias equivalentes, mas reconhecidas dentro deste sistema de oposições.

Assim, é freqüente que os homens avaliem a si e a outros homens e a si a partir destes valores que têm o corpo como metáfora. Através do corpo é possível visualizar os modos considerados adequados de conduzir-se e constituir-se enquanto homem. O fato de um dono de bar não ter prosperado é porque ele *não usa a cabeça*, ou seja, *não sabe o que quer*, é indeciso. Usar a *força, raça, ser arrojado*, diz respeito a quem usa o corpo *para se impor*. Desta forma, os homens só se constroem socialmente, *só se faz na vida*, quando são percebidos como *ativos*, quando *se impõe*. De certa forma, existem dois modos distintos e mesmo concorrentes de perceber-se masculino: pela *força* ou pela *cabeça*. Portanto, explica-se por que as discussões entre homens nos bares se recoloquem constantemente, não se esgotam nem chegam a um consenso entre estas duas formas. São formas "concorrentes" como duas aptidões naturais e excludentes que *os homens têm*. Concorrentes, na medida em que cada categoria aciona uma acusação específica. Há aquele que joga com a *cabeça* e, não com um estado de animalidade. Há o que joga com a *força*, que não é fraco ou delicado (afeminado). Assim, eles discutem através dos usos do corpo como um homem deve portar-se e construir-se. Estas categorias estão imersas em um sistema de referência onde o indivíduo para constituir-se homem, e ser reconhecido como tal, tem de ser *ativo* frente aos outros.

3.2.2. O Corpo Masculino.

Tudo parece ser notado no pequeno espaço do buteco. Um de meus informantes chamou-me a atenção para isto como uma das atitudes comuns aos homens nos bares. A princípio ninguém parece estar interessado na presença dos outros, em saber de quem se trata. Mas, segundo observo também, tudo é notado por um breve olhar, que começa na escolha dos locais para sentar e se estende às pessoas que se encontram no local.

De certa forma, é como se todos estivessem situados, por exemplo, através dos uniformes e aventais utilizados, que tornam possível identificar as atividades a que cada um se dedica ou empresas em que trabalham. Muitos vão ao bar com as roupas usadas no trabalho, aventais, cintos de ferramentas, etc. Um homem com um telefone sem fio o coloca sobre a mesa de fórmica (um telefone muito pouco usado), enquanto assiste a uma partida de futebol pela televisão. Antes de sentar, chama a atenção de um rapaz uniformizado para que ele retorne logo ao trabalho. Através deste pude saber que o primeiro era comerciante e que usava constantemente o telefone para fazer compras para a sua empresa e aquele que trazia o telefone sempre consigo, era seu patrão. Há também os aposentados e *encostados* que permanecem nas mesas durante a tarde, reunidos para conversas. Nos gestos e objetos pessoais é possível mapear o público no interior dos bares, também é possível perceber que os próprios homens sabem quem são os demais frequentadores, seu *ofício* e posição social. Mesmo entre homens cujos gostos eram compartilhados, eu percebia uma série de distinções nos modos de vestir e os cuidados corporais. Diferenças que não eram mencionadas entre eles, mas ficava evidente uma similaridade nos pequenos núcleos de conversas.

Sandro tinha como apelido, dado pelos outros homens, o nome de uma personagem pobre de uma novela. Usava um gorro gasto, tinha dentes escurecidos. Bem mais velho que os outros homens, era o guardador de carros da rua defronte ao bar. O

modo como se vestia e a aparência de seu corpo contrastava com outros homens. Usava roupas muito velhas e gastas. A princípio, a atenção àquelas diferenças poderia ser apenas um preconceito meu. Em uma das conversas no bar **Toninho**, **Alberto** perguntou se meus dentes eram de verdade, desculpou-se em seguida e disse que os meus dentes eram uma *chapa*, como os dele. No bar **Toninho**, **Carlos** contestou **Elias** que afirma ter sido jogador de futebol. **Carlos** disse que para ser jogador *tem que ter marca no corpo*, e se comparava mostrando um dos dedos de tamanhos diferenciados, comparando suas próprias mãos, e indicando todas outras *marcas* que tinha no seu corpo. No final, mostrou que o outro não tinha *marcas*. Assim, através dos corpos, não só dos dentes, mas a barba feita, os cheiros e outras *marcas* é possível entender os modos sutis dos homens diferenciarem-se no interior dos bares.

Não era só a veracidade da história de um - que dizia ter sido jogador de futebol - o que estava em questão era que para ter sido jogador (um homem) deveria ter *marcas no corpo*, como provas de sua coragem. Sobre si dizia, *apanhei muito, mas também bati*. Assim, as marcas mostradas por ele, que poderiam ser decorrentes de acidentes de trabalho, tornavam-se naquele momento, emblemas de sua *coragem*, provas de sua atitude masculina (contrapondo-se a do outro) ⁸².

Em outras circunstâncias também percebi que a aparência física demarcava as diferenças entre os homens. Não é comum esta referência explícita. Foi preciso a minha participação nas conversas para que as distinções corporais aparecessem de forma verbalizada. Mas, de uma forma diferente da que eu esperava - como distinções entre frações de classe -, o que discutiam através da presença ou ausência de *marcas* nos corpos era a apresentação de um corpo masculino. Ou seja, nas distinções entre os homens não preponderavam os conteúdos que eu a princípio imaginava: sobre elas eram negociados outros significados, relacionados à igualdade entre homens, sobre os pressupostos de um

⁸² Retornarei a este exemplo no tópico dedicado aos jogos e desafios verbais.

corpo masculino que se configura por parâmetros comuns que estão na base de uma cumplicidade masculina:

Não é somente em pensamento que a oposição entre as classes trabalhadoras e as classes dominantes (especialmente frações dominadas destas) são organizadas por uma analogia com a oposição entre masculino e o feminino, isto é, através de categorias de forte e fraco, o gordo (grosseiro) e o magro (fino), e assim por diante. Então, assim como percebem (classificam) a comida, as classes trabalhadoras (sem dúvida o homem antes que a mulher) se vêem como opostos a outras classes, assim como se opõem às mulheres. (Bourdieu, 1984: 382).

O corpo se torna também, um "operador prático" das conversas entre homens. Deste modo, entendo o corpo não somente como um suporte de papéis, mas uma matriz de símbolos e objeto de pensamento⁸³. Para os homens nos butecos, ele deve ser *forte* e ter *marcas*; enfim, ele é uma das falas privilegiadas a respeito de como um homem deve ser. Isto não implica que esses homens admitam um tratamento especial a seus corpos, o que seria na perspectiva deles, um corpo cuidado sinônimo de um corpo afeminado. Mesmo um homem que aparece no bar com um boné novo é motivo de brincadeiras dos demais, que ressaltam que ele *tá muito bonito, aonde ela vai?* Entretanto, todas estas manifestações demonstram, de alguma forma, cuidados (descuidados) com a apresentação dos corpos masculinos.

Desta forma, as distinções entre homens ocorrem na mesma medida em que há uma negociação que busca a igualdade nos gostos masculinos. Os butecos, sua organização e apresentação estética, metaforicamente, demonstram estes gostos masculinos pelo gorduroso e "descuidado". No entanto, a cumplicidade entre homens nos butecos se organiza a partir destes gostos, através de uma imagem corporal e usos do corpo, que evidenciam os modos apropriados de mostrar-se dentro destes referenciais de masculinidade.

⁸³ Esta discussão é desenvolvida conjuntamente por Seeger, DaMatta e Viveiros de Castro (1987) e Bourdieu (1990).

3.3. Atitudes de Homem entre Homens.

Próximo ao horário das 18 horas, começa a chegar, no bar Arlindo, homens com paletós sobre os ombros e pastas de executivo. O público se torna um pouco mais heterogêneo. Os subgrupos se tornam mais visíveis. Como é este o momento de maior fluxo de pessoas no bar, é comum que, já da porta do bar alguém não só procurem um lugar para sentar, e também os homens que lhe são conhecidos. Da porta dos bares faz-se uma breve pesquisa do que ali acontece, pergunta-se por alguém para o dono do bar.

Verifico que alguns clientes não só vão ao bar regularmente, mas também ocupa sempre o mesmo banco, a mesma cadeira, o mesmo espaço no balcão. Há uma espécie de "rotinização" do momento nos butecos. Três homens negros se encontram todas as noites junto ao balcão do bar Arlindo. O balcão é o espaço mais próximo ao dono do bar, mas isto não faz com que tenham uma atenção especial. Ele "escolhe" seu grupo de amigos entre os praticantes do jogo de sua preferência, todos brancos como ele.

Os donos dos bares, de certa forma, escolhem o que consideram seus freqüentadores habituais para que eu entreviste. Estes conversam animadamente e mobilizam a atenção do dono do bar. Em muitos casos, o critério dos donos dos bares exclui freqüentadores que os percebo como tão ou mais assíduos aos bares. Ser *freqüentador* de um bar é algo relativo à rede de relações em que um homem se encontra inserido e não depende somente de uma presença constante.

Quem exerce esta classificação de modo mais visível são os donos dos bares, seja no controle das contas e dos comportamentos dos homens no bar, seja no atendimento especial a um ou outro freguês: Marcelo diz para o garçom *arrumar a mesa do Seu Júlio*. Apontar quem são seus *amigos* e quem frequenta seu bar é também uma maneira do dono do bar apresentar-se. Na ótica do dono do bar, a classificação distingue em sua rede de relações, aqueles que são dignos de *confiança* e *de respeito*. Além disto,

em geral os escolhidos apresentam com ele algumas afinidades quanto a preferências por jogos ou temas a conversar.

Marcas de distinção como estas também estão presentes no modo como o dono trata o espaço do bar. Neste sentido, há muitas diferenças entre os bares. **Edgar** acredita que a aparência do bar seleciona a freguesia: fórmicas bem limpas, toalhas na mesa envoltas em plástico transparente, o chão varrido e lavado após os horários de refeições. As prateleiras agrupam as qualidades de bebidas e as marcas. Por outro lado, em outros bares há também uma clientela fixa sem que haja os mesmos cuidados.

Os objetos dispostos nos bares são cuidadosamente escolhidos, cada um com uma história específica - um presente de alguém, um momento especial: um troféu expondo a vitória de um grupo de amigos que pratica futebol e se reúne no bar, uma flâmula do time de futebol, suas fotos quando halterofilista, etc. Toda a descrição e comparação, mesmo feita de modo breve, sobre as diferenças entre cada bar demonstrariam as relações que o local tem com seu público e que aspectos o dono privilegia, mas eliminaria (nos limites deste texto) a riqueza e especificidade que cada buteco adquire para seus usuários.

De modo pouco comum a outros locais, no bar do **Álvaro**, por exemplo, é o dono quem recebe e se despede dos fregueses na porta, que permanece trancada. É ele quem explicitamente escolhe seus fregueses. O bar funciona de portas fechadas (trancada às chaves) e confidenciando para os fregueses uma senha para o ingresso no bar. Ele imprime o ritmo e o tempo de espera para o atendimento dentro do bar. Uma cerveja pode demorar mais de cinco minutos para ser servida. O cardápio e o pedido são frutos de uma conversa do dono na mesa do cliente. Para outros donos de bares, **Álvaro** *é meio louco, lutou em uma guerra, não?*

Seu bar é uma exceção no universo dos butecos, por trabalhar de portas fechadas, mas fornece um bom exemplo do quanto o dono do bar escolhe seus fregueses e é escolhido por estes. A justificativa dos donos dos bares sobre seu trabalho é de que

trabalham ali *para poder reunir os amigos, ou para não deixar fechar o bar do Seu Giovanni, ele já se aposentar e o filho não queria seguir no negócio*⁸⁴. De certa forma, o dono do bar seleciona e exerce um controle sobre seu público ao diferenciar o tratamento entre os clientes. Não é algo muito difícil, e para isto ele se utiliza do jornal e a partir das notícias do dia percebe as opiniões do público a fim de saber, enfim, *o que o pessoal acha*.

Percebo o exercício de uma classificação quanto aos gostos e opiniões dos fregueses. Os donos de bares exercem esta classificação no trato com os fregueses, extraindo deles desde o *ofício*, até suas preferências políticas ou opiniões quanto aos assuntos atuais. O jornal é um meio para isto. O que mais circula entre as mesas é o caderno de esportes e de notícias locais, que ou são solicitados ao dono do bar ou oferecidos por ele.

São objetos como esses que aproximam ou põem em relação aos frequentadores. Os butecos são uns espaços que, mesmo demarcado, exerce um fascínio pelo inesperado. Não posso deixar de considerar que alguns bares da região deste estudo são dados como pontos de encontro de *grupos de jovens violentos* ou de *traficantes*. Este seria um dos elementos desafiadores apontados por meus informantes.

Convivendo um pouco mais com os bares pude notar o quanto o espaço é controlado e normatizado. O dono do bar **Arlindo** é um exemplo. Senta-se no final do balcão, com visibilidade tanto para os homens no bar tanto quanto eles têm da televisão, fica abaixo do suporte da televisão. Em uma das situações, conversei algum tempo, eu estava de costas para o resto do bar. Durante a conversa o olhar do dono do bar estava atento ao que acontecia, desde o que era servido às mesas até quem havia chegado ao bar.

Como em outros bares, a esposa atende atrás do balcão. Cada pagamento recebido ela comunica ao marido, que controla as finanças e os outros homens como

⁸⁴ **Vilson** diz que resolveu trabalhar por conta própria quando ficou desempregado com a extinção da empresa Cobal. Agora afirma que trabalha para si, não tem patrão e que trabalha para reunir os amigos. Trabalha todos os dias da semana, das 7 horas da manhã até à noite e mora em Viamão.

evidencia os olhares do proprietário por cima de meu ombro em nossa conversa e os cochichos de sua mulher conosco sobre quem pagou a conta. Um controle que se impõe, no caso, pela presença estratégica de um *homem para se impor*. Desta forma, não é somente um olhar disciplinador, mas um olhar posicionado dentro do bar como aquele que *impõe respeito*. Aquilo que chamo de controle, sobre o espaço e eventos que ocorrem no bar reside na atribuição pelos homens nos butecos, de *respeitabilidade* ao dono do bar. Uma respeitabilidade considerada necessária do ponto de vista da esposa do dono do bar. E, no caso, referida a outros homens. O respeito e a honra residiriam no chefe da casa, no dono do buteco, como aquele que "domina" o espaço.

Esta produção de homens por outros homens se dá através desta gramática da honra em diferentes dimensões. Depende das atitudes e imagens que os homens constroem com relação a outros, seja através dos risos excessivos no interior do bar, seja nas regras de como brincar, com que *brincar*, o tempo previsto para beber e o momento de parar de beber. Desta forma, o controle exercido sobre o espaço pelos donos dos bares faz parte das expectativas de uma atitude masculina, de *impor o respeito*, que expressa o construir-se enquanto homem nas relações com outros homens nos butecos.

O trabalho de Bourdieu (1979), Knudsen (1988), Pitt-Rivers (1977), entre outros, demonstra que um sistema cultural baseado na honra/respeito estabelece uma diferenciação entre os sexos onde a honra de um homem depende da pureza ou vergonha feminina. Em outras palavras, as construções de gênero são relacionais⁸⁵. Outro aspecto se encontra destacado pelos autores, é de que a honra é reclamada e envolve um papel ativo do homem. De certa forma, uma das atitudes das mulheres que incidiriam sobre a honra de um homem seria o de transformá-los pela "traição", em um ser passivo, sem virilidade, um

⁸⁵ Para Pitt-Rivers (1977) o sistema define uma pessoa com vergonha como aquela que não se expõe a humilhação. "A honra é a aspiração e a validação da posição, enquanto que a vergonha, oposta à honra, é a limitação dessa aspiração (timidez) e também o reconhecimento da perda da posição". (1977:47). Ver também Duarte (1987a) e Fonseca (1988).

*cornudo*⁸⁶. Esta é uma perspectiva que não pode ser abandonada sobre a definição e **aquisição** de honra entre homens. No entanto, ainda nesta perspectiva, um homem *cornudo* equivale a um homem passivo, significa uma transformação simbólica do homem em uma mulher. A atitude ativa da mulher apresenta um mundo invertido, onde o homem é transformado em homem passivo, em *cornu*. As mulheres se tornam um *perigo* à virilidade masculina:

Não espanta, então, que o homem tema tanto sua mulher: por um ato de infidelidade, um ato a respeito dos quais todas as mulheres são ditas naturalmente inclinadas, uma esposa pode privar seu marido de sua preciosa masculinidade e indo mais adiante convertê-lo simbolicamente em um membro do sexo feminino. (Brandes, 1980:91).

Deste ponto de vista, os homens se tornam homens e podem perder sua masculinidade, ou, como ouvi freqüentemente nos bares, *um homem tem de se fazer na vida*. No entanto, esta percepção, transposta às relações nos bares tende a segregar simbolicamente, e às vezes espacialmente, a "metade perigosa"⁸⁷. A afirmação é dúbia, um homem tem de fazer-se e se fazer na vida. É como se os momentos lúdicos investidos nos butecos criassem um outro nível de construção da masculinidade onde há uma "autonomização" dos homens em relação às mulheres. O *respeito* tem de ser conquistado, de tal forma que um *elemento* deve tornar-se homem através de outros homens.

3.3.1. Tornar-se Homem.

As brincadeiras, os momentos festivos, fazem parte do que pode ser percebido como o "desejável" para os homens nas relações estabelecidas nos bares. Todavia, nem todos os momentos transcorrem assim. As brigas não são tão freqüentes,

⁸⁶ Ver Fonseca (1990).

⁸⁷ O termo é utilizado conforme Balandier (1976).

mas quando acontece se transformam no assunto principal do dia. Várias versões são produzidas, os envolvidos são avaliados e o acontecimento torna-se conhecido por todos aqueles que passam pelo buteco, mesmo que permaneça pouco tempo. Os conflitos que acontecem são solucionados geralmente pelos donos dos bares, que estabelece como vimos o controle mais visível sobre o espaço. Presenciei alguns episódios que foram controlados pela intervenção corporal, inclusive (dos donos dos bares) nos quais os demais fregueses não interferiam.

Como já assinalei, as brigas estão entre as atitudes esperadas entre homens. Reconhece-se uma agressividade latente que é considerada como constitutiva de todo o homem. Estes conflitos, portanto, não estão entre os fatos que desagradam inteiramente os homens, pois fazem parte mesmo de um espetáculo a ser comentado. Há, por outro lado, falas e atitudes que desagradam os freqüentadores deixando transparecer uma série de dilemas comuns da constituição social da masculinidade. Algumas dessas falas e atitudes são *ignoradas*; outras, condenadas expressamente como indesejáveis.

Os usos das bebidas alcoólicas se relacionam e este problema. Os bêbados ou *gambás* que freqüentam os butecos formam uma clientela que, mesmo não sendo numerosa, é constante. É difícil saber quem é bêbado, na medida em que todos bebem e que um grupo qualquer de homens freqüentadores pode ser chamado como *gambazeada*. Beber não é a situação indesejada, pelo contrário, mas há diferentes usos das bebidas. Na perspectiva dos homens que ocupam os butecos, há uma definição bem precisa sobre aqueles que se "excedem" na bebida - *o bêbado é aquele que incomoda*. Ou seja, a princípio o bêbado é definido pelas suas atitudes; não é a bebida que configura um bêbado, mas sim suas atitudes impróprias. É bêbado aquele que tem atitudes inadequadas entre homens, que *fala alto*, que *chama atenção*, ou que *tem de ser carregado* por outros.

Um bêbado no buteco gera uma tensão entre os homens; em geral os donos dos butecos suspendem a venda de bebida alcoólica para ele. O homem pode afirmar ter dinheiro, que paga pela bebida, mas as atitudes dos donos dos bares vão desde a

suspensão do atendimento até persuadi-lo/ameaçá-lo a sair/retirá-lo do buteco. Os demais fregueses, em geral, *ignoram* a presença do bêbado e não respondem quando interpelados; ou concordam com gestos, tentando afastá-lo.

No bar **Martins** fui questionada por um homem sobre minha identidade. Eu fotografava naquela ocasião uma reunião de homens que tocavam música no bar. Um homem embriagado perguntou-me *de que rádio eu era*, respondi que fazia uma pesquisa para a universidade e que não era de nenhuma rádio. A princípio causou-me estranheza a pergunta, pois eu fotografava e não gravava⁸⁸. Ele insistia para que eu mostrasse alguma credencial enquanto os outros homens faziam gestos para eu não falar com ele. Numa ocasião como esta, em que a ética do pesquisador é afrontada pela situação de pesquisa, não pude satisfazer nem a curiosidade do homem que me interpelava, nem a orientação por gestos dos demais homens para que eu não falasse com ele. Muito menos minha necessidade de revelar a qualquer entrevistado minhas intenções de pesquisa. Por outro lado, foi a situação em que ficou mais evidente a premissa dos homens de que com *bêbado não se conversa*.

As acusações a estes bêbados são geralmente a de que eles *não sabem beber*, e saber beber é considerado um atributo masculino que condiciona a ingestão de bebidas alcoólicas a ponto de não afetar seu autocontrole. A bebida seria como enfatiza Bastos (1990), um "aglutinador da comunidade masculina"⁸⁹. Em seu estudo etnográfico sobre a Farra do Boi, o autor afirma que:

...a resistência a grandes quantidades de bebida, sem embriaguez imediata, parece constituir-se num valor de coragem e bravura - quanto mais beba um homem e, simultaneamente, quanto mais ele pareça não distanciar-se do autocontrole, mais ele será valorizado, epicamente. (Bastos, 1990:42).

⁸⁸ Como pude notar durante a pesquisa, a referência ao rádio, mais que ao jornal e televisão, é constante e importante fonte de informação para estes homens.

⁸⁹ A este respeito ver Bernard (1986).

Muitas vezes encontrei homens recostados em balcões, muito quietos, com olhos vermelhos, como se estivessem medindo seus gestos para não denunciarem sua embriaguez. Estar descontrolado e fazer *bobagens* são atitudes repreensíveis pelos demais. Nos butecos é comum a acusação do descontrole do outro, *o pessoal moço é que bebe, e a velharada dá vexame*.

Na perspectiva dos homens nos butecos, o autocontrole daquele que bebe se atesta e se mede no fato dele não afetar os outros. O excesso associado ao lugar, por alguns informantes, está subordinado às reciprocidades entre os homens. *Beber junto* é o indicador de que alguém é *companheiro, meu amigo*. Podemos levar mais adiante o paralelo com as sociedades centradas na honra masculina. Enquanto que naquelas há uma associação entre o leite e o sêmen como fluídos que sustentam ou criam a vida, o alimento masculino nos butecos é a bebida alcoólica considerada uma das substâncias que sustentam o corpo masculino. Uma bebida para os homens, é algo que reproduz socialmente, e entre homens, a virilidade.

Em um local onde a venda de bebidas alcoólicas predomina em relação a outros produtos, o controle social sobre seu uso torna-se ostensivo. Aquele que bebe sozinho, em um horário onde todos estão tomando o café da tarde, costuma justificar-se publicamente: Se está bebendo um refrigerante de laranja misturado a cachaça, diz que *não bebe cachaça pois não é bêbado, que a bebida é importante, mas que demais faz mal*, etc.

Em tom de brincadeira, geralmente, a bebida é considerada um perigo, ao mesmo tempo em que é identificada como *remédio* ou *alimento*. Em muitos casos, o trocadilho proposto substitui a *cachaça* pelo *leite* e se pede ao dono do bar um *copo de leite*. A brincadeira é imediatamente entendida, e é servido um copo de cachaça. Há uma valoração positiva, como já mencionei, na associação da bebida alcoólica a um transbordamento, um estado especial de reciprocidades e cumplicidades. Paralelamente, há um controle social da sua ingestão: os homens têm de *saber beber*. Para os donos dos

bares, um problema se coloca no dia-a-dia, já que têm a bebida (e a consideram) como sua principal fonte de renda: eles e os atendentes têm de aprender a lidar com os bêbados, *a se impor*, enquanto os demais fregueses aprendem a *ignorar* as conversas dos que se excedem e são considerados bêbados.

De certa forma, nas relações estabelecidas entre os homens, eles buscam se diferenciar dos bêbados, apesar de todos beberem e considerarem este um ato positivo e masculino. Isto, dentro da concepção dos homens nos butecos, não é contraditório: é uma situação tensa, que tem de ser equacionada dia após dia. A morte de um amigo por cirrose, por exemplo, é tratada como surpreendente, pois ele não era considerado um bêbado - no caso, a pessoa considerada *doente*, reincidentemente hospitalizada, era sua mulher e não ele. O bêbado de certa forma é reconhecido como doente, mas os limites entre estar embriagado e ser bêbado dependem do reconhecimento dos demais frequentadores dos bares. Contrário a avaliação dos demais fregueses, para o dono do bar, a morte do cliente em questão *só podia ser de cirrose*.

Nas relações entre os homens nos butecos, os momentos festivos estão via de regra, acompanhados da ingestão de bebidas alcoólicas. Na visão de meus informantes, nos butecos ocorrem momentos em que os homens *brincam como se fossem meninos*, que estariam livres de suas responsabilidades, em liberdade, uma situação de transbordamento. Isto converge, até certo ponto, com a perspectiva expressa pelos homens, segundo a qual o bar é um *escape* do cotidiano, da dualidade do mundo. Mesmo assim, há perspectivas distintas entre grupos que ocupam os butecos.

Uma das versões foi mais bem exemplificada para mim por **Marcelo**, mostrou-me a relação entre um menino (cliente) e o garçom que atende o bar **Arlindo**. Haveria uma condição de igualdade entre homem e menino. **Marcelo** ressalta que **Elomar** - o garçom - *não se abaixa para falar com o guri*, o que se torna marcante devido à altura do garçom (ele tem mais de um metro e oitenta de altura) com relação ao menino. Outro indicador seria o fato de que garçom e o menino negociavam botões de jogos de futebol

de mesa, um jogo considerado próprio para meninos e não para homens por alguns dos fregueses não participantes⁹⁰. No entanto, no decorrer de minha pesquisa percebi que as diferenças entre velhos e moços é tornada evidente nas falas dos homens, de modo contrastivo, e não, absoluto. Em termos de masculinidade, há uma igualdade pressuposta, mas a experiência e/ou *força* dos homens são percebidos como diferenciados, enquanto uma hierarquia organizada através da "experiência" acumulada pela idade⁹¹.

Desta forma, na primeira versão, meus informantes revelam suas queixas sobre a dificuldade de "ser homem". Nas relações estabelecidas nos butecos haveria o espaço para atitudes livres da responsabilidade do dia-a-dia. Mas, para a maioria dos homens, esta distinção entre menino e homem constitui-se em um problema que não se beneficia de uma liberdade momentânea das responsabilidades diárias. Esta é uma questão que não diz respeito somente a uma indefinição de faixas de idade. Relaciona-se a um modo específico de tornar-se homem frente aos demais, conquistar um tratamento adequado e *de respeito*.

No bar **Princesa**, **Milton** (entre os 50/60 anos), dirige-se ao balcão afirmando: *eu não nasci para ser muleque, eu sou é homem*. Ele não tinha dinheiro para pagar sua bebida e se considerava cliente habitual do bar. A faixa de idade torna-se importante para entender a expressão que ele utilizou, já que era um tratamento diferenciado o que este homem reivindicava. Nos butecos, as diferentes faixas de idade não podem ser negligenciadas. Podemos entender os butecos como importantes locais de

⁹⁰ Esta questão será detalhada mais adiante.

⁹¹ Conhecer outros lugares faz parte desta experiência acumulada. É um tema comum entre os homens as viagens a trabalho. Por exemplo, em uma conversa enquanto um dos homens dizia trabalhar em Canoas, outro dizia conhecer Gramado e um terceiro dizia ter uma irmã que morava na cidade de Gramado, todas as cidades a poucos quilômetros de Porto Alegre. A dinâmica das conversas traziam entre seus temas o "conhecimento" e "experiência acumulada" destes homens que os diferenciavam entre si. Em um bar um dos homens disse que uma flâmula exposta no bar tinha sido presente de um amigo que havia ido a São Paulo, a mesma flâmula eu encontrei no centro da cidade. Ou seja, as viagens (verdadeiras ou não) eram também marcas de distinção. Em termos de faixa de idade elas demonstravam uma experiência acumulada e um valor a ser respeitado.

socialização de meninos. Mas este exemplo ilustra situações comuns de uma reivindicação *de respeito* frente ao grupo, em que as idades são próximas. Ou seja, o reconhecimento de outros de sua posição social.

Contrariamente à visão de alguns de meus informantes, de que nos butecos há um momento em que os homens se tornam meninos e experimentam uma certa liberdade, para a maioria dos homens o espaço dos butecos é um dos locais onde constroem sua auto-imagem, se constroem como homens. Esta é uma das dimensões do *fazer-se homem*, significa *conquistar* uma situação *de respeito*. Ser tratado como *muleque* indicaria para um homem que ele não se constituiu socialmente como tal, seria uma perda de atributos. Não corresponde exatamente à idéia de ser infantilizado, mas de ser tratado como um homem desprovido de uma qualidade que o constitui socialmente, *o respeito*.

Este exemplo evidencia o quanto à condição de homem é estabelecida através de um tratamento especial e diferenciado baseado no *respeito*. Um atendimento que demarca entre os homens a proximidade com o dono do bar e, com quem beber. **Milton**, no caso, mostrou-se *ofendido* quando outro homem ofereceu-se para pagar sua bebida. Na maioria das situações, isto pode ser percebido ao mesmo tempo como uma gentileza e/ou a prova de sua incapacidade de pagar sua própria bebida. Aceitá-la, indica, entre outras coisas, que um homem está sendo *sustentado* por outro. Isto é considerado ofensivo, pois configura a situação de desigualdade entre os homens, desonra, e por fim a necessidade de restabelecer a honra que foi abalada. Dependendo de quem ofereça, portanto, um homem permitirá ou não, que sua bebida seja paga por outro, já que não tem dinheiro. No caso em questão, o freguês reivindica o reconhecimento, por parte do dono do bar, de sua posição *respeitável* entre os clientes. O dono oferece a ele uma bebida dizendo que *é por conta da casa*.

Nos bares, como regra geral, cada homem paga sua bebida, mesmo que eles estejam em grupo. Pagar sua própria conta não é somente uma rotina dos bares, mas uma questão importante quanto à sua auto-imagem de autonomia e *respeito* de um

homem⁹². É comum que, em um grupo, um dos homens se disponha a pagar a conta ou oferecer-se a pagar a bebida dos demais. Isto acontece, normalmente, quando bebem cerveja. Mas, isto também ocorre em momentos considerados muito especiais. A cachaça e os destilados vendidos em copo, por copo, são bebidas individuais. Nos momentos festivos nos bares, quando todos conversam entre si ou comentam partidas de futebol, pode acontecer de homens trocarem copos - onde o brinde consiste em beber a bebida do outro. No caso das contas, há uma negociação rápida baseada na *generosidade*. Demorar-se nestas discussões pode ser entendido como uma atitude egoísta e alguém pode ser acusado pelos demais de preocupar-se com dinheiro, de ser *mesquinho*.

Estes acontecimentos faziam-me perceber uma das razões de eu ter a bebida paga por muitos de meus assistentes de pesquisa, mesmo quando já tivesse sido combinado que, em se tratando de uma situação de pesquisa, eu pagaria a conta. No momento em que entrávamos nos bares, é como se nos adaptássemos às novas regras. Muitas vezes ficamos certos de que burlávamos alguma "regra" do bar, ou pelo menos as expectativas dos homens, quando eu pagava uma conta. Neste caso, a lógica acima descrita evidencia que ter a sua conta paga por outro tanto pode significar um gesto a ser retribuído entre homens, ou a indicação pública que um está sendo *sustentado* por outro, uma situação de desigualdade e desprestígio (não, para uma mulher). O garçom do bar **Niterói** comenta: *tô até envergonhado por vocês* (quando eu pagava contas) dizendo em seguida, mas *hoje em dia tudo é assim, virado*.

Entendo tais situações como uma reivindicação pública: a "queixa" masculina é uma reivindicação da honra, que busca provocar uma resposta de outro homem⁹³. O dono do bar **Princesa**, por exemplo, foi "obrigado" a responder a reclamação do cliente servindo-lhe uma bebida. O que fica exemplificado por esta situação é que as

⁹² Isto não elimina a existência, por parte dos donos, de muitas histórias de fregueses que romperam sua confiança, não pagaram dívidas, passaram cheques sem fundos, etc.

⁹³ Muitos dos dilemas de falta de salário, desemprego, o bom político, são traduzidos nesta gramática onde se reivindica uma posição social associada a idéia de virilidade.

fronteiras entre ser homem e ser muleque são tênues. Um indivíduo torna-se homem na medida em que conquista respeito dos demais, encontrando, e especialmente reivindicando seu lugar entre outros homens.

3.3.2. Provar-se Homem.

As referências ao espaço doméstico e família nos butecos da Cidade Baixa não são muito comuns em grande parte porque os homens estão muito mais próximos das redes de relações dos colegas de trabalho do que da vila ou bairros periféricos para onde retornam. Em algumas situações, através dos informantes destes butecos, cheguei a bares mais próximos de suas casas onde pude notar uma diferença quanto aos assuntos tratados entre homens, que incluíam, então, os comentários sobre as mulheres e sobre a recepção que delas teriam quando retornassem para suas casas⁹⁴. Nestes casos, as brincadeiras entre homens envolviam a acusação de que o outro era dominado, haveria *bate-boca* ou *apanharia* da mulher por ter se ausentado ou chegado tarde da noite em casa. A acusação era também uma espécie de elogio na medida em que a mulher é vista como *ciumenta*, e quer o homem para si. Nessas brincadeiras, os homens trocam elogios e ofensas concomitantemente, já que as mulheres assumiriam o papel ativo na relação conjugal. Através desta inversão teciam-se comentários e acusações.

A distância dos bares da Cidade Baixa - e das redes de relações ali estabelecidas - em relação ao espaço doméstico de seus frequentadores, não pode ser considerado o único motivo da quase ausência de comentários sobre os assuntos familiares. Os assuntos tratados entre homens de classes populares, e considerados masculinos, se relacionam muito mais ao espaço do trabalho e a jogos lúdicos do que à esfera doméstica. À distância, portanto, entre buteco e espaço doméstico não é somente

⁹⁴ Neste caso, mantive um estudo exploratório em um bar próximo ao espaço doméstico de um de meus informantes para poder contrastar com meu universo de pesquisa.

física, mas, sobretudo simbólica. **Alberto** afirmava ter se casado cinco vezes e ter muitos filhos, quando comecei a perguntar mais sobre sua família ele demonstrou que eu tocava em um tema delicado disse claramente, *isto é coisa minha, eu sou sozinho*, cortando a conversa. A condição de *ser sozinho* é apresentada em diversas vezes para mim e para meus assistentes. Aparecia como uma valorização de não deter vínculos, mesmo que já houvesse referido a existência de laços familiares e, uma colocava limites no acesso que eu quisesse ter sobre suas vidas.

Relato a seguir minha primeira entrevista no trabalho de campo. Naquele momento eu trabalhava um outro tema⁹⁵. **Jair** sentou-se à nossa mesa a pedido de meu assistente que o conhecia. Chamava meu assistente de *professor*. Conversamos sobre futebol, clubes e times do interior - eu estava fazendo um trabalho futebol e me interessava sobre o relato das pessoas que o tinham vivenciado em outra época. O bar estava fechando no início da noite (20 horas), horário comum a estes bares. **Jair**, que bebia recostado no balcão, trouxe sua bebida para nossa mesa. Seus olhos estavam vermelhos e ele cheirava a cachaça ou algo parecido. Disse que havia jogado futebol em um time do interior. Desculpava-se por estar *nervoso*, justificando-se pelo fato de que seu time ia jogar e ele sempre *ficava assim em dia de jogo*. A conversa era difícil, truncada por interjeições, e ilustrada por gestos. No decorrer da conversa ele citou nomes de jogadores e clubes de futebol da década de 50 e 60. Surpreendia-lhe o fato de eu conhecer alguns dos dados, nomes de jogadores e clubes por ele mencionados. Penso que a sua surpresa era dupla, por compartilhar de tais assuntos, por uma diferença de gerações e por ser mulher. **Jair** demarcava várias diferenças e durante toda a conversa pedia desculpas por estar falando comigo - *não quero te ofender*, dizia, e continuava a tecer suas lembranças e o que considerava ser a *minha* (sua) época.

À medida que conversávamos, os gestos que ilustravam os acontecimentos cediam lugar às onomatopéias, e grandes intervalos de silêncio, seus olhos vermelhos

⁹⁵ Ver Jardim (1989).

estavam também cheios de lágrimas emocionado com suas lembranças e com o interesse que afirmava não existir por parte de seu filho⁹⁶. Assim, passamos a falar de seu filho, sem que eu houvesse perguntado nada a respeito. Segundo **Jair**, seu filho não se interessava por suas coisas, não o *respeitava*. *Ser de família* significa não só pertencer a uma rede de obrigações mútuas baseada no respeito, mas de estar posicionado nesta rede. Reside na presença do homem a manutenção do *respeito* sobre a família⁹⁷. Do ponto de vista dos homens, os filhos são uma marca de uma distinção. Ao mesmo tempo, passam a ser também um dos dilemas compartilhados, pois um homem deve a todo o momento, dia após dia, confirmar sua capacidade de ser homem provedor⁹⁸.

Nos momentos em que questões familiares eram tratadas nos butecos, era sobre os filhos que os homens falavam. Não descarto que a diferença de idade que eu tinha com relação à maioria dos entrevistados possa ter direcionado os assuntos (e o fato de eu ser mulher). De qualquer forma, era um dos únicos acessos abertos por eles a respeito da família. Embora os butecos do Bairro Cidade Baixa configurem uma situação específica, por estarem distantes do espaço doméstico dos freqüentadores, os assuntos emergiam nas conversas de um modo muito particular - através dos filhos. No balcão, alguns homens expunham problemas domésticos, que envolviam muito mais os filhos do que a relação com mulheres.

A partir da idéia já mencionada de que a mulher é considerada um perigo para a masculinidade de um homem, é possível entender que elas não fossem incluídas entre os assuntos relacionados à família. Mas, por outro lado, como não estive próxima

⁹⁶ Através de outros freqüentadores dos bares percebo outras versões sobre **Jair**. Este teria sido abandonado por sua mulher. Sobre este assunto ele nada mencionou.

⁹⁷ Diferentes trabalhos sobre o código de honra nas sociedades mediterrâneas enfatizam o caráter relacional da honra. A honra masculina depende da pureza e vergonha feminina. A este respeito ver Fonseca (1988) e Pitt-Rivers (1977).

⁹⁸ A este respeito, este trabalho encontra sua contrapartida no trabalho de Victora (1991) onde a categoria de homem Provedor é considerada importante e evidenciada pelo grupo de mulheres de classes populares.

aos locais de moradia, não pude obter dados sobre a constituição da unidade doméstica⁹⁹. Os trabalhos sobre famílias em classes populares, apontam a esfera doméstica como parte importante da construção social de gênero feminino, pertencendo simbolicamente à mulher, em que o homem está presente de um modo específico neste espaço, embora não seja o espaço masculino. No espaço doméstico, é considerada a necessidade de um homem para impor respeito o que significa, entre outras coisas, o controle da sexualidade das mulheres¹⁰⁰. Nestes estudos, o controle da sexualidade feminina é um dos modos do homem manter a masculinidade. Um controle que incide sobre as mulheres sejam elas, irmãs, mãe ou aquelas que se constituem uma união ou estabelecem uma unidade doméstica.

Isto pode ser verificado a partir das conversas entre os homens e nas minhas entrevistas, por exemplo, **Ademir** dizia-se muito próximo da irmã que era solteira e gostava de escrever poesia. O irmão não foi mencionado na conversa embora eu tivesse sido informada que trabalhavam juntos. Em outras situações, a família era exposta nos diálogos a partir da relação com as irmãs ou filhas. Meu informante **Ernesto** relata uma conversa que presenciara no balcão. Um homem contava que a filha havia engravidado, mas que *aquilo não ia ficar assim, porque o se o guri tinha sido homem para fazer o filho, tinha que assumir o filho*. O homem dizia que o pai da criança teria de reconhecer o seu filho (dizer que *ele fez*), *por que criar eu crio*.

Mesmo nas "queixas", há a afirmação positiva de seu papel: ao final o homem apresenta-se capaz e responsável pelo restabelecimento do *respeito*. No exemplo, o que o homem afirmava não era somente um caso a ser resolvido, mas um posicionamento social esperado para um homem que ele enunciava perante o grupo masculino. O exemplo poderia ser trabalhado em diferentes dimensões, mas o que ele

⁹⁹ Ver Victora (1991).

¹⁰⁰ A este respeito ver Rosaldo (1980). Os trabalhos de Fonseca (1990) e Neves (1982) ressaltam que a relação dos homens com seus parentes conformam uma concepção de família matrifocal.

expressa de comum a outros eventos que presenciei nos butecos é a idéia do homem estabelecendo uma situação *de respeito*. Ou seja, o papel do pai é o de "protetor" ou daquele que exerce "controle" sobre sua família, uma condição que o distingue de outros homens. Segundo Balandier (1976):

O pai, durante muito tempo, hesita antes de contribuir para o casamento de seus filhos, visto que ele reduziria como consequência, a distância social que os inferioriza; tornando-os genitores, ele começaria a dividir certos poderes e vantagens inerentes à sua posição, encaminhar-se-ia ao status de "ancião" e, por conseguinte, aproximar-se-ia de sua morte. Uma morte que, iminente ou imaginada, suscita profundas perturbações "emocionais": somente ela - o pai sabe disso - pode permitir a ascensão dos descendentes machos, principalmente do primogênito, na comunidade. (Balandier, 1976:87).

Partindo de Balandier, encontro também como pressuposto à noção de que as mulheres estão sendo disputadas e distribuídas entre homens através de hierarquias que nada mais são do que diferentes graus de acesso a elas. Mas este é um dos níveis explicativos, aquele que encontro entre os homens se estabelece ainda entre homens. As diferenças entre moços e velhos, como já enfatizamos, são temas recorrentes entre os homens. Uma das discussões ocorridas no bar Martins era em torno dos oitenta anos de um dos homens, idade que configurava uma situação *de respeito*, pois os demais precisavam *mais trinta para atingir os oitenta anos do Jairo*. Nos seus cálculos matemáticos, *o que nós precisamos é mais do que vocês já viveram* (eu e meu assistente). Nestes paralelos a relação entre as idades, que direcionava a soma, as (nos) hierarquizava.

Entre as distinções recorrentes torna-se importante o fato de um homem ter uma família, *ser de família*. Nos termos em que o assunto emerge entre homens, a família exposta nos butecos são os filhos. Desta forma, há outro nível que, na relação com outros homens, se autonomiza da relação com as mulheres. De um lado, o controle da sexualidade feminina é um meio de *manter o respeito*, que incide diretamente sobre a masculinidade. Em outro nível, a masculinidade entre homens deve ser *conquistada*, por

um papel *ativo* reconhecido entre homens. Assim, este *fazer-se na vida* tem outra dimensão, que é a de continuamente provar-se homem. Ser pai é um dos modos desta confirmação de que um homem *foi ativo na vida*. A paternidade *prova* a masculinidade e por isto emerge como um dos assuntos compartilhados entre homens.

O que é reivindicado entre homens é o reconhecimento do homem como *ativo*. Em muitas situações ser *ativo*, articula-se a outros significados. Os homens entendem que eles *fazem filhos*, e isto é dado como uma capacidade que os iguala enquanto homens. Na sua perspectiva, por outro lado, ser *ativo* significa não somente *fazer* filhos, mas ter capacidade para sustentá-los, o que consiste numa distinção frente aos demais. Além da capacidade comum a todos. Um homem deve provar-se provedor.

Um homem deve provar que é capaz de *sustentar-se*, pagar sua própria bebida, e sentir-se ofendido quando outro se oferece a pagá-la. A própria definição do que seja um alimento envolve a idéia de que ele deve *sustentar* o corpo. A força que deve ser mantida não é somente uma força física (sobre a qual a atividade diária destes homens se assenta), mas uma força que equivale simbolicamente a sua virilidade¹⁰¹.

Desta forma, a paternidade se torna uma das marcas de distinção entre homens, na medida em que o homem *prova* perante o grupo masculino, nos butecos, que *tem forças para sustentar* a si e a outros. Através da paternidade o homem mostra sua virilidade, assume no grupo masculino um outro status, que tem de ser construído continuamente, socialmente, através da comprovação da sua capacidade de sustentar os filhos.

Uma das maneiras pela qual um homem adquire *respeito*, realizando sua masculinidade, é quando afirma sua capacidade de prover uma família, reproduzir a si e para seus filhos. Nesta difícil tarefa, como homem deve *sustentar* seu próprio corpo e, enfatiza publicamente, como uma das formas de provar-se homem, sua capacidade de sustentar seus filhos.

¹⁰¹ A este respeito ver Bourdieu (1984).

3.4. Os Jogos e Desafios Verbais.

Uma das formas que a relação entre os homens mais comumente assume, na qual grande parte do tempo lúdico é investido nos butecos, são os jogos. Entendo os jogos como uma das falas privilegiadas a respeito da masculinidade em classes populares, pois eles estabelecem uma das formas de trocas simbólicas entre homens. Os jogos se evidenciam, através das performances em grupos através de objetos, e também nos duelos verbais. Destacam-se entre eles, os jogos de futebol assistidos pela televisão ou escutados pelo rádio, os jogos através dos objetos dispostos nos bares, jogos de truco, damas, dominós, dados (*general*), jogos de futebol de botões, sinuca e jogo do bicho¹⁰². Por outro lado, há os jogos verbais - as piadas e histórias contadas em grupos de homens - consistindo no que é tratado pela literatura antropológica como os **duelos verbais**.

Os jogos têm uma presença marcante nos butecos. É um prazer consensual considerado masculino. Durante as partidas de futebol da Copa do Mundo entrei em alguns locais de trabalho na Cidade Baixa. Em uma casa de móveis usados, uma mulher, que assistia ao jogo pela televisão, disse que o atendente havia saído para tomar um café no bar da esquina e que voltaria em pouco tempo. Naquela rua como em outras do bairro, a maioria dos bares instalava televisões ou rádios para os fregueses acompanharem as partidas, durante as quais, as ruas ficavam desertas. O atendente da loja de móveis, como a maioria dos trabalhadores, aproveitava o período de intervalo para reunir-se a outros e acompanhar os jogos de futebol. Para que as partidas pudessem ser vistas, muitas das

¹⁰² O jogo de truco consiste em um jogo de cartas onde os gestos e uma série de gritos acompanham o desafio entre dois ou mais homens. O jogo-do-bicho consiste em apostas em números, que por sua vez correspondem a bichos, é um jogo ilegal, mas a maioria dos bares é ponto para apostas. Não é feita nenhuma menção sobre o jogo, o resultado é fixado no balcão, próximo ao caixa do bar. Eu mesma só soube que era feito e como era feito porque perguntei. Vilson ficou pouco à vontade para falar sobre o tema, então resolvi não o inquirir sobre o assunto. Mesmo os homens que entravam falando sobre o jogo-do-bicho baixavam a voz ou desviavam o assunto ao verificar alguém diferente no bar (muitas vezes eu e meus auxiliares). As apostas são manuscritas em um bloco de folhas pequenas com auxílio de um papel carbono, uma cópia fica para o dono do bloco, outra para o apostador, em um esquema que se baseia na confiança daquele que organiza o jogo.

atividades públicas eram encerradas ou proteladas por decisão federal, bancos fechavam mais cedo, e os expedientes (mesmo em empresas privadas) eram reduzidos. Assim, a transmissão podia ser acompanhada nos locais de trabalho ou em casa, mas ficava-me claro que não bastava aos homens que eu encontrava nos butecos ver o jogo: este era tinha de ser assistido e comentado entre homens.

Diferentes autores trataram a temática dos jogos de futebol, identificando-o como uma metáfora da sociedade brasileira, entre eles, DaMatta (1982), Flores (1982), e Vogel (1982)¹⁰³. Apontam o futebol como uma dramatização da sociedade brasileira e de um **ethos nacional**. Estes autores enfatizam que a esfera do "esporte" não pode ser analisada em uma relação de oposição com a sociedade. Todo seu esforço centra-se em compreender como um evento esportivo pode se tornar um evento emblemático de uma sociedade e, como ele pode ser analisado enquanto uma das metáforas da sociedade brasileira. Minha intenção neste tópico é entender como os homens nos butecos compartilham e se apropriam de significados através dos jogos, dentre os quais, o mais evidente é o futebol. Evito a discussão sobre este esporte e seus significados, na medida em que meu trabalho se restringe as significações a ele associadas pelos homens nos butecos. Não ignoro, no entanto, discussões desenvolvidas por aqueles autores, e incorporo muitas de suas conclusões para formular este tópico.

A partir das reuniões nos butecos, além das partidas assistidas pela TV, são combinados muitos jogos de futebol de fim-de-semana. Há um prazer especial no ato de entre homens, assistir a partidas de futebol em participar de outros tipos de jogos. Alguns jogos são também praticados por mulheres, como é o caso do jogo do bicho, mas de modo distinto: para este jogo basta fazer a aposta e conferir o resultado afixado nos balcões. Os jogos entre homens requerem uma atuação pública, a presença ou encontro

¹⁰³ A este respeito ver também Bury (1986) sobre jogos de grande popularidade e projeção nos meios de comunicação e masculinidade.

dos participantes para a prática do jogo, o que entendo como uma **performance**, onde a presença feminina não é muito comum, quase inexistente.

Desta forma, os jogos praticados nos butecos exigem a **performance** dos homens, como um ritual específico. Podem ser considerados primeiro como um momento de **communitas**, no sentido atribuído por Turner (1974), onde participantes se reúnem para um momento especial e festivo, um ritual entre homens. Em um segundo momento, pode ser analisado conforme Geertz (1978), enquanto uma dramatização, tendo seus significados compartilhados e atualizados em público. No caso analisado por Geertz (1978) sobre a briga de galos balinesa:

Constituindo o elemento em foco nessas reuniões concentradas, esses homens geralmente dominam e definem o esporte da mesma forma que dominam e definem a sociedade. (1978:302).

Os jogos de futebol envolvem o corpo como sua expressão imediata. Entre os homens, o futebol evoca uma habilidade baseada na *força* física dos jogadores e na *técnica*. Conforme já vimos em tópico anterior, estes são atributos que os homens entendem que devem possuir, e adquirir, para construir sua masculinidade socialmente. Como enfatiza Suárez-Orozco (1982), os jogos de futebol não definem somente um grupo, mas algo de sua masculinidade. Visto como um esporte essencialmente masculino, o futebol evoca, e deve evocar, a agressividade como um valor intrínseco de cada jogador de cada time que queira ser vencedor. Esta agressividade é traduzida pelos homens como um papel *ativo* frente a outros. Assim, os homens disputam em torno destes valores consensuais, que todos devem ter, e por eles se avaliam, transformando-se em vencedores e/ou perdedores.

O jogo de futebol é um dos momentos em que se disputam valores considerados masculinos, onde a masculinidade é posta à prova, através de uma relação necessária entre homens de um prazer consensual. Desta forma, como assinala Lévi-Strauss (1989):

O jogo aparece, portanto, como *disjuntivo*: ele resulta na criação de uma divisão diferencial entre jogadores individuais ou das equipes, que nada indicaria previamente como desiguais. Entretanto, no fim da partida, eles se distinguirão em ganhadores e perdedores. De maneira simétrica e inversa, o ritual é *conjuntivo*, pois institui uma união (pode-se dizer aqui, uma comunhão) ou, de qualquer modo, uma relação orgânica entre dois grupos (que no limite, confundem-se um com a personagem do oficiante, o outro com a coletividade dos fiéis) dissociados no início. No caso do jogo, a simetria é pré-ordenada; e ela é estrutural, pois decorre do princípio de que as regras são as mesmas para os dois campos. Já a simetria é engendrada: decorre inevitavelmente da contingência dos fatos, dependam estes da intenção, do acaso ou do talento. No caso do ritual, ocorre o inverso: coloca-se uma assimetria preconcebida e postulada entre profano e sagrado, fiéis e oficiantes, mortos e vivos, iniciados e não iniciados etc, e o "jogo" consiste em fazer passarem todos os participantes para o lado da parte vencedora, através de fatos cuja natureza e ordenação têm um caráter verdadeiramente estrutural. (...) (Lévi-Strauss, 1989:48).

Embora Lévi-Strauss proponha estes dois processos como demarcadores (teóricos) entre as sociedades industriais e outras, sua compreensão da relação entre eles - "jogo" e "ritual" - é bastante esclarecedora. Mesmo que eu não considere o jogo como o indicador de um fundo universal masculino, em diferentes jogos se evidencia aquilo que é descrito por Lévi-Strauss como um momento disjuntivo e conjuntivo.

Nos butecos, um homem deve encontrar um *parceiro* para estabelecer o jogo. Ou seja, primeiramente seu adversário é considerado um *parceiro*, para em seguida, durante a partida, constituir-se em um oponente. Aceitar, e ser aceito como adversário coloca os homens em uma condição de igualdade para o jogo. Isto é muito comum nos jogos de sinuca, que necessitam de dois jogadores ou de duas equipes e, constitui uma das conquistas no interior dos bares: inserir-se em algumas de suas redes de relações. Neste caso, os muitos jogos podem ser considerados como um ritual - conjuntivos, na medida em que na perspectiva dos homens, como jogadores, eles se igualam; em um segundo momento, disjuntivos, quando os homens buscam vencer o adversário e instaurar uma diferenciação que só é realizável entre iguais. Em algumas conversas, mais do que estabelecer uma diferenciação em termos hierárquicos, os homens remetem a uma morte

do oponente: *já matou ele? tá difícil, hein*. Nestes jogos, a morte simbólica de um homem é o momento em que ele se torna um *perdedor*. Assim, nos diálogos entre homens, muitos jogadores de futebol que tiveram suas carreiras interrompidas são indicados como *perdedores*.

Um dos jogos de constante referência nas redes de relações do bar **Arlindo** são os jogos de futebol de mesa de botões. Não são muito comuns, mas praticados atualmente em uma sala localizada nas dependências de um ginásio de esportes. É um jogo relativamente caro, pois envolve a confecção de botões com uma resina especial de *galalite*¹⁰⁴. Não é meu intuito descrever todos os jogos e o modo como são praticados, mas no caso, chamou-me a atenção o fato de os praticantes (de diferentes faixas de idade) valorizarem tanto seus objetos de jogo. Em geral, cada homem tem sua caixa de botões e resina especiais, cada botão com o nome de jogadores fixados. Quando não estão jogando, trocam botões, negociam objetos referentes ao jogo e comparam suas "equipes".

Como em outros jogos, há uma verificação constante das possibilidades e objetos que um e outro jogador têm. Um de meus informantes afirma que, havendo um objeto material para ser o foco da brincadeira, algo para ser manipulado (os tacos de sinuca, botões manuseados, pedras do tabuleiro, etc), o jogo torna-se mais suportável e evitam-se atritos. Os objetos não só mediam as relações como são também importantes na medida em que a eles é atribuído um valor simbólico¹⁰⁵. No entanto, boa parte das discussões que presenciei dizia respeito à interpretação de regras, ou a "quebras" das regras. No caso dos jogos de botões, as regras são constantemente "emendadas", ou seja,

¹⁰⁴ Os homens que não participam da rede de jogadores de botões acusam este jogo de ser um jogo para guri, menosprezado. Seguindo a lógica de que existem alguns valores concorrentes em termos de masculinidade, entre eles a força e a técnica, os jogos de botões ora são avaliados como uma miniaturização do jogo de futebol, ora como um jogo para guri. Portanto, é ora depreciado, ora avaliado de forma positiva (pois requer técnica e, segundo eles, também requer esforço físico), como um jogo que tem a mesma estrutura do futebol profissional.

¹⁰⁵ Diferentes descrições detêm-se em uma análise detalhada e específica da análise simbólica dos jogos masculinos. A este respeito ver Carvalho (1980) e Leal (1984 e 1989).

elas estão registradas como uma *Regra Unificada*, escrita, mas outras prescrições são constantemente acrescentadas.

Nos jogos de sinuca, as regras são combinadas momentos antes da partida, baseadas em jogos anteriores e não muito detalhadas. Os praticantes evocam um modo que se tornou *habitual* entre eles. As discussões entre homens que jogam eclodem quando um dos participantes é acusado de burlar uma regra e, sobretudo, quando um dos jogadores não cede ou não reconhece ter cometido um erro que lhe atribuem. O jogo passa então ao nível verbal, uma disputa para se saber *quem tem razão*. O descontrole de um jogador pode ser considerado pelos outros como uma derrota (*o **Fábio** não sabe jogar*) ou como um estado onde o homem perde *a razão*, perdendo assim parte de seus atributos masculinos¹⁰⁶. Nos jogos de botões, assim como na sinuca, os participantes evitam o descontrole seja na manipulação dos instrumentos, onde *deve ser preciso nas jogadas, como no xadrez*, seja evitando o que consideram *bate-bocas*. É acusação freqüente entre homens de que algum deles *quis dar uma de malandro* e foi controlado pelo outro¹⁰⁷. Esta acusação é muito comum entre homens, e detêm uma ambigüidade na sua avaliação pelos demais - entre homens que se entende em iguais condições - é uma atitude a ser evitada.

Outros jogos têm nos gritos um elemento que faz parte das regras. Nestes casos, não são os gritos e expressões de emoções que devem ser evitados. Depende sempre da regra de cada jogo o comportamento que será considerado impróprio. No caso dos jogos de botões o silêncio é obrigatório e *respeitado* em uma sala do ginásio que comporta de doze a quinze mesas, cada uma reunindo três homens (em cada mesa, um é o juiz). Os homens evitam falar entre si até o momento em que soa o despertador que marca o tempo das partidas e da troca de campos como a que acontece no futebol de campo. Desta forma, as regras do jogo impõem não só uma condição de igualdade, mas também

¹⁰⁶ A este respeito ver Seidler (1987).

¹⁰⁷ Sobre a malandragem ver DaMatta (1983), retomo esta questão no próximo capítulo.

coíbem um **indesejável** descontrole dos jogadores. No caso dos jogos de botões consideram-se descontrole não apenas a agressão física ou verbal ao oponente, como também a demonstração, durante a partida, da satisfação ante uma vitória em andamento ou uma boa jogada. Contrariamente, o indesejável no jogo de sinuca é que os jogadores *baguncem* a partida, não joguem corretamente ou a levem a *sério demais*.

Na perspectiva dos homens nos butecos, não se joga com um adversário, mas com um *parceiro*. O jogo é afetado quando há brigas ou discussões normalmente sob alguma acusação de burla de uma regra pré-combinada, a quebra de uma cumplicidade. A continuidade da discussão aciona outras acusações, entre elas a de que houve uma perda do autocontrole, elemento necessário não só no jogo, mas em uma postura masculina.

Existem muitas diferenças entre os vários jogos realizados nos butecos. Nuances quanto a valores compartilhados e quanto às habilidades requeridas por parte dos jogadores. De um modo geral, a relação que os homens estabelecem entre si é avaliada também como um jogo, onde são comparadas as habilidades. Uma relação entre dois homens é freqüentemente conduzida como uma disputa. **Ernesto** levou o violão para o bar **Toninho** e começou a tocar a pedido do dono do bar. Havia um outro homem que tocava violão indicado pelo amigo seu, com quem estava bebendo na mesma mesa. **Carlos**, por sua vez, dizia que tocava *cavaco*. Demorei a entender que se tratava de cavaquinho, embora o comentário fosse dirigido a mim diversas vezes. Depois de tocar algumas músicas os violeiros passavam o instrumento um ao outro mostrando seu repertório. **Paulo** pegou o violão da mão do violeiro da mesa ao lado e o recolocava nas mãos do **Ernesto**, enquanto o dono do bar trazia copos de vinho (copos de vidro em que é vendidas geléia prontas) na nossa mesa para o **Ernesto**. Os dois violeiros estabeleceram uma disputa, ou assim era entendida a situação pelos demais que se posicionavam expressando a preferência por um ou outro. *Ô bobo, que não sabe nem tocar nada!* Comentavam. Os homens no balcão também faziam comparações. Através do uso do violão estabeleceu-se entre os violeiros um duelo que extrapolava seu controle. Na

situação que descrevo que poderia ser considerada como um fenômeno extraordinário e estranho aos acontecimentos dos bares, a situação incorporada de uma forma específica¹⁰⁸. Era uma maneira específica de o grupo perceber a relação entre dois homens que detêm uma mesma habilidade, idéia de que ali havia um duelo entre violeiros.

As disputas que ocorrem a nível de atitudes e jogos com objetos também aparecem na forma de duelos verbais¹⁰⁹. Os duelos ou desafios verbais são um tipo específico de fala, que evidencia outros significados relacionados à construção social de gênero masculino. No pequeno espaço do bar **Ernandes, Felipe** contava piadas para outros homens que retribuía com outras histórias. Havia uma espécie de competição e comparação entre os homens, que ficava evidente nos temas de suas falas. **Felipe** contava histórias de pescarias, **Américo** relatava uma história sobre uma caçada, **Felipe** retorna com uma história de assombração em uma pescaria, ao final um homem responde com uma outra história. **Américo** expressa que a história de **Felipe** está muito exagerada. Finaliza dizendo, *diminui o tamanho do teu peixe* (piada anterior de **Felipe**) *que eu diminuo o tamanho da minha espingarda*. Entre os homens nos butecos, as piadas e histórias emergem através dos duelos verbais, como forma de estabelecer uma comparação entre homens. Knudsen (1988) ressalta que a honra consiste em uma espécie de substância da qual o homem entende que está temporariamente separado, ele deve repô-la constantemente. Seguindo esta perspectiva, os jogos possibilitariam esta reposição simbólica, mas que também se torna um prazer especial, um modo específico de relacionamento entre eles.

O exagero, o elogio e o auto-elogio constituem alguns dos modos através dos quais os duelos ou jogos verbais se estruturam. Qualquer tema pode gerar estas falas, nas quais a pergunta antevê a resposta. Um homem deve sempre responder, a fim de

¹⁰⁸ A situação fugia ao controle dos músicos, embora estes reconhecessem o fato de que estavam, de certa forma, competindo.

¹⁰⁹ Ver Leal (1984) sobre os duelos verbais e outros desafios enquanto uma das estratégias de discursos masculinos.

marcar sua postura *ativa*. Ignorar o jogo pode significar um quebra da reciprocidade; ignorar o oponente, uma *arrogância*. **Jairo** é interpelado por um amigo seu. Eles têm ensaiado algumas perguntas e respostas (já ouvi diversas vezes), uma espécie de jogo de palavras comuns. O amigo pergunta: *o senhor canta?* **Jairo** responde, *não, eu encanto*.

Nos butecos, os jogos ou duelos verbais são um dos modos encontrados para organizar as diferenças entre homens, mais do que de estabelecê-las. Consiste, assim, em marcar uma posição masculina. Um elogio ao outro - deve ser retribuído; um desafio deve ser respondido, desde que os participantes se reconheçam como iguais. A competição assume o caráter de jogo, torna-se o modo por excelência da relação entre dois ou mais homens, uma relação que é tida como prazerosa.

Uma das histórias exemplares sobre como é vista uma relação desigual entre homens foi-me relatada por **Ricardo** como um fato vivido por um amigo seu. Ele tentou várias vezes um contato com um homem que não queria recebê-lo. A cada retorno, a secretária vinha à sala de espera comunicar ao amigo de **Ricardo** que ele não seria atendido. *No outro dia, (o amigo) pegou o homem na saída e disse a ele, vem cá, só vou te fazer uma pergunta. Quem é mais, tu ou Deus? O homem disse Deus. (O outro responde) É que eu recém tive uma conversa com Deus, eu podia dar uma conversadinha contigo?*

No exemplo é relatada uma situação considerada como desigual entre homens. O modo como o homem inferiorizado repôs a ordem, baseou-se, primeiro, em um desafio verbal, em segundo lugar, utilizou a evocação de Deus, como um superior. O que ele propõe ao homem, que o faz esperar, é um duelo verbal como forma de reorganizar e repor a igualdade. Ou seja, através da negociação de hierarquias, há uma reorganização (e reconhecimento) desta, de modo que a princípio todos retornem a uma situação de igualdade e reciprocidades.

Uma quebra nas reciprocidades pode ocorrer, ou ser provocada, quando um homem é tratado como desigual ou quando tem sua masculinidade posta em dúvida, o

que pode coincidir. A partir daí já não há duelo verbal, mas agressão e insulto que buscam desprestigiar o outro. **Diogo** diz no balcão, para outro homem: *tu não é homem, pra mim tu não é homem, tua mãe que é homem, quem é que é homem?* O outro permanece quieto, saindo do bar em seguida. Neste momento eu recolhi a garrafa de cima da minha mesa e **Vilson** veio ao encontro do homem que gritava dizendo para ele não gritar por que ele *não tá em casa*¹¹⁰.

Os duelos verbais, nos butecos, são uma das formas que os homens encontram de, através da comparação e competição, compartilharem alguns dos significados relacionados à masculinidade. Nestes espaços, os jogos são respondidos e refeitos continuamente. Participando de tais situações os homens demonstram-se como *ativos* frente a outros homens. Na sua perspectiva, responder a um jogo verbal é reconhecer o outro enquanto um igual e, ao mesmo tempo, assumir um papel *ativo*, ser agressivo, *responder na hora* ao adversário.

Os jogos evidenciam, por outro lado, as reciprocidades e cumplicidades que devem ser mantidas através da comparação entre homens. São trocas simbólicas que se refazem, e às vezes brincadeiras que se repetem. Neste caso, a situação de **jogo** possibilita um paralelo com a construção social da masculinidade. Metaforicamente, assim como o jogo se refaz repetidas vezes nos butecos, onde um homem deve *provar-se* através do desafio a outro homem, também a masculinidade deve ser reafirmada e refeita constantemente, possibilitando a negociação de, ao mesmo tempo, uma situação de igualdade e de distinção entre os homens.

¹¹⁰ **Vilson** disse-me depois que já tinha experiência nisso (nas brigas), em seguida riu, dizendo: isso é bom pro teu trabalho...

CAPÍTULO IV

AS REPRESENTAÇÕES MASCULINAS SOBRE AS MULHERES.

A presença de mulheres não é muito comum nos bares que compõem meu universo de pesquisa. Quando ocorre, geralmente corresponde a um momento muito breve. No entanto, os homens falam sobre a presença e ausência de um modo específico. De certa forma, estas falas trazem indícios do lugar que as mulheres assumem não só nos bares, mas também nas vidas desses homens. Expressam os significados construídos socialmente por homens, modos masculinos de referirem-se às mulheres.

O *locus* desta pesquisa, os butecos - cuja ocupação é majoritariamente masculina - e seus pressupostos teóricos delimitam o alcance do estudo. Eu não poderia tratar a construção social de gênero masculino como inteiramente dotada de uma autonomia com relação às mulheres. Não se poderia confundir com autonomia a distância espacial que o espaço dos butecos estabelece do espaço doméstico - afinal, trabalhar com um universo de pesquisa distante da esfera doméstica foi escolha minha. Nos butecos, a autonomia e auto-segregação espacial entre homens, assim como a distância do espaço doméstico, são elaboradas simbolicamente. Como tratamos no capítulo anterior, um repertório de significados é atualizado no convívio **entre homens** sobre a masculinidade. Mas os referenciais de masculinidade compartilhados pelos homens têm, apesar da distância espacial, uma referência às mulheres. Desta forma, os homens falam **sobre as mulheres** de um modo específico.

A partir desta delimitação de universo de pesquisa e dos pressupostos teóricos já mencionados, é possível abordarmos as falas masculinas sobre as mulheres. Estas falas expressam e criam significados **sobre** as mulheres constituindo-se este um dos níveis relevantes da elaboração social da masculinidade. Do ponto de vista desta pesquisa, através da noção de **ethos** é possível analisar os universos masculino e feminino, em uma mesma **cultura**, como universos simbólicos distintos. Desta forma, retorno ao conceito de

Bateson (1958) sobre ethos masculino e ethos feminino em uma mesma cultura, entendendo cultura enquanto um sistema de significados. Esta abordagem adquire sentido quando nestes espaços auto-segregados, os homens falam de diferentes maneiras **sobre** as mulheres.

As poucas mulheres presentes em meu universo de pesquisa são aquelas que atendem os fregueses nos bares ou as que entram nos butecos durante o dia. A par delas é necessário incluir-me, em minha condição de pesquisadora. No meu entendimento, faço parte da produção de meus dados, como presença a ser pensada e equacionada, pertencente a uma faixa etária específica, de cor branca, de uma classe diferenciada e, sobretudo como mulher¹¹¹. Embora esteja subentendido em todo o texto minha presença na produção dos dados em campo, nesta pesquisa me encontro na condição de pesquisadora e, mais claramente, na situação de objeto da produção de representações sobre as mulheres por parte dos pesquisados.

Esta pesquisa foi realizada em cerca de um ano, sendo que parte do trabalho de campo - uma primeira etapa - foi realizada por mim em entrevistas abertas e observações. Em uma segunda etapa, adotei um outro procedimento o de ir aos bares com auxiliares de pesquisa. As mudanças em um e outro procedimento foram significativas. Não exatamente com relação a minha inserção em campo - a idéia que me ficou é de que eu nunca me inseri no grupo como esperava - e sim como o grupo permitia e previa meu espaço, como mulher. Mas, algo de significativo foi produzido neste outro procedimento, eu tinha acesso a outras falas que eram elaboradas pela minha presença "imprevista", mas de certa forma, "situada", já que na segunda etapa do trabalho de campo, eu estava *acompanhada*.

¹¹¹ Das reflexões antropológicas sobre método e trabalho de campo ver Bourdieu (1985), Caldeira (1980) e Rosaldo (1984) onde abordam questões relativas ao poder do pesquisador sobre seu "objeto de estudo", a inserção específica e única do pesquisador como produtor de seus dados. Por último, retenho de Rosaldo a reflexão de que assim como o pesquisador não pode dizer que tem domínio completo sobre suas representações e subjetividade não pode inferir que sua análise dê conta de todo o universo de representações do pesquisado.

Em algumas entrevistas fiz uso de gravador e máquina fotográfica, o que me ajudava a estabelecer trocas e também identificar e **justificar** minha presença no local. A identificação imediata era o mais difícil, pois o antropólogo não pode querer parar o cotidiano para suas perguntas. Em muitas situações, eu já me encontrava suficientemente identificada através da relação com os donos dos bares ou, mesmo por estar *acompanhada*. O fato é que as preocupações éticas passaram muito mais por um critério meu durante a pesquisa e na hora da elaboração do texto do que um cuidado expresso pela maioria de meus informantes. Para eles era surpreendente alguém estar fazendo um trabalho sobre eles e nos bares. Tenho consciência que o que foi expresso para mim, a exceção do tema jogo-do-bicho, já passavam por um critério anterior dado tanto pela minha presença inusitada quanto da produção daquilo que poderia ser dito para uma pesquisadora.

Os problemas relativos ao trabalho de campo têm feito parte de inúmeras reflexões sobre o ofício de antropólogo e sua prática em campo. As indefinições nos acompanham durante o trabalho de campo, e o que é um **dado** de pesquisa - o que é significativo - torna-se uma construção do pesquisador. Neste caso, minha presença como pesquisadora é uma produção específica de falas para uma mulher presente entre homens. No entanto, com o passar do tempo em campo, esta "intervenção" é situada pela minha identificação como pesquisadora, e deixa sempre marcada minha presença como mulher.

Por outro lado, na dinâmica específica dos butecos, as mulheres "ausentes" são aquelas que estão diretamente envolvidas nas vidas destes homens como esposas, mães, filhas e irmãs e "indiretamente" referidas, mas que de alguma forma se tornam representações presentes¹¹². Em um outro nível, as mulheres são representadas de uma forma generalizável, nas menções e comentários dos homens sobre as propagandas e programas assistidos na televisão, por exemplo. Entre estas falas comuns aos homens,

¹¹² Sobre a matrifocalidade em classes populares ver Scott (1990a).

encontro não só referências verbais, mas também a expressão através de gestos - duas formas de demarcar no interior dos bares posições sociais de gênero.

Os trabalhos recentes sobre as questões de gênero apontam como eixo fundamental de pesquisa a relação entre gêneros para a compreensão da construção social do universo masculino e feminino. A maioria dos trabalhos sobre gênero em classes populares tematiza as mulheres, em especial no espaço doméstico. O "outro" (o homem) é entendido como parte integrante da construção do gênero feminino, e constantemente referido¹¹³. Há uma ruptura com a idéia de esferas sociais ou domínios separados quanto ao gênero. A diferença entre público e privado, por exemplo, é tratada não só como uma elaboração de cada cultura e, portanto variável, mas também o pertencimento exclusivo a uma esfera pública ou privada é relativizado. Em muitos casos, a dimensão relacional entre gêneros, mais do que um dos níveis de análise, é tomado, metodologicamente e teoricamente, como parte central da própria construção social de gênero.

Incorporo estas preocupações na medida em que os estudos citados não eliminam a possibilidade de uma referência simbólica sobre o "outro", outro espaço social, outro domínio, outro gênero, seja considerado na sua construção social de identidade. Em outras palavras, no enfoque que aqui desenvolvo as versões das mulheres que convivem com estes homens, sobre eles e sobre os buteco, são consideradas importantes, mas não estão sendo exploradas na medida em que estes homens estão relativamente distantes da vida doméstica e na relação entre si evitam efetuar a troca destas informações¹¹⁴. Ou seja, a segregação espacial, neste bairro e nos bares, possibilita também uma autonomização com relação ao espaço doméstico e às versões femininas. Trata-se, portanto, de uma situação deste bairro e destes bares, que deve ser compreendida como um caso específico.

¹¹³ Sobre o aspecto relacional da construção de identidade feminina ver Scott (1990) e Victora (1991).

¹¹⁴ Em outras palavras, configurariam um outro estudo, e necessitariam de uma outra delimitação de universo de pesquisa vinculada as relações homem-mulher.

Apesar da especificidade do universo de pesquisa, busco evidenciar neste capítulo que o caráter relacional da identidade de gênero pode não significar necessariamente o mesmo para homens e mulheres. Para os homens nos butecos há um nível de trocas simbólicas que se autonomiza da relação com as mulheres. É possível entender estes espaços masculinos como a constituição de um espaço de auto-segregação entre homens, que assume grande importância para suas elaborações simbólicas. Alguns dos nexos desta auto-segregação entre homens se encontram nos significados, já arrolados no capítulo anterior.

Por outro lado, é com relação às mulheres que é elaborado um outro nível de construção social da masculinidade. Tenho como pressuposto metodológico que este nível é criado sobre certos parâmetros que podem se distanciar em muito daqueles pelos quais as mulheres elaboram sua auto-imagem. Desta forma, o que os homens atribuem às mulheres está fundado em uma experiência objetiva e uma experiência que é compartilhada entre homens. Isto não quer dizer uma **distorção** da imagem do "outro", o universo feminino, mas uma apreensão particular do que seja **significativo** sobre as mulheres para estes homens. A partir daí é possível entender o que é tornado relevante pelos próprios homens sobre o "outro" e sobre sua própria relação com o universo feminino.

Desta forma, meu universo de pesquisa conduz a uma preocupação teórica específica. O espaço simbólico - distanciado - que os homens constroem para as mulheres e os significados a elas atribuídos emergem no sentido de uma elaboração simbólica por parte dos homens sobre a sua auto-imagem e a imagem da **mulher**. Evidenciam um modo específico da relação deles com o gênero feminino e da construção de sua auto-imagem referida a outros homens. Há, no meu ponto de vista, no mínimo dois níveis da elaboração de uma cultura masculina entre homens de classes populares - a relação entre homens, que

é dotada de certa autonomia, ou onde é construída certa autonomia frente às mulheres e a relação com mulheres¹¹⁵.

Entendo que estes significados fogem ao controle das mulheres (da auto-imagem que produzem) não só por ser uma criação entre homens (mesmo que esteja informada de experiências concretas com mulheres), mas também por que estas trocas produzem outros significados cuja autoria é coletiva, uma resultante das interações masculinas. Embora haja uma dissonância em termos da imagem que um gênero constrói sobre o outro, há certos parâmetros que são partilhados. Apesar de esse estudo permanecer no nível das representações dos homens sobre as mulheres, é possível ter indícios de um sistema de significados baseado na honra que prescreve papéis diferenciados e relacionais para homens e mulheres¹¹⁶.

4.1. As Mulheres nos Butecos.

Muitos dos bares funcionam como pequenos armazéns que provêm gêneros alimentícios não perecíveis - enlatados, conservas, bolachas e material de limpeza, por exemplo. Ao invés de entrar em um supermercado próximo, os fregueses, e freguesas, preferem ir aos butecos e comprar no *caderninho*. As mulheres que freqüentam estes bares se inserem nesta dinâmica, compram refrigerantes em garrafas para levar para casa ou local de trabalho, abastecem suas casas e têm uma passagem bem mais rápida que os homens. Em alguns casos elas têm de ser convidadas pelos donos dos bares a ocuparem

¹¹⁵ Do ponto de vista desta pesquisa este nível da relação homem-mulher fugiria do recorte metodológico e à delimitação de universo de pesquisa. Deveria ser trabalhado a partir do universo dos bares próximos ao espaço doméstico que estariam vinculados. Assim também as relações que os homens pesquisados elaboram sobre o espaço do trabalho aparecem aqui através dos seus relatos e não por minha observação direta. Considero estes tipos de procedimentos metodológicos muito importantes, mas desviariam este estudo a um outro recorte.

¹¹⁶ Mesmo que a contrapartida não tenha sido possível dentro da delimitação do universo do trabalho de campo, esta situação específica imposta pelo universo de pesquisa, e outros desdobramentos foram desenvolvidas no capítulo II.

uma das mesas, para não tomarem um café ou lanche no balcão, de pé. Já os homens não precisam deste convite expresso. Muitos dos trabalhadores da região tomam os bares como "sua casa", ocupando banheiros, mesas, como seu espaço. A exemplo disto os carteiros - vinculados a uma instituição pública - deixa sua carga de correspondências com alguns dos donos de bares e voltam após terem efetuado parte de seu trabalho - estabelecendo uma relação informal e baseada na *confiança* atribuída aos donos dos bares, ou *ser conhecido de*.

A ocupação dos bares por homens e mulheres é diferenciada. Para os homens, tornam-se um local de permanência, quase uma "sala de visitas", com sofás e mesas que são ocupadas pelos mesmos freqüentadores, em horários regulares. Para as mulheres, é um local de passagem muito mais rápida, mesmo que elas retornem constantemente para fazer o "jogo do bicho" ou para comprar seu lanche no intervalo do horário de trabalho. Pequenos gestos ou silêncios indicam a entrada de uma mulher no bar, um silêncio momentâneo entre os homens. Em seguida, as conversas voltam a ser animadas; o riso e outras falas em voz alta são as atitudes mais freqüentes. Em certa ocasião, fiquei surpresa com o timbre da voz de uma mulher que entrou no bar para comprar um lanche. Seu timbre, como o meu, destoavam completamente das outras vozes, bem mais graves. O fato dos homens, no bar, ficarem em silêncio quando da entrada dela sublinhou esta diferença de vozes e de modo de falar. As mulheres, nestes bares, fazem um esforço em justificar sua presença. Os pedidos que fazem ao dono do bar são acompanhados de explicações, que dizem também os porquês de estar ali.

A presença de outras mulheres, assim como a minha, possibilitou a percepção de quanto à atitude feminina se diferencia, não só com relação aos homens, mas contrasta com os bares ao lado dos butecos. Em muitos casos a presença feminina não estava prevista tanto na infra-estrutura dos bares - banheiros - quanto no trato especial expresso nas atitudes que as mulheres mereciam dos donos dos bares, cujas atitudes pareciam explicar as "regras da casa": o que tinham para oferecer (comidas) e a forma de

pagamento. Os produtos ali dispostos, os gostos por comidas, bebidas e as sonoridades, são algumas das variáveis que evidenciam uma estética masculina, mas, além disso, o fato de que muitos dos bares não estão previstos para a presença feminina.

Por outro lado, as propagandas da televisão evidenciavam a diferença, pois alguns comentários empolgados eram expressos publicamente, sobre as mulheres que apareciam na televisão, *uma destas lá em casa, tu sabe que é disto que eu gosto*, como diziam. Neste caso, minha presença não impossibilitava os comentários. Desta forma, era ressaltado para mim quanto o espaço era masculino. Entre os homens torna-se consensual o "gosto comum" que devem manifestar pelas mulheres, de modo que, quase sempre que aparecem mulheres nas propagandas, algum homem chama a atenção de outro, como forma de estabelecer algum comentário ou partilhar da imagem.

As mulheres que ocupam os bares detêm uma posição que considero periférica, não só por que permanece pouco tempo nos bares, mas também por que escolhem mesas quase ao lado das portas de saída. Geralmente, quando estão reunidos muitos homens, as mulheres desistem de entrar ou não "escolhem" aqueles butecos. O processo de auto-segregação masculina pode ser entendido tanto como uma "escolha" por parte dos homens, como uma "demarcação" de territórios, já que as mulheres não "escolhem" estes bares.

O espaço simbólico das mulheres presentes nos butecos está vinculado diretamente ao trabalho familiar e à relação de parentesco delas com os donos dos bares¹¹⁷. Algumas mulheres estão presentes constantemente - as esposas dos donos dos bares, ou mesmo donas de bares, que ocupam um espaço atrás dos balcões. De certo modo, nestes casos fica mais claro o modo específico como as mulheres são incorporadas

¹¹⁷ Há algumas diferenças no trabalho familiar de acordo com o bar, aqui me detenho apenas no que diz respeito a divisão de trabalho em termos de papéis sexuais. Entendo as relações de parentesco no sentido mais amplo usado nos estudos antropológicos. Na perspectiva êmica o parentesco não se define somente através dos laços de sangue.

nas redes de relações dos bares. **Clarisse** e **Ieda** são as *mulheres de donos de bares*. Ou seja, na perspectiva dos homens nos bares, e delas próprias naquele espaço, são situadas pelos vínculos com o dono do bar, assim como outras mulheres (sobrinhas, afilhadas). O **ego** da relação de parentesco é o homem, dono do bar ou filho do dono do bar, a partir do qual as mulheres são reconhecidas.

A posição das mulheres poderia ser considerada, a partir daí, como subordinada. Para mim fica muito difícil distanciar-me desta idéia. Por outro lado, entendo que este é um modo específico de referir-se a posição destas mulheres, a qual tem outros desdobramentos, nem sempre pode ser simplificada como um papel subordinado numa relação onde o homem detém um poder inerente e a mulher se encontra desprovida de poder. Sem dúvida, elas estão subordinadas a um sistema simbólico que tem na honra e no respeito os constituidores de sujeitos, sendo a identidade de mulher reconhecida através da posição social do homem.

Uma mulher dona de bar é vista, por exemplo, como de uma outra qualidade. Ela é considerada uma *mulher forte*, na medida em que assume algumas das atribuições consideradas masculinas. É ela quem media conflitos entre os homens que frequentam os bares, ou que lida e serve as bebidas. Na perspectiva das relações entre homens e mulheres que juntos dirigem os butecos, são reconhecidos e exercem um trabalho considerado como complementar¹¹⁸. O homem lida com os conflitos, *impõe respeito* e serve a bebida, o alimento masculino. As mulheres, muitas vezes a esposa, preparam a comida ou são responsáveis pelo abastecimento de alimentos. De certa forma, há o pressuposto de que, se há uma mulher atrás do balcão, há possibilidade de ter o que comer, já que são as mulheres que cozinham. A presença de uma mulher, além disso, é considerada necessária e, de fato, quando isso ocorre os butecos tornam-se mais limpos e,

¹¹⁸ Na perspectiva aqui adotada, uma relação em torno de papéis complementares não significa necessariamente um construção social de gênero de modo complementar, e sim uma das dimensões da construção de gênero.

na visão de seus proprietários - homens ou mulheres - têm uma apresentação melhor ao público. Um dos proprietários afirma que se contratasse um ajudante, teria de ser mulher, porque *são mais jeitosas*. As próprias mulheres desculpam-se pelas *sujeiras do bar*, por que é um lugar em que *só homem vai*.

O alimento por elas produzido é gerenciado pelo dono do bar. Depende de uma negociação entre os dois sobre quando o bar vai funcionar, se funcionará nos feriados, etc. No entanto, os homens entendem que a mulher *não gosta, mas é obrigada* a estar no bar por ser esposa. Consideram uma obrigação social as mulheres os *acompanharem*. Na condição de mulher do dono, ela cozinha e alimenta outros homens, mas é o dono do bar quem administra o bar e "distribui" estes alimentos. As esposas dos donos dos bares (mães ou outras mulheres que têm um parentesco com os donos) dedicam-se a transformar os alimentos. Grande parte de seu tempo diário, se organiza em função da manutenção e tarefas relacionadas com os bares. Várias vezes, a ausência da esposa do dono era considerada como um indicador, por parte de outros homens, de que nada haveria para comer. Apesar da constatação do papel das mulheres como transformadoras dos alimentos, na perspectiva dos homens, a relação entre homens prepondera. Uma evidência disto é que o dono do bar quem é consultado sobre a possibilidade da existência de comida no bar.

Na ótica dos homens nos butecos, as mulheres, mesmo a esposa de um dono de bar que com ele trabalha conjuntamente, são *acompanhantes*. Na divisão do trabalho nos bares, são os homens que gerenciam o que é considerado como o principal alimento masculino, as bebidas alcoólicas. Os fregueses solicitam a comida (salgados) enunciando que querem algo para *acompanhar* as bebidas¹¹⁹. Neste sentido o alimento masculino se sobrepõe simbolicamente ao alimento produzido pelas mulheres. Colocam-se assim na condição de provedores do principal alimento dos bares e são eles que gerenciam

¹¹⁹ Entre os donos dos bares a bebida alcoólica é o produto considerado mais procurado pelos fregueses (pelos homens nos bares) que mantém a casa.

e alimentam outros homens. Por extensão, como *acompanhantes*, as mulheres devem ser *cuidadas e alimentadas* pelos homens. Deste modo, os homens recolocam-se na condição de provedores que ingerem alimentos masculinos e devem alimentar as mulheres.

Na perspectiva dos homens, as mulheres são entendidas como vinculadas aos homens, de quem derivaria a condição social e o sustento delas. A situação do homem provedor apresentava-se não só como ideal masculino, mas como parte das atitudes esperadas, que se concretizavam nas relações entre homens e mulheres no interior do bar. A mulher cozinha, mas o alimento masculino - a bebida - é gerenciado pelos homens, que entende como sua função - de provedor. Até então a relação poderia ser considerada como uma complementaridade de papéis. Mas as relações entre os casais que gerenciam os bares não podem ser consideradas representativas das relações entre gêneros em classes populares¹²⁰. Há, no mínimo, através destes referenciais, a elaboração de uma situação considerada como *de respeito* e *de família* identificada no bar através destes arranjos sociais.

De um modo geral, a noção de que as mulheres que estão nos bares têm de estar situadas com relação à posição de um homem, extrapola a condição destas que estão atrás do balcão. Uma mulher deve estar *acompanhada* nos bares. Quando isto não acontece, o dono do bar "assume" a mulher, indica-lhe uma mesa, oferece um jornal, etc. Entendo estas relações inseridas em um sistema baseado na honra, onde a posição que uma mulher detém é considerada como derivada da posição de um homem. A presença das esposas dos donos é um indicador, tanto para eles quanto para outros homens, sobre a imagem do bar, como um local *de família*. Tanto os homens como as mulheres entendem isto como uma realidade, e nem sempre uma complementaridade de papéis.

Por exemplo, o controle exercido pelos donos dos bares é avaliado como importante tanto pelas mulheres como pelos fregueses. As razões podem ser diferenciadas, mas confluem na idéia de *respeito* que deve deter o dono do bar. Na perspectiva das

¹²⁰ Sobre a fluidez de a unidade doméstica ver Victora (1991).

mulheres, os donos *impõem respeito* quando controlam outros homens. Na perspectiva dos usuários, os donos são *de respeito* na medida em que evitam a presença e diferenciam os *homens de bem* dos *bêbados* e *vagabundos* no bar. Repetidamente os homens afirmam que *aqui só tem gente de bem*, que o dono do bar seleciona a clientela, e eles fazem parte dos selecionados. O respeito reside no dono do bar e, de certa forma, o reconhecimento a ele faz parte de um jogo de cumplicidades, como se este respeito se propagasse aos outros homens, na medida em que todos usufruem deste valor reconhecido e conferido aos donos dos bares.

Nos butecos na Cidade baixa, as famílias que se tornam mais evidentes nas redes de relações são a dos donos dos bares. Dado o "recorte" de universo de pesquisa, não posso tomá-las como exemplares; mas para os homens que freqüentam os butecos, elas são apenas um dos exemplos compartilhados entre homens da relação entre homem e mulher. As mulheres que constantemente atendem nos bares estão vinculadas a um homem, assim como todas as mulheres são entendidas como tal. De modo semelhante, a autoridade de um dono do bar provém do fato dele ser *um homem de família*, e o *respeito* que daí deriva funda-se em sua posição de provedor de uma família.

A afirmação de que alguém é *de família*, muito freqüente nos butecos, é sempre muito vaga. Muito pouco é dito sobre as famílias dos homens que freqüentam os bares e a referência se faz a um modelo ideal, um valor, que distingue e posiciona os homens. Ser *de família* extrapola na fala dos homens, a menção a sua própria família. Consiste em um valor paradigmático, uma outra forma de referir-se a um homem *de respeito*, o chefe de família, sem mencionar sua própria experiência familiar.

Muitos de meus assistentes de pesquisa alertavam-me a seguinte preocupação: caso fosse necessário, me apresentariam como sua *noiva* ou namorada. Por exemplo, *eu vou dizer que tu é minha noiva para evitar as más intenções dele*. **Paulo** não *pode ver mulher*. Segundo me era descrito, e pelo que pude presenciar dos comentários dos homens, e abordar uma mulher, faz parte do repertório masculino, é quase uma

obrigação social partilhada e pressuposta a todos que "se definem" como homem. Desta forma, deve ser manifestada a todo o momento - como, por exemplo, através de comentários sobre as mulheres nos programas e propagandas de televisão.

Eu já havia realizado grande parte da pesquisa de campo sozinha antes de estabelecer um outro tipo de contato e buscar outros dados através dos assistentes de pesquisa homens. Até então eu não havia tido nenhuma complicação em campo, mas estava vinculada muito mais às redes de relações dos donos dos bares embora estes, em pouco tempo me colocassem a conversar com suas esposas. Para meus assistentes de pesquisa, entretanto, a situação consistia em estabelecer uma proteção considerada necessária para mim frente a outros homens.

Este novo momento de pesquisa foi também a possibilidade de fazer emergir outro tipo de situação de campo e outros significados. E foi somente a partir desta mudança de procedimento que ingressei na situação de objeto de disputa entre homens. Foi na condição de *noiva* que testemunhei diversos desafios verbais envolvendo minha presença entre as conversas dos homens¹²¹. Nesta nova situação eu me encontrava (devidamente) *acompanhada* por um homem no bar e, ao contrário do que pressupunham meus assistentes, foi o momento em que mais fui questionada e "percebida" pelos outros homens presentes. Também nessas ocasiões ouvi mais freqüentemente que eu poderia voltar sozinha, que alguém *cuidaria* de mim.

4.2. A Ausência e Presença Simbólica da Mulher.

Nas diferentes falas entre homens de classes populares, os comentários sobre as mulheres emergem de um modo específico. Sentados uns defronte aos outros, a televisão

¹²¹ Neste caso desmentir meu assistente também me colocava como publicamente disponível. Ver Leal (1989) onde se afirma que entre os peões de estância as mulheres aparecem como fonte de disputa entre dois homens. Ou seja, a relação entre dois homens assume um papel fundamental no modo de relação com o gênero feminino.

torna-se um dos veículos destas conversas. Também as mulheres que se encontram presentes nos bares não excluem a possibilidade de serem alvos de comentários, suscitarem generalizações sobre o gênero feminino. Neste tópico apresento esquematicamente os diferentes modos como às mulheres são representadas pelos homens, buscando alguns dos parâmetros sobre os quais estão assentadas estas falas e o que dizem sobre a masculinidade.

Entre os homens, as referências sobre suas famílias e mulheres não são muito comuns, não só pela distância dos bares com relação à esfera doméstica, como enfatiza Brandes (1980), pela consideração da mulher como um perigo a sua masculinidade. As relações entre os sexos estão prescritas em um sistema baseado na honra como valor que constitui sujeitos. Este valor social incide de modo diferenciado e diferenciador entre gêneros, constituindo socialmente domínios femininos e masculinos. No entanto, entendo que as representações masculinas sobre as mulheres estão informadas por uma cultura masculina e detêm especificidades. Para Brandes (1980), estes domínios (masculino e feminino) estão sempre sendo tencionados e, portanto, atualizados. Em sua etnografia entre os Monteros (Espanha), as mulheres são consideradas pelos homens como um perigo, na medida em que são tidas, por exemplo, como potencialmente adúlteras. Em um sistema baseado na honra, a reputação de infidelidade da mulher incide diretamente na imagem do marido, repercutindo em sua posição social: um homem passivo, ou seja, desprovido de sua masculinidade. Desta forma, os homens mantêm com referência às mulheres uma relação ambígua, elas são ao mesmo tempo temidas e atraentes. Esta compreensão acompanhou-me durante todo o trabalho de campo, principalmente por que muitas das brincadeiras entre os homens baseavam-se na "inversão" entre homens da relação homem-mulher, *ativo-passivo*.

Como enfatiza Leal (1989), esta relação ambígua, como temidas e desejadas, deve ser remetida aos significados produzidos em cada cultura. No caso dos peões de estância, as mulheres representam um atraente perigo na medida em que os

temores dos homens relacionam-se diretamente a uma cultura masculina auto-referenciada, onde os homens encontram-se segregados das mulheres nas estâncias. Assim, mulheres são temidas e tornam-se atraentes porque elas podem tomar para si ou retirar do homem os referenciais da construção social de sua identidade masculina, que são tidos como inerentes.

No caso dos homens nos butecos, a auto-segregação e a autonomia simbólica com relação às mulheres são arranjos sociais momentâneos e importantes, um dos níveis da elaboração de significados sobre a masculinidade, pois há um retorno ao espaço doméstico (não mencionado diretamente entre homens). Formam estes espaços de auto-segregação como momento e locais de expressão de significados masculinos. Seria uma simplificação afirmar que os homens não participam ativamente do espaço doméstico, se excluem, e por conseqüência, ocupam os butecos como alternativa. Entendo que a constituição de domínios masculinos e femininos no marco de determinada cultura não deriva de um conjunto de acordos e divisões de tarefas, mas sim, de uma socialização de papéis sexuais e da construção social de gêneros, os quais aqui estão inseridos em uma situação específica que, assim como outros autores denominam, entendo como um **ethos** de classes populares (tipo de trabalho, expectativa de vida, trajetória social, etc) ¹²².

As relações com as mulheres é um tema que é contornado pelos homens nos butecos durante minhas entrevistas, mas reaparece transformado em um assunto genérico, fala-se sobre as mulheres. O ato de evitar o tema torna-se compreensível a partir de alguns comentários trocados pelos homens expressando o perigo que as mulheres representam, como analisado por Brandes (1980). Percebo que é durante este tempo de não-trabalho que os homens elaboram significados constituidores da masculinidade, que incluem, como um dos níveis, as mulheres.

No bar **Princesa**, um dos programas de televisão a noite apresentava um documentário sobre a vida do jogador de futebol, Diego Maradona, e sua extradição da

¹²² A este respeito ver Duarte (1986) e Fonseca (1987).

Itália em função do uso de drogas. Os homens comentavam o programa, fazendo muito barulho e entrecortando a narrativa do apresentador. Comparavam o destino do jogador com o de outros jogadores de futebol como, por exemplo, Garrincha e Pelé. O tema é muito comum, avaliavam não exatamente se a acusação a Maradona era moralmente justa ou não, mas se o jogador tinha sido *bobo*, ingênuo o suficiente *para ser pego pela polícia*. Na opinião dos homens, Maradona deveria ter tido a *esperteza* para escapar à acusação ou não propiciá-la. O paradigma da malandragem era um modo de avaliação deste jogador e de identificação deste, que se estendia aos outros exemplos que eram lembrados seqüencialmente. É interessante, para este exemplo, registrar que na maioria dos freqüentadores deste bar se identificam como policiais ou ex-policiais.

A atribuição de fracasso ao jogador era unânime, e ficou comprovada por um dos comentários que encerrou esta "rodada" de conversas, verdadeiros duelos verbais. A imagem do casamento de Maradona na igreja e o beijo da noiva vestida de branco marcaram o fim dos comentários: vendo a cena, um homem a referiu como o *beijo da morte*. Todos riram, e, a partir daí, mudaram de assunto. Esta situação específica parece-me paradigmática do modo como às mulheres se tornam assunto entre homens.

A associação da situação de casamento com a morte não só relaciona a mulher diretamente à morte, mas emerge de assuntos que dizem respeito aos homens, no caso, a vida de um jogador de futebol. A relação entre morte e mulher, ou morte/casamento, não encerra a questão, não é uma dualidade auto-explicativa. Nas conversas entre os homens, as mulheres são acusadas de impedirem os homens de realizar suas atividades lúdicas. Os jogadores de botões, segundo relatam, *voltam* a jogar botões depois de terem *se livrado das obrigações* domésticas. Um de meus informantes lembra para mim o momento em que seu pai encontrou na rua um outro homem, como ele freqüentador de um determinado bar. Como seu pai não houvesse aparecido no bar por algum tempo, o outro homem, como ele pergunta: *E aí, virou gambá caseiro?*

Entre as idéias que perpassam estas situações, a que percebo como recorrente é a de que as mulheres provocam uma retirada do homem do convívio com outros homens. Neste sentido, a entrada no espaço doméstico representa, entre homens não só como um outro papel - o de pai *de família* - mas ter sido domesticado. A morte associada à mulher (por ela provocada) é uma morte simbólica na medida em que em diferentes relatos, um homem é retirado do convívio com outros homens. Evidencia-se, desta forma, o quanto o convívio entre homens no espaço lúdico é considerado prazeroso e constituidor da masculinidade, em contraposição ao mundo do trabalho e das *obrigações*. De certa forma, se atribui às mulheres o "poder" ou a responsabilidade de romper as cumplicidades estabelecidas entre os homens, retirando-os dos momentos lúdicos. A ambigüidade com a qual são representadas as mulheres reside no fato de que, para mostrar-se homem, um homem deve afirmar publicamente através das *cantadas* que as mulheres são o que ele deseja. Eles não podem, portanto, somente evitá-las¹²³.

A mulher é duplamente *cantada*: ela deve ser abordada, necessariamente, por um homem, assim como também é tema de muitas músicas. Embora em meu trabalho de campo esta segunda situação fosse um pouco mais rara. Algumas das músicas trazidas aos butecos, nas diferentes formas, correspondem ao que foi analisado por Oliven (1987):

No imaginário masculino tal como representado na MPB, é a mulher que figura como pivô desse conflito entre a necessidade ou a obrigação de trabalhar e o desejo de prazer. Ela desempenha simultaneamente dois papéis. Primeiro o de representante do mundo da ordem - consubstanciado na instituição da família -, que funciona como agente do princípio de realidade, ou seja, símbolo da exigência de levar dinheiro para casa e da monotonia do cotidiano (...). No pólo oposto, na condição de amante, representa uma fonte potencial de prazer. Neste caso, porém, é uma personagem perigosa: não estando inserida no mundo da ordem (na família), pode facilmente transformar-se em piranha (a analogia com um peixe extremamente destrutivo é significativa) e, abandonando o homem, transformando-o em otário - o reverso do malandro. (1987:57).

¹²³ Esta atitude é mais comum entre homens de uma faixa etária mais jovem. Por outro lado, os homens mais velhos também devem mostrar-se ativos.

Ou seja, a mulher é associada a uma obrigação do homem em provê-la, em deixar o espaço lúdico e ingressar no mundo do trabalho. Como vimos a idéia de um homem capaz de sustentar-se e sustentar uma família é um elemento partilhado entre homens. Com relação às mulheres, o homem provedor torna-se uma resposta a uma solicitação entendida como primeiramente feminina. Do ponto de vista destes homens, as mulheres são muito *ciumentas*, pois querem os homens para si. Isto representaria uma inversão da posição que uma mulher deveria ter em relação ao homem, ser a **mulher de** um homem, e não o contrário. Ainda assim, as mulheres são acusadas de retirá-los do convívio com outros homens.

Considerando o bairro Cidade Baixa, onde foi realizada esta pesquisa, e seus vínculos com a atividade boêmia, a referência a trechos de músicas das década de 40 a 60, entre outras, é significativa. A faixa de idade de meus entrevistados, muitos entre os cinquenta e oitenta anos, é um fator importante quanto a gostos. Os homens nos bares da Cidade Baixa demonstravam conhecer, gostar e partilhar de, pelo menos, uma das músicas, como "sua música" - "A volta do boêmio". Partindo da análise de Oliven (1987), a música "A volta do Boêmio" é uma síntese interessante. Ela relata o retorno de um homem à boemia, ao convívio com velhos amigos, com o consentimento e a compreensão da mulher, que lhe entrega o violão.

A música tanto expõe uma representação do espaço que detém a mulher no imaginário masculino quanto é uma justificção para os homens de onde está sua mulher e, por outro lado, apresenta uma "mulher ideal", que compreende os referenciais masculinos. A música é essencialmente polifônica em sua mensagem e constituição, demonstrando um jogo de vozes e um texto relacional. Trata-se de vários diálogos reproduzidos por um homem sobre o que seria a fala de outros homens e a fala da mulher em relação a ele, diz:

(Homem)... Voltei, pra rever os amigos que um dia eu deixei a chorar...

(Outros) Ele voltou, o boêmio voltou novamente, partiu dali tão contente, por que razão quer voltar...

(Homem) Acontece que a mulher que floriu meus caminhos, de ternura, meiguice e carinho, (...) no meu coração. (...) me abraçou me dizendo a sorrir.

(Mulher) Meu amor, você pode partir, não esqueça do seu violão, pra rever os teus rios os teus montes, cascatas a sonhar de volta a serenata, e abraçar meus amigos leais (**os amigos do homem**). Vai embora, pois me resta o consolo e alegria, de saber que depois da boemia, é de mim que você gosta mais. (transcrição de gravação de trabalho de campo, os grifos são acréscimos de minha parte).

A referência às mulheres ocorre de um modo "indireto". Através das representações masculinas sobre as bebidas alcoólicas encontro um dos modos dos homens de expressar as representações sobre as mulheres e referirem-se a elas. Através das **bebidas** como líquido ou essência **feminina**, outros significados são trazidos, tanto concretamente (na indicação de que alguém *conversa com um copo*, quando bêbado) quanto através dos efeitos ocasionados (potenciais) pelas bebidas. Ou seja, mesmo autosegregados entre homens, elas ocupam um lugar simbólico importante na relação entre os homens e uma presença marcante nos butecos. Os homens, em sua relação com outros homens, reservam a elas um lugar e uma presença simbólica importante.

Há uma espécie de "cadeia de significados" que relaciona homens e mulheres através das bebidas. A cachaça é a *branquinha*, a cerveja é a *loira* ou a *morena*. As bebidas alcoólicas, que até então aqui foram mencionadas como sendo o alimento masculino (para homens), são vistas como femininas. Havia sempre uma ambigüidade quando meus informantes diziam que os homens vinham aos bares *por causa dela*, o que eu poderia entender que se tratasse tanto das bebidas quanto de mulheres (ausentes).

Desta forma, a bebida alcoólica é expressa como feminina e para homens. A ingestão da bebida pode ser percebida como a incorporação simbólica do feminino (que é exógeno). A partir desta atitude, um homem adquire a legitimidade entre outros homens para demonstrar sua tristeza ou melancolia. Em uma das situações em que se ouvia música, e as canções falavam sobre sentimentos e mulheres, os homens afirmavam

repetidas vezes: *é por isso que eu bebo*. Estas, no entanto, são as suas emoções, não as emoções sobre um fato específico de suas vidas, episódios concretos. Não mencionam as desavenças com as *suas* mulheres. Quando falam diretamente de sua experiência com suas mulheres, outros homens podem indicar o seu excesso na bebida - e o indicam como *bêbado*.

A partir da ingestão das bebidas - alimento masculino - os homens falam dos sentimentos e do *coração*. São as bebidas entendidas como aquilo que estabelece uma situação de **transbordamento**. Nesta cadeia de significados, a emoção, que reside no *coração*, emerge através das bebidas alcoólicas, e ambas, emoções e bebidas, são consideradas como perigosas e atraentes, a serem controladas. São as bebidas (e as mulheres) as provocadoras das emoções que são trazidas à tona. As emoções são de uma qualidade diferenciada dos momentos festivos onde o riso e as jocosidades predominam. Através do controle sobre estes elementos - bebida, emoções - é construída a masculinidade, ato que deve ser feito e refeito a cada momento entre homens nos butecos. As atitudes masculinas devem corresponder não exatamente a um estado de sobriedade permanente, mas a um constante desafio de autocontrole. Em outras palavras, a masculinidade não é construída pelo evitar um estado de desrazão (perda de razão) ocasionado pelas bebidas, mas pelo contato com algo que é potencialmente feminino (bebida e emoções) e que desafia o autocontrole e aciona a necessidade de um controle sobre **elas**.

Através desta sobreposição entre bebida e mulheres, posso retomar a discussão que evoquei de Lévi-Strauss (1976) sobre as reciprocidades estabelecidas através de um bem social. As bebidas detêm uma ambigüidade, podem ser consideradas como aquilo que estabelece reciprocidades, e como a "presença" simbólica do feminino. Na perspectiva dos homens nos butecos, as bebidas estabelecem uma das formas de vínculos entre homens, como bens sociais a partir dos quais são construídas regras de distribuição e tabus, elas estabelecem vínculos sociais. Há um reinvestimento simbólico na

medida em que não são diretamente as mulheres que proporcionam vínculos entre os homens, e sim as bebidas. Enquanto femininas, o paralelo com as mulheres se reforça. Elas, bebidas ou mulheres, são entendidas como potencialmente perigosas, pois, podem retirar os homens de seu autocontrole e também deste estado de cumplicidade.

São os homens que estabelecem estas trocas simbólicas e, no caso, eles que ordenam a relação entre os homens nos butecos¹²⁴. Esta percepção de que os homens ordenam as relações sociais é possível de ser visualizada diretamente tendo como referência as mulheres. Na perspectiva dos homens, uma mulher *desacompanhada* no buteco encontra-se sem vínculos sociais. É atribuição masculina trazê-la desta situação de *desconhecida* para a condição de *acompanhada*. Em um sistema baseado na noção de *respeito*, a posição *de respeito* de uma mulher está referida não só à posição social do homem, mas se primeiramente ela detém **alguma relação com algum homem**. Neste sentido, os homens, assim como consideram um atributo masculino estabelecer as reciprocidades entre homens - fazer-se homem - também se entendem como operadores desta passagem das mulheres, de um estado de "indefinição", para um estado social, ou se quisermos retomar Lévi-Strauss, da **natureza para cultura**.

Nos diferentes estudos da relação entre gêneros em sociedades mediterrâneas (baseadas na honra), as associações entre homem/cultura, mulher/natureza, são recorrentes. Na análise de Brandes (1980) isto fica evidente na articulação que os homens Monteros efetuam entre a promiscuidade feminina e um estado de natureza a ser dominado pelo homem. No entanto, o que poderia ser visto simplesmente como uma situação de subordinação da mulher - a identificação de uma dicotomia desta ordem - não exclui o fato de que outros significados sejam criados. Os homens Monteros, por exemplo, acreditam que as mulheres são mais fortes, uma vez que morrem relativamente mais tarde que os homens e, que através da menstruação - um dado considerado da natureza -

¹²⁴ O quanto esta concepção se projeta para "fora" dos butecos - na esfera doméstica - não faz parte nem do alcance desta pesquisa, nem termos de delimitação de universo nem de objetivos.

"limpam" seu sangue constantemente. O dado compensador natural masculino - o sêmen - é considerado como gerador da força masculina. Um homem perde seu sêmen no decorrer de sua vida, e mais, perde seu sêmen para a mulher.

Nestas diferentes elaborações simbólicas, a associação da mulher à natureza e do homem à cultura não significa somente uma distribuição desigual de poderes, mas sim uma distribuição de diferentes poderes dentro de um sistema baseado na honra. Tal distribuição informa práticas sociais entre gêneros e, os tornam sujeitos. Nestas representações, os homens percebem-se como legítimos operadores culturais da sociedade com relação à natureza, pois eles, na condição de homens, se colocam, por exemplo, como provedores, que alimentam a si próprios e às mulheres.

A associação do homem ao nível da cultura - como operador cultural - enquanto as mulheres relacionam-se à natureza, é expressa de diferentes modos entre os homens nestes bares, tanto na divisão do trabalho entre os donos dos bares e as *suas* mulheres, quanto nas atitudes que envolvem os usos das bebidas alcoólicas. Mas são os homens embriagados que expressam melhor estas representações, e são logo controlados por outros homens. Certa ocasião no bar **Princesa**, por exemplo, um homem estava sozinho bebendo e olhava para mim. Eu e **Pedro** estávamos conversando, quando **Pedro** disse que o homem estaria falando comigo. Como mencionei anteriormente, minha presença, quando *acompanhada*, provocava outro tipo de fala dos homens, falavam diretamente para uma mulher, para mim. Neste caso, minha presença parecia também um pretexto para uma reflexão. O homem dizia, *um dia eu vou me casá, um dia eu vou arranjar uma merda, eu nasci de uma mulhé, um dia eu vou arranjá uma merda pra voltar*. O dono do bar, vendo-o *bêbado*, serviu-lhe uma bebida e em seguida colocou-o para fora do bar.

A relação entre mulher e natureza está também presente na associação que, no trecho citado, é reconhecida por Oliven (1987) - mulher e piranha - e em outras formas

de denominar as mulheres¹²⁵. No caso acima descrito, no entanto, torna-se mais clara, construída como, *mulher - merda*. A associação não me parece simples, frente a outras referências que encontro entre estes homens. A afirmação veio associada a várias idéias. O homem afirma que quer casar com uma mulher. Nasceu de uma mulher. Este casamento é um **retorno** a ela de um modo distinto. Expressa um percurso em que o homem saindo da natureza, pelo nascimento ou ato sexual, deve conquistar sua condição na cultura, construindo-se homem.

É interessante ter em mente que, para estes homens, a masculinidade deve ser refeita continuamente entre homens: através dos jogos e desafios, através de demonstrações entre homens e de jogos ou *provas*, entre as quais, o *fazer filhos*. Quando o homem no bar **Princesa** menciona o retorno evidencia - o que raramente ocorre - que foi criado por uma mulher e isto requer uma reelaboração simbólica. Evidencia uma apreensão específica do masculino e do feminino. Um homem deve controlar a natureza/feminino através da aquisição de uma mulher. De outra forma, deixar de exercer controle sobre a natureza, sobre o feminino, pode destituir um homem de sua situação de operador cultural, o que no exemplo está expresso como o retorno pela "aquisição" de uma mulher. Embora estes comentários acima não sejam comuns entre homens "sóbrios", não os tornam menos verdadeiros, são significativos da construção social da masculinidade.

Desta forma, as representações sobre a mulher remetem tanto a uma imagem social sobre gênero feminino (a elaborações simbólicas sobre "as mulheres"), quanto a sua auto-imagem masculina. É uma construção relacional específica onde os homens temem e sentem-se atraídos pelo "outro" gênero, pelos atributos que as mulheres portam, concebidos como **diferenciados e opostos ao homem**. Percebem-se opostos ao

¹²⁵ As falas constituídas em duelos verbais e os significados produzidos não são aleatórios. Ver Leach (1966) onde entende a linguagem e as classificações dentro de uma cultura como uma "ordenação e construção do self".

feminino, ao plano da "natureza". Os homens afirmam a importância e a preponderância do ato de **estar entre homens**, como o momento por excelência em que se refazem da jornada de trabalho, concebem-se homens, e afirmam-se como provedores, como **organizadores** do nível da "cultura". Neste sentido, as elaborações simbólicas destes homens sobre as mulheres, adquirem um espaço privilegiado por estes atributos indicarem uma possibilidade a mais de provar-se homem - um outro desafio à masculinidade. Um reinvestimento simbólico na condição de operadores ao nível da cultura. Entendo os espaços de auto-segregação masculina em classes populares como um dos modos da elaboração e produção de significados de uma cultura masculina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÉS, Philippe. Historia de la Vida Privada. Philippe Ariés y Georges Duby. Trad. Francisco Perez Gutierrez, Madrid, Taurus, 1989.
- ASSIS BRASIL, Luiz A. Cães da Província. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1989.
- BADINTER, Elisabeth. Um é o Outro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rabelais. São Paulo, Hucitec e Editora da UNB, 1987.
- BALANDIER, Georges. Antropo-lógicas. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BARTH, Fredrik. Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference. Little, Brown and Company, Boston, 1969.
- BARTHES, Roland. A Aula. São Paulo, Cultrix, 1974.
- _____. Fragmentos de um Discurso Amoroso. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990.
- BASTOS, Rafael J. de Menezes. "Dionísio no Desterro ou o "Boi no Campo" da Ilha de Santa Catarina: Nota Preliminar sobre uma Tauromaquia e Taurifagia Catarinenses". IN: Lacerda, E. Pascele (et alli). Farra do Boi: Introdução ao Debate. Florianópolis, FFC, 1990.
- BATESON, Gregory. "Attitudes toward Death". IN: Naven. Stanford University Press, Califórnia, 1958.
- BENEDICT, R. O Crisântemo e a Espada. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- BERNAND, Carmen. "De la Rébellion à la Pathologie. Ébauche d'une Anthropologie de la Boisson". IN: Antropologia Médica per un Confronto di Culture Sui Temi Della Salute. Aspetti Antropologici dell'alcoolismo. n.2. Paris, Outubro, 1986.

BETTANINI, Tonino. Espaço e Ciências Humanas. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

BOLTANSKI, Luc. Les Cadres: la Formation d' un Groupe Sociale. Paris, Minit, 1982.

BOURDIEU, Pierre. Algeria 1960. Cambridge University Press, 1979.

_____. Distinction - A Social Critique of the Judgement of Taste. Harvard, University Press Cambridge, Massachusetts, 1984.

_____. "The Objective Limits of Objectivism". IN: Outline of a Theory of Practice. Cambridge University Press, 1985.

_____. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro, Ed. Difel, Memória e Sociedade, 1989.

_____. "La Domination Masculine". IN: Actes de la Recherche. n.84. Paris, avr., 1990.

BRANDES, Stanley. "Masculine Metaphors in Folk Speech". IN: Metaphors of Masculinity: Sex and Status in Andalusian Folklore. University of Pennsylvania Press, 1980.

BURY, Mike. "The Social Significance of Snooker: Sports-Games in the Age of Television". IN: Theory Cultures & Society. Vol3. nº2. New York. 1986.

CALDEIRA, Tereza. "Uma Incursão pelo lado "Não-Respeitável" da Pesquisa de Campo. Trabalho Apresentado na IV Reunião da ANPOCS, Rio de Janeiro, 1980.

_____. A Política dos Outros. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1984.

_____. "A Presença do Autor e a Pós-Modernidade na Antropologia". IN: Estudos Cebrap n.21, São Paulo, 1988.

CARVALHO, José Jorge. "O Jogo das Bolinhas de Vidro: uma Simbólica da Masculinidade". IN: Cadernos de Antropologia, UNB. Brasília, 1980.

CHAULHOU, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim - O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Epoque. São Paulo, Brasiliense, 1986.

_____. "As Classes Perigosas." IN: Revista Os Trabalhadores. São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura, 1990.

CHODOROW, Nancy. "Estrutura Familiar e Personalidade Feminina". IN: Rosaldo, M. & Lamphere, L. A Mulher, a Cultura, a Sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

COENEN-HUTHER, Jacques. "Encounter between Ethnology and Sociology: The Case of Joking Relationships". IN: International Sociology. Vol2. No.1. 1985.

DAMATTA, Roberto. A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

_____. Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro. 4a edição. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1983.

_____. "Esporte e Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro". IN: Universo do Futebol. Revista Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

DOUGLAS, Mary. "The Social Control of Cognition: Some Factors in Joke Perception". Makerere Conference on Joking Relationships. Muirhead Society, Birmingham, 1966.

DUARTE, L. Fernando. Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

_____. "Pouca Vergonha, Muita Vergonha: Sexo e Moralidade entre as Classes Trabalhadoras Urbanas". IN: Lopes, José Sérgio Leite. Cultura e Identidade Operária. Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora. Museu Nacional, UFRJ-PROED, 1987a.

_____. "Identidade Social e Padrões de Agressividade Verbal em um Grupo de Trabalhadores Urbanos". IN: Lopes, José Sérgio Leite. Cultura e Identidade Operária. Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora. Museu Nacional, UFRJ-PROED, 1987b.

DUFOUR, Annie-Hélène. "Cafés des Hommes en Provence". IN: Sommaire. Terrain 13, Paris, 1989.

DURKHEIM, Émile & Mauss, Marcel. Primitive Classification. Chicago, The University of Chicago Press, 1969.

ECO, Umberto. A Estrutura Ausente. São Paulo, Perspectiva, 1974.

FERREIRA, Athos Damasceno. Imagens Sentimentais da Cidade. Porto Alegre, Ed.Globo, 1940.

_____. Persianas Verdes. Porto Alegre, Ed. Globo, 1967.

_____. Colóquios com a Minha Cidade. Porto Alegre, Ed. Globo, 1970.

_____. O Carnaval Portoalegrense no Século XIX. Porto Alegre, Ed. Globo, 1970b.

FERNANDES, Ruben César. Os Cavaleiros do Bom Jesus: Uma Introdução às Religiões Populares. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982.

FLORES, L. B. Neves. "Na Zona do Agrião: Sobre Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol". IN: Universo do Futebol. Revista Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

FONSECA, Claudia Lee. Aliados e Rivais na Família: o Conflito entre Afins em uma Vila Portoalegrense. Revista Brasileira de Ciências Sociais. n.4, vol2, 1987.

_____. Feminino, Masculino e Formas de Poder: O Código de Honra em uma Vila Portoalegrense. Porto Alegre, Cadernos de Estudos, PPGAS/UFRGS, 1988.

_____. Cavalo Amarrado Também Pasta: Considerações sobre a Honra, a Reciprocidade e a Percepção do Tempo na Relação Conjugal de um Grupo Popular da Região Sul. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, 1991.

FOLHA DA TARDE (Jornal/arquivos). Porto Alegre, 03.04 de 1969.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1988.

FRAGOSO, Augusto Tasso. A Revolução Farroupilha. 1835-1845: Narrativas Sintéticas das Operações Militares. Almanak Laemmert, Ltda, Rio de Janeiro, 1938.

FRANCO, Sergio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1988.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas, Sinais. São Paulo, Cia das Letras, 1989.

GONZALEZ, Demósthene. Roteiro de um Boêmio. Porto Alegre, Sulina, 1986.

GUMPERTZ, John & HYMES, Dell. "The Ethnography of Communication". IN: Directions in Sociolinguistics. N.Y., Hwet, 1972.

JARDIM, Denise F. "Em Busca de um Título: As Diferentes Versões a cerca do Futebol". Porto Alegre, Monografia PPGAS, 1989.

KEHL, Maria Rita. "Masculino/Feminino: o Olhar da Sedução". IN: Aduato Novaes et ali. O Olhar São Paulo. Cia das Letras, 1988.

KNAUTH, Daniela R. Os Caminhos da Cura: Sistema de Representações e Práticas Sociais sobre a Doença e Cura em uma Vila de Classes Populares. Porto Alegre, PPGAS - UFRGS, 1991. (Dissertação de Mestrado).

KNUDSEN, Anne. "Men killed for Women's Songs". In: Culture & History. No.3, 1988.

LEACH, Edmund. "Anthropological Aspects of Language: Animal Categories and Verbal Abuse." IN: Lenneberg, E.. New Directions in the Study of Language. Cambridge, The MIT Press, 1966.

LEAL, Ondina Fachel. "Verbal Dueling and Other Challenge Discourses: Male Representations of Sex and Power in Brazil". Trabalho apresentado na Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Curitiba, 1984.

_____. A Leitura Social da Novela das Oito. Petrópolis, Vozes, 1986.

_____. Gaúchos: Male Culture and Identity in the Pampas. Ph.D. Tese de Doutorado em Antropologia, University of California at Berkeley, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. As Estruturas Elementares do Parentesco. São Paulo, Ed. Vozes, 1976.

_____. L'Identité. Paris, Gresset, 1977.

_____. O Totemismo Hoje. São Paulo, Abril Cultural, 1985. (Os pensadores).

_____. O Pensamento Selvagem. Campinas, Papirus Editora, 1989.

LEWGOY, Bernardo. Os Cafés e as Transformações na Vida Urbana de Porto Alegre: da Distinção à Igualdade. Porto Alegre, Trabalho elaborado para seleção de mestrado do PPGAS- UFRGS, 1988.

MACEDO, Francisco Riopardense de. Porto Alegre: História e Vida da Cidade. Porto Alegre, Editora da Universidade. UFRGS, 1973.

MACHADO, Lia. "Família, Honra e Individualismo". Série de Antropologia Social, UNB, n.47. 1985.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. "O Significado do Botequim". IN: Cidade Usos & Abusos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1978.

MAFFESSOLI, Michel. A Conquista do Presente. Rio de Janeiro, Rocco, 1984.

MAGNANI, J.G. Cantor. Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.

_____. "Discurso e Representação ou de como os Baloma de Kiriwana Podem Reencarnar-se nas Atuais Pesquisas". IN: Cardoso, Ruth. A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

MARCUS, George. "Identidades Passadas, Presentes e Emergentes: Resquícios para Etnografias sobre a Modernidade no Final do Século XX ao Nível Mundial". Trabalho publicado pela Associação Brasileira de Antropologia, Florianópolis, 1990.

MARIANTE, Hélio Moro. Farrapos: Guerra à Gaúcha. Porto Alegre, Ed. Martins Livreiro, 1985.

MAUSS, Marcel. "As Técnicas Corporais". IN: Mauss - Sociologia e Antropologia. Vol 2. São Paulo, EDUSP, 1974.

_____. "Ensaio sobre a Dádiva. Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas". IN: Mauss - Sociologia e Antropologia. Vol 2. São Paulo, Edusp, 1974.

MEAD, Margareth. Sexo e Temperamento. São Paulo, Perspectiva, 1969.

MICELI, Sérgio. A Noite da Madrinha. São Paulo, Perspectiva, 1972.

MOCCELLIN, Maria Clara. "Lembranças e Vivências do Mito de Origem em uma Sociedade Local de Descendentes de Imigrantes Italianos". Trabalho apresentado em Reunião da Associação Brasileira de Antropologia - Região Sul, 1991.

NEVES, Delma Pessanha. "Nesse Terreiro, Galo Não Canta". Trabalho Apresentado na VI Reunião da ANPOCS. Friburgo, 1982.

OLIVEN, Ruben G. Urbanização e Mudança Social no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1982.

_____. Violência e Cultura no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1986.

_____. "A Mulher Faz e Desfaz o Homem". IN: Ciência Hoje. Vol 7. N. 37, 1987.

ORTIZ, Renato. A Moderna Tradição Brasileira. São Paulo. Editora Brasiliense, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Cotidiano da República. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1990.

_____. (coord) Memória Porto Alegre. Espaços e Vivências. Porto Alegre, Editora Universidade, UFRGS e Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.

PETONNET, Colette. "Les Corps". IN: On est Tous dans le Brouillard. Paris, Fayard, 1977.

PITT-RIVERS, Julian. Antropologia del Honor: Política de los Sexos. Barcelona, Crítica, 1977.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Projeto Renascença. 1975.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Evolução do Carnaval Latino-americano". IN: Ciência e Cultura. 32 (11), 1980.

_____. "Carnaval Brasileiro: da Origem Européia ao Símbolo Nacional". IN: Ciência e Cultura. n.39(8):717-729, 1987.

RABINOW, Paul. Reflections on Fieldwork in Morocco. University of California Press, Ltd. Berkeley, Los Angeles, London, 1977.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. "On Joking Relationships". Structure and Function in Primitive Society. New York, Free Press, 1965.

RAGO, Luiza Margareth. Do Cabaré ao Lar: a Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil 1890 - 1930. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

ROSALDO, M. "The Use and Abuse of Anthropology: Refletions on Feminism and Cross-cultural Understanding". IN: Journal of Women in Culture and Society, vol 5. no 31. 1980.

ROSALDO, R. "Grief and a Headhunter's Rage: on the Cultural Force of Emotions". IN: E.H. Bruner (Ed) The Construction & Reconstruction of Self in Society. Washington, DC. The American Ethnological Society, 1984.

SAHLINS, Marshall. Cultura e Razão Prática. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1979.

_____. Ilhas de História. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1990.

SANHUDO, Ary Veiga. Crônicas da Minha Cidade. Porto Alegre, Sulina, 1961.

- SARTRE, Jean-Paul. "O Existencialismo é um Humanismo". IN: Coleção Os Pensadores. São Paulo. Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.
- SCOTT, Joan. "Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica". IN: Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, 16(2):5-22, jul/dez. 1990.
- SCOTT, R. Perry. "O Homem na Matrifocalidade: Gênero, Percepção e Experiências do Domínio Doméstico". IN: Cad. Pesq., São Paulo (73) : 38-47, 1990a.
- SEEGER, A., DaMatta, R. & Viveiros de Castro. "A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras". IN: Pacheco de Oliveira. Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero, 1987.
- SEIDLER, Victor J. "Reason, Desire, and Male Sexuality". IN: Caplan, Pat. The Cultural Construction of Sexuality. Londres, Tavistock, 1987.
- SENNET, Richard. O Declínio do Homem Público: as Tirantias da Intimidade. TR. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- SILVA, Joseani Abrunhosa. "Cidade Baixa: Carnaval e Território Negro. Um estudo sobre Memória e Identidade". Trabalho apresentado em Reunião da Associação Brasileira de Antropologia - Região Sul, 1991.
- SIMMEL, Georg. "Sociabilidade - um Exemplo de Sociologia Pura ou Formal". IN: Sociologia. Evaristo Moraes Filho. São Paulo, Ática, 1983.
- SINGER, Paul. "Urbanização e Desenvolvimento: o Caso de São Paulo". IN: Economia Política da Urbanização. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.
- SPALDING, Walter. Esboço Histórico do Município de Porto Alegre. Porto Alegre, Ed. Typographia do Centro S.A, 1967.
- STAVENHAGEN, Rodolfo. Estratificação Social e Estrutura de Classe. IN: Velho, Otávio Guilherme et alli. Estrutura de Classes e Estratificação Social. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973.

SUÁREZ-OROZCO, Marcelo Mario. "A Study of Argentine Soccer: The Dynamics of its Fans and their Folklore". IN: The Journal of Psychoanalytic Anthropology 5(1) 1982.

SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA - PORTO ALEGRE. Memória dos Bairros: Restinga. Porto Alegre, 1990.

TURNER, Victor W. "A Communitas, Modelo e Processo". IN: O Processo Ritual. Petrópolis, Vozes, 1974.

VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

_____. Subjetividade e Sociedade: uma Experiência de Geração. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

VICTORA, Ceres G. Mulher, Sexualidade e Reprodução: Representações de Corpo em uma Vila de Classes Populares em Porto Alegre. Porto Alegre, PPGAS - UFRGS, 1991. (Dissertação de Mestrado).

VOGEL, Arno. "O Momento Feliz: Reflexões sobre o Futebol e o Ethos Nacional". IN: Universo do Futebol. Revista Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

A N E X O

ÍNDICE:

Os mapas a seguir compõem as modificações sofridas pela Cidade de Porto Alegre - e o bairro Cidade baixa - em diferentes épocas. Neste sentido, eles são uma espécie de ilustração do texto, embora enquanto ilustração ainda sejam uma representação de cada época sobre o espaço urbano e como se apresenta (ou deve se apresentar).

Mapa n.I.

Porto Alegre e seu sistema de Defesa de 1835 a 1845. A letra **B** corresponde a atual Cidade Baixa. Fonte: Mariante (1985).

Mapa n.II.

Detalhamento das fortificações. O Riacho, *riachinho* ainda aparece e a ponte de pedra está indicada. Fonte: Mariante (1985).

Mapa n.III.

A cidade de Porto Alegre em diferentes perspectivas em 1839. As fortificações aparecem novamente no mapa. A zona central (atual) fica na península onde há a concentração da população. Os "vazios" nos mapas corresponde a áreas de várzea onde se localizavam olarias, moinhos, etc. Fonte: Frago (1938).

Mapa n.IV.

Plano Geral de melhoramentos da Cidade de 1914. O mapa é uma representação que permite visualizarmos as perspectivas traçadas para a cidade. A área delimita por mim dentro do retângulo corresponde à Cidade Baixa. Fonte: Macedo (1973).

Mapa n.V

A cidade atualmente. A área grifada corresponde ao bairro Cidade Baixa, especialmente a área pesquisada. Ao lado do número **12** está a ponte de pedra de onde o riacho foi desviado, hoje somente um lago. Os números **13** e **11** estão colocados em uma das principais avenidas do bairro.

Mapa n.VI.

A Cidade Baixa atual. Detalhamento e aproximação com o espaço urbano, um pequeno fragmento do bairro. Há uma grande concentração de edifícios, casas e sobrados. O mapa torna-se saturado, o espaço esquadrihado de tal forma, demonstra o aproveitamento minucioso do espaço urbano. Fonte: SMOV - divisão de mapas.